



Fundação

**CECIERJ**

Consórcio **cederj**

Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro

## **Português V**

### **Volume 2**

Marli Hermenegilda Pereira  
Tania Mikaela Garcia Roberto  
Jacqueline V. B. Ramos



**SECRETARIA DE CIÊNCIA,  
TECNOLOGIA, INOVAÇÃO E  
DESENVOLVIMENTO SOCIAL**

**UNIVERSIDADE  
ABERTA DO BRASIL**

**MINISTÉRIO DA  
EDUCAÇÃO**



Apoio:



# Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

www.cederj.edu.br

## Presidente

Carlos Eduardo Bielschowsky

## Vice-presidente

Marilvia Dansa de Alencar

## Coordenação do Curso de Letras

UFF - Livia Maria de Freitas Reis Teixeira

## Material Didático

### Elaboração de Conteúdo

Marli Hermenegilda Pereira  
Tania Mikaela Garcia Roberto  
Jacqueline V. B. Ramos

### Direção de Design Instrucional

Cristine Costa Barreto

### Coordenação de Design Instrucional

Bruno José Peixoto  
Flávia Busnardo da Cunha  
Paulo Vasques de Miranda

### Design Instrucional

Gustavo Malheiros

### Biblioteca

Raquel Cristina da Silva Tiellet  
Simone da Cruz Correa de Souza  
Vera Vani Alves de Pinho

### Diretoria de Material Impresso

Marianna Bernstein

### Assistente de Produção

Bianca Giacomelli

### Revisão Linguística e Tipográfica

Flávia Rosa  
José Meyohas  
Mariana Costa  
Licia Matos

### Ilustração

Renan Alves

### Capa

Renan Alves

### Programação Visual

Camille Moraes  
Cristina Portella  
Larissa Averbug  
Maria Fernanda de Novaes  
Núbia Roma

### Produção Gráfica

Fábio Rapello Alencar  
Ulisses Schnaider

Copyright © 2018, Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Fundação.

P436p

Pereira, Marli Hermenegilda.

Português V. volume 2. / Marli Hermenegilda Pereira, Tania Mikaela Garcia Roberto, Jacqueline V. B. Ramos. – Rio de Janeiro : Fundação Cecierj, 2018.

184 p.; 19,0 x 26,5 cm

ISBN: 978-85-458-0089-7

1. Português 2. Segmentos consonantais. 3. Vogais nasais. 4. Encontros vocálicos. 5. Processos fonológicos. I. Roberto, Mikaela. II. Ramos, Jacqueline V. B. 1. Título.

CDD: 460

Referências bibliográficas e catalogação na fonte, de acordo com as normas da ABNT.  
Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

# Governo do Estado do Rio de Janeiro

## Governador

Luiz Fernando de Souza Pezão

## Secretário de Estado de Ciência, Tecnologia, Inovação e Desenvolvimento Social

Gabriell Carvalho Neves Franco dos Santos

## Instituições Consorciadas

### CEFET/RJ - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca

Diretor-geral: Carlos Henrique Figueiredo Alves

### FAETEC - Fundação de Apoio à Escola Técnica

Presidente: Alexandre Sérgio Alves Vieira

### IFF - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense

Reitor: Jefferson Manhães de Azevedo

### UENF - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

Reitor: Luis César Passoni

### UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Reitor: Ruy Garcia Marques

### UFF - Universidade Federal Fluminense

Reitor: Sidney Luiz de Matos Mello

### UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Reitor: Roberto Leher

### UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Reitor: Ricardo Luiz Louro Berbara

### UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Reitor: Luiz Pedro San Gil Jutuca



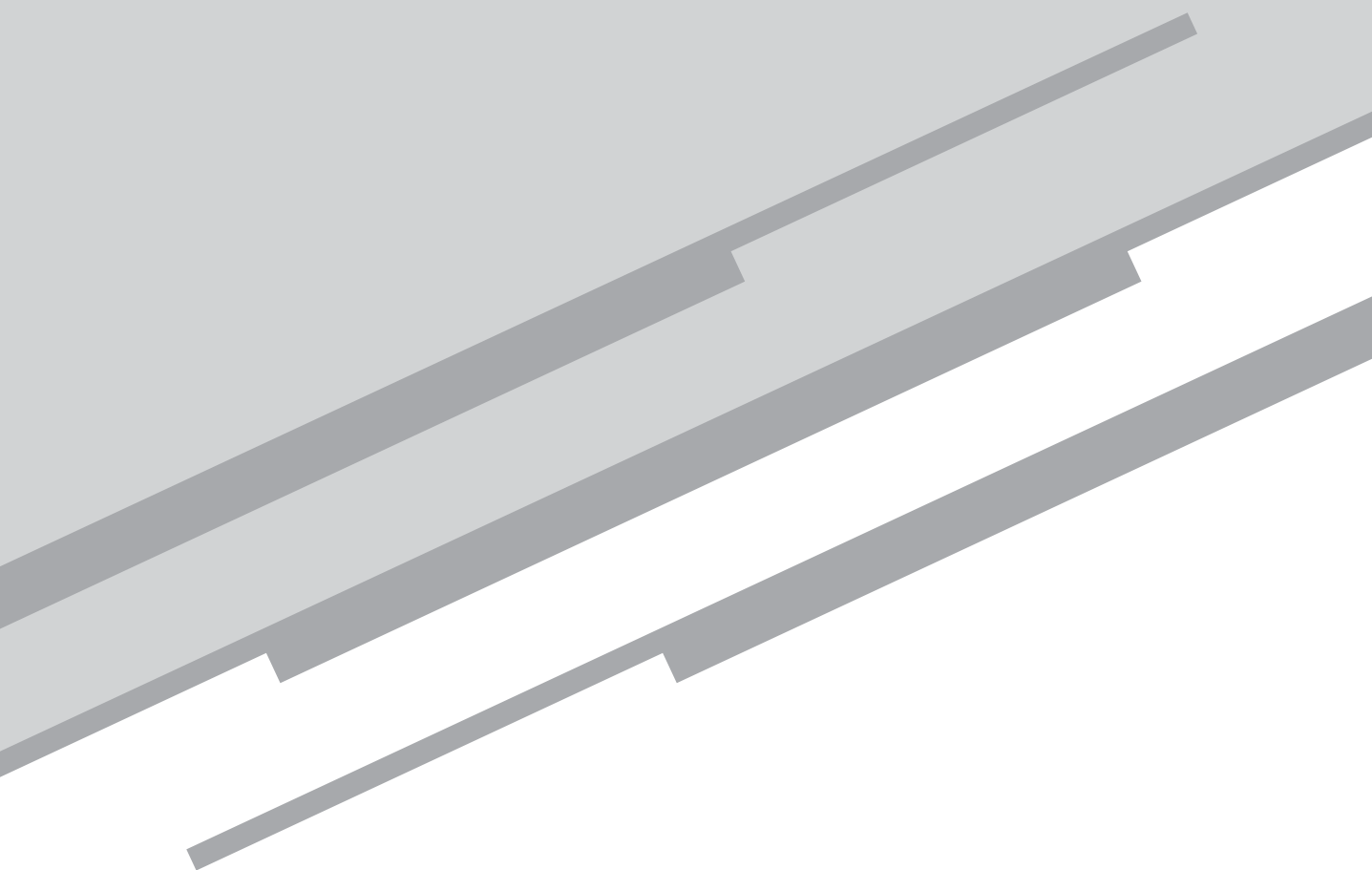
# Sumário

<b>Aula 10 • Descrição dos segmentos consonantais.....</b>	<b>7</b>
<i>Marli Hermenegilda Pereira</i>	
<b>Aula 11 • Vogais nasais.....</b>	<b>49</b>
<i>Marli Hermenegilda Pereira</i>	
<b>Aula 12 • Encontros vocálicos, encontros consonantais e dígrafo .....</b>	<b>65</b>
<i>Marli Hermenegilda Pereira</i>	
<i>Tania Mikaela Garcia Roberto</i>	
<b>Aula 13 • Processos fonológicos.....</b>	<b>87</b>
<i>Marli Hermenegilda Pereira</i>	
<i>Tania Mikaela Garcia Roberto</i>	
<b>Aula 14 • Questões Prosódicas .....</b>	<b>115</b>
<i>Marli Hermenegilda Pereira</i>	
<i>Tania Mikaela Garcia Roberto</i>	
<b>Aula 15 • Fonética estilística .....</b>	<b>127</b>
<i>Jacqueline V. B. Ramos</i>	
<i>Tania Mikaela Garcia Roberto</i>	
<b>Aula 16 • Fonética sintática .....</b>	<b>157</b>
<i>Jacqueline V. B. Ramos</i>	
<i>Marli Hermenegilda Pereira</i>	
<i>Tania Mikaela Garcia Roberto</i>	
<b>Referências.....</b>	<b>175</b>



# Aula 10

Descrição dos segmentos consonantais



*Marli Hermenegilda Pereira*

## Meta

Apresentar o sistema consonantal do português brasileiro e seu papel na produção dos sons de nossa língua, com ênfase nas transcrições fonética e fonológica desses segmentos.

## Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. descrever o sistema consonantal do português brasileiro;
2. transcrever, fonética e fonologicamente, as consoantes do português.

## Pré-requisitos

Para acompanhar esta aula, você precisará conhecer os conteúdos listados abaixo:

- consoante – Aula 3;
- alofone, fone e fonema – Aula 5;
- arquifonema e neutralização – Aula 6;
- transcrição fonética e fonológica – Aula 7;
- sílaba – Aula 8.

Caso seja necessário, retorne às aulas citadas para lembrá-los.

## Introdução

Na aula anterior, você aprendeu a descrição dos segmentos vocálicos e pôde constatar que as vogais apresentam grande variação fonética, de acordo com a posição que ocupam na sílaba. Nesta aula, você verá que muitas consoantes da língua portuguesa apresentam um quadro de alofonia bastante diversificado, muitas vezes relacionado a fatores dialetais (como região geográfica) e a fatores estruturais (como posição silábica).

Que tal iniciarmos com as consoantes em posição de ataque? Dize-mos que estão em posição de ataque as consoantes pré-vocálicas, como **ca-sa**; **fi-lho**; **bra-vo**. Mais adiante, trabalharemos as consoantes pós-vocálicas.

## Consoantes pré-vocálicas

Todas as consoantes do português podem preceder a vogal silábica (vogal núcleo da sílaba); no entanto, como você verá, algumas apresentam certas particularidades e ocorrem em contextos mais limitados.



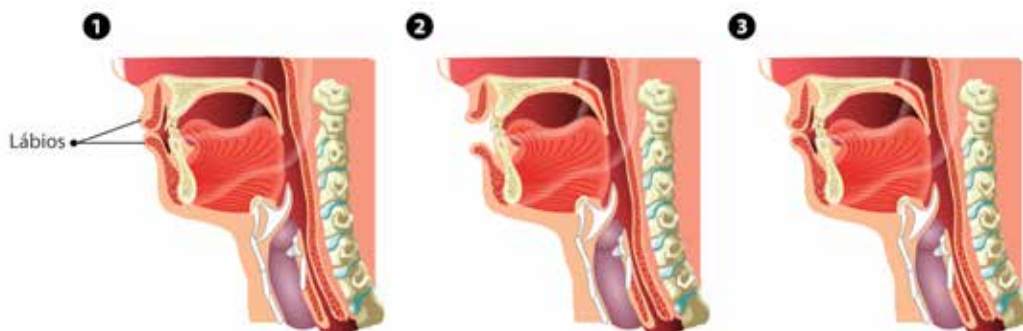
Você pode ouvir os sons consonantais do português no seguinte endereço: [http://www.fonologia.org/fonetica\\_consoantes.php](http://www.fonologia.org/fonetica_consoantes.php).

## Consoantes oclusivas e africadas

**Quadro 10.1:** Consoantes oclusivas do português

Consoantes oclusivas	Ponto de articulação	Grau de vozeamento
/p/ Ex. <b>pata</b> /b/ Ex.: <b>bata</b>	bilabiais	desvozeada/surda vozeada/sonora
/t/ Ex.: <b>teu</b> /d/ Ex.: <b>deu</b>	dentais ou alveolares	desvozeada/surda vozeada/sonora
/k/ Ex.: <b>cato</b> /g/ Ex.: <b>gato</b>	velares	desvozeada/surda vozeada/sonora

## As consoantes bilabiais

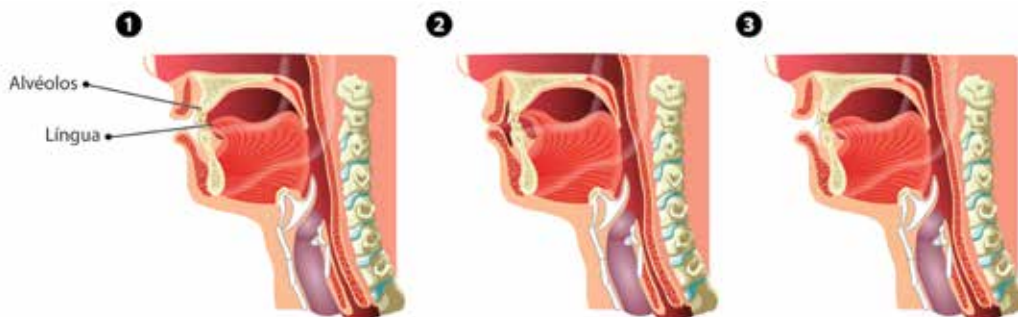


**Figura 10.1:** Para produzir as consoantes oclusivas bilabiais, a passagem do ar é brevemente bloqueada pelos lábios e, imediatamente a seguir, esse bloqueio é desfeito. Observe o movimento dos lábios na sequência das imagens.

As consoantes bilabiais /p/ e /b/ apresentam pronúncia uniforme em todos os dialetos brasileiros, ou seja, não costumam apresentar variação. Dessa forma, os mesmos símbolos usados para representar os fones são utilizados para representar o fonema.

Veja as consoantes iniciais das palavras *pata* e *bata*: ['patə] /'pata/; ['batə] /'bata/. Você pode observar que foram utilizados os mesmos símbolos na transcrição fonética – [p, b] – e na transcrição fonológica – /p, b/ –, não é mesmo?

## As consoantes dentais (ou alveolares)



**Figura 10.2:** Na produção das consoantes oclusivas dentais ou alveolares, ocorre a elevação da região anterior da língua (ponta da língua), na direção dos dentes incisivos superiores ou dos alvéolos. Observe o movimento da língua na sequência das imagens.

O par /t/ e /d/ apresenta alofonia somente quando esses sons vêm antes da vogal /i/. Diante das outras vogais e das consoantes grafadas pelas letras **l/r**, esses dois segmentos não apresentam significativa variação. Os seguintes exemplos ilustram o comportamento desses sons:

	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
tela	[ˈtɛlə]	/ˈtɛla/
tola	[ˈtolə]	/ˈtola/
tudo	[ˈtudu]	/ˈtudo/
troco (substantivo)	[ˈtrokʊ]	/ˈtroko/
dó	[ˈdɔ]	/ˈdɔ/
dedo	[ˈdedu]	/ˈdedo/
duro	[ˈduru]	/ˈduro/
data	[ˈdatə]	/ˈdata/
podre	[ˈpodɾɪ]	/ˈpodre/
atleta	[aˈtlɛtə]	/aˈtleta/

Vejam agora duas palavras: *tia* e *dia*, com transcrições fonológicas /ˈtia/ e /ˈdia/, respectivamente. Embora as transcrições fonológicas coincidam com a escrita ortográfica, o mesmo não se pode dizer das transcrições fonéticas de *pronúncias palatalizadas*, como a carioca. Observe em [ˈtʃiə] e [ˈdʒiə] um leve “chiamento” não encontrado, por exemplo, na fala dos gaúchos. Embora ocorra diferença fonética entre os dialetos carioca e gaúcho (chiamento × não chiamento), sob o ponto de vista gráfico, os fonemas /t/ e /d/ diante de /i/ são iguais, as diferenças ocorrem no âmbito físico, articulatório.



A palatalização, nesse caso, corresponde ao recuo da língua para a região do palato na pronúncia dos fonemas /t/ e /d/ seguidos da vogal /i/, o que pode corresponder a contextos ortograficamente representados pelas letras *e* (em sílabas átonas) e *i*, como em *leite*, *tiara*, *dica* etc.

Perceba que, na pronúncia carioca dos exemplos acima, temos uma espécie de *chiado* entre o *t* ou o *d* e a vogal que o segue.

São segmentos africados que se manifestam antes da vogal /i/ e das semivogais na realização ditongada da fala informal

Ex.: titia = “tchitchia” [tʃ], teoria = “tchiuria” [tʃ], dia = “dchia” [dʒ]

### Entendendo alofones posicionais... Escolhendo o fonema...

Alofones posicionais são variantes dos fonemas que acontecem devido à sua posição na sílaba. Apesar de termos diferentes alofones, eles correspondem apenas a um fonema.

Ex.: [tʃ] e [dʒ] no dialeto carioca, nas palavras *tia* e *dia*.

Os critérios adotados para escolher o fonema são frequência e abrangência. Como os alofones [t] e [d] ocorrem em mais contextos (seguidos das consoantes /l/ e /r/ e de todas as vogais, exceto /i/ no dialeto carioca), eles representarão os fonemas /t/ e /d/.

### Compreendendo a distribuição complementar...

Por distribuição complementar, entendemos que, num contexto em que um alofone ocorre, o outro não ocorrerá.

Ex.: No dialeto carioca, os alofones [tʃ] e [dʒ] só ocorrem diante da vogal /i/. Nos demais contextos, ocorrem os alofones [t] e [d].

Esse fenômeno da palatalização ocorre, principalmente, no Sudeste. Diversos dialetos do Nordeste, como o baiano, não manifestam palatalização, tendo suas transcrições fonéticas como seguem: [ˈtiə] e [ˈdiə].

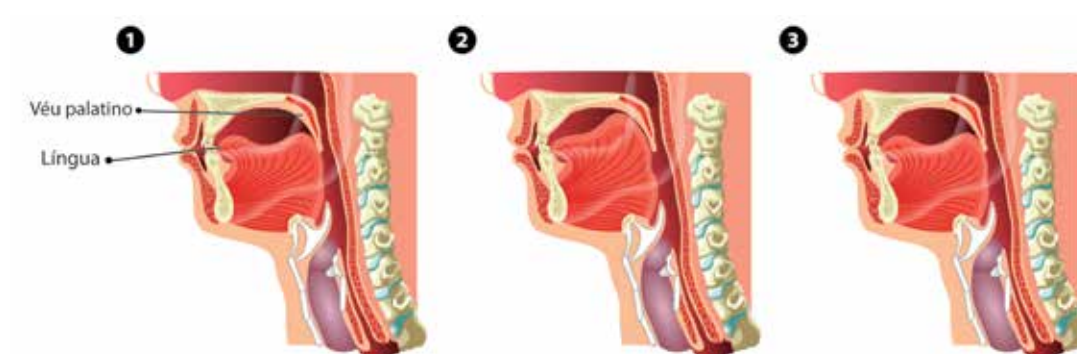
É importante comentar, também, por que nesses casos o [t] acompanha o [ʃ] e o [d] acompanha o [ʒ]. Consideramos [tʃ] um único fone, que se inicia oclusivo e termina fricativo, o que o caracteriza como africado. É possível, porém, desmembrarmos esse fone em dois outros da língua: [t] e [ʃ]. Ambos, conforme consta no quadro de consoantes do PB da Aula 3, são [– sonoros]. Os fones [d] e [ʒ], por sua vez, são [+ sonoros]. Daí a importância de não misturar os símbolos.



Não seria simples produzir um som africado que começasse [– sonoro] e terminasse [+ sonoro] ou vice-versa; daí termos o cuidado de registrar a realização tal qual ela de fato é.

Faça um teste: coloque sua mão sobre sua laringe e observe a vibração ao produzir [dʒ] e a ausência de vibração ao produzir [tʃ].

## As consoantes velares



**Figura 10.3:** Quando produzimos as consoantes velares, a região posterior da língua se eleva em direção ao palato mole (ou véu palatino). Observe o movimento dessa região na sequência das imagens.

Finalmente, trataremos das consoantes velares /k/ e /g/. Essas consoantes apresentam comportamento uniforme em todo o território brasileiro; por isso, seus símbolos fonético e fonológico são iguais: [k] /k/ e [g] /g/. No entanto, é preciso tomar cuidado com a relação entre letra e som. Você viu, na Aula 6, que o fonema /k/ pode ser representado, na escrita, pela letra *c* diante das vogais *a*, *o*, *u*, diante das consoantes *l* e *r* e quando do dígrafo *qu*, como mostram os exemplos: **c**asa, **c**oelho, **c**urva, **c**laro, **c**redo e **q**uilo. Por sua vez, a consoante /g/ pode ser representada, na escrita, pela letra *g*, diante das vogais *a*, *o*, *u*, das consoantes *l* e *r* e quando do dígrafo *gu*, como ilustram os seguintes exemplos: **g**alo, **g**ota, **g**ola, **g**ula, **g**reve, **g**lobo e **g**uerra.

## Atividade 1

*Atende aos objetivos 1 e 2*

1. Com base no dialeto carioca, faça a transcrição fonética e fonológica das palavras abaixo. Não se esqueça de usar colchetes para a transcrição fonética, barras para a transcrição fonológica e de marcar a sílaba tônica.

	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
cocada		
toca		
poda		
peteca		
pecado		
bica		
gado		
copa		
gota		
bota		
pitada		
gato		

2. Na tirinha abaixo, observamos a conversa de dois amigos que moram em cidades bem distantes. Cátia é gaúcha e fala de Porto Alegre, enquanto André é carioca e fala do Rio de Janeiro.

Agora que você já conhece um pouco dos diferentes sotaques do nosso país, que tal fazer as transcrições fonética e fonológica das palavras em negrito?



**Resposta comentada**

1.

	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
cocada	[ko'kadə]	/ko'kada/
toca	['tokə]	/'tɔka/
poda	['podə]	/'pɔda/
peteca	[pe'tekə]	/pe'tɛka/
pecado	[pe'kadu]	/pe'kado/
bica	['bikə]	/'bika/
gado	['gadu]	/'gado/
copa	['kɔpə]	/'kɔpa/
gota	['gotə]	/'gota/
bota	['botə]	/'bɔta/
pitada	[pi'tadə]	/pi'tada/
gato	['gatu]	/'gato/

Você deve ter observado que os símbolos usados nas transcrições fonética e fonológica para representar as consoantes oclusivas são iguais. Como você já viu, esses sons apresentam pronúncia uniforme em todo o território brasileiro. É interessante também notar o enfraquecimento das vogais átonas finais.

2. Observe que nem sempre o registro fonético das consoantes /t/ e /d/ apresentará palatalização, mesmo na pronúncia carioca. A palatalização somente ocorrerá diante da vogal /i/ (mesmo que na escrita se registre um *e*). Já no sul de nosso país, é ainda mais difícil perceber a palatalização dessas consoantes.

Abaixo as respostas:

	Transcrição fonética		Transcrição fonológica
	Carioca	Gaúcho	
Cátia	['katʃiə]	['katɪə]	/'katia/
ter	['tɛx]	['tɛr]	/'teR/
ideias	[i'dɛjɐ]	[i'dɛjəs]	/i'dɛiaS/
dizer	[dʒi'zɛx]	[di'zɛr]	/di'zeR/

	Transcrição fonética		Transcrição fonológica
	Carioca	Gaúcho	
demais	[dʒi'majʃ]	[de'majs]	/de'maiS/
doido	['dojdu]	['dojdo]	/'doido/
tirinhas	[tʃi'riɲə]	[ti'riɲəs]	/ti'riɲaS/
consulte	[kõ'n'suwtʃɪ]	[kõ'n'sulte]	/koN'sulte/
dicionário	[dʒisio'nariu]	[disio'nario]	/disio'nario/

## Consoantes nasais

Como já estudamos, no português, existem três consoantes nasais.

**Quadro 10.2:** Observe, no quadro, as consoantes nasais do português. Ao produzi-las, o véu palatino se abaixa e a corrente de ar é distribuída pelas cavidades bucal e nasal.

Consoantes nasais	Ponto de articulação	Grau de vozeamento
[m] Ex.: <b>m</b> ato	bilabial	vozeada/sonora
[n] Ex.: <b>n</b> ata	alveolar ou dental	vozeada/sonora
[ɲ] Ex.: <b>venha</b>	palatal	vozeada/sonora

As consoantes nasais [m] e [n], em posição pré-vocálica, apresentam pronúncia uniforme em todo o território brasileiro. Por isso, os símbolos utilizados nas transcrições fonética e fonológica são os mesmos. Exemplos: **m**oto ['motu] e /'moto/; **n**ada ['nadə] e /'nada/.

No entanto, a consoante nasal palatal [ɲ] sofre variação em sua pronúncia. Na palavra *carinhoso*, por exemplo, a terceira sílaba começa com o fonema /ɲ/, correspondente, na escrita, ao dígrafo *nh*. Nesse caso, é possível realizar a consoante nasal palatal [ɲ], o que ocorre em registros mais formais, ou realizar uma vogal nasal [ỹ], comum em alguns dialetos ou em registros informais.

Observe o que Thaís Cristófaros Silva (2003) menciona a respeito do caso:

Consideremos agora casos de falantes que articulam um segmento vocálico nasalizado – ou seja, [ỹ] – em posição intervocálica na palavra “banha”. Foneticamente o dígrafo “nh” corresponde à [sic] um segmento vocálico [i] nasalizado (como a vogal de “sim”). Neste caso não há contato da língua com o céu da boca (o que ocorre na produção do segmento nasal palatal [ɲ] que acabamos de discutir acima). O que articulamos de fato, então, é uma vogal nasalizada com a qualidade vocálica de [i]. Contudo, em termos distribucionais tal vogal ocupa a posição de uma consoante na estrutura silábica (no caso, o segmento corresponde ao dígrafo “nh”). Representamos tal segmento por [ỹ]. [...] Neste caso a palavra “banha” será transcrita como [ˈbãỹa] (SILVA, 2003, p. 61).

Cristófaros Silva (2003) adota o símbolo [ỹ] para indicar a qualidade consonantal da posição assumida pelo elemento fonético, por ser comum a adoção do [y] como símbolo da semivogal com qualidade consonantal correspondente ao /i/, considerando-se a estrutura silábica. Atualmente, há uma tendência de substituir o [y] pela aproximante [j], mais apropriada, pelo fato de não gerar confusão com a vogal /i/, correspondente à anterior alta arredondada do francês (o *i* com biquinho). De qualquer modo, vamos manter aqui a transcrição sugerida pela autora para a qualidade vocálica do alofone naquele contexto. Outra observação importante a respeito dessa consoante nasal é o fato de ela não iniciar palavras em língua portuguesa. Sua ocorrência se dá apenas na posição medial das palavras. Observe os exemplos: *ninho*, *banho*, *ganha* e *punho*.

Agora, vamos colocar em prática o que acabamos de aprender!

## Atividade 2

Atende aos objetivos 1 e 2

1. Transcreva fonética e fonologicamente os dados. Certifique-se de que as transcrições fonéticas estejam entre colchetes e as fonológicas entre barras.

	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
<b>m</b> ata		
<b>m</b> ula		
<b>m</b> ole		
<b>m</b> eta (substantivo)		
<b>m</b> edo		
<b>m</b> ito		
<b>m</b> iga		
<b>n</b> ada		
<b>n</b> eto		
<b>n</b> uca		
An <b>i</b> ta		
n <b>i</b> nho		
ban <b>h</b> o		
gan <b>h</b> ador		
pun <b>h</b> o		
pon <b>h</b> o		

2. As palavras fazem parte de nossas vidas e somos confrontados com elas a todo momento. Quando lemos um jornal, por exemplo, estamos em contato com uma grande variedade de palavras que apresentam construções distintas, inclusive no que diz respeito à fonética e à fonologia. Observe o trecho do jornal abaixo e, em seguida, transcreva fonética e fonologicamente os dados destacados em negrito.

## Mudança nas organizações

Nos últimos anos, a sociedade vem passando por transformações nos formatos de suas organizações, que deixaram de lado um modelo industrial para passar a um modelo baseado em informações, com uma estrutura mais enxuta e bastante diferenciada da anterior.

### Resposta comentada

1.

	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
<b>m</b> ata	['matə]	/'mata/
<b>m</b> ula	['mulə]	/'mula/
<b>m</b> ole	['mɔli]	/'mole/
<b>m</b> eta (substantivo)	['mɛtə]	/'mɛta/
<b>m</b> edo	['medu]	/'medo/
<b>m</b> ito	['mitu]	/'mito/
<b>a</b> miga	[a'migə]	/a'miga/
<b>n</b> ada	['nadə]	/'nada/
<b>n</b> eto	['netu]	/'neto/
<b>n</b> uca	['nukə]	/'nuka/
<b>A</b> nita	[a'nitə]	/a'nita/
<b>n</b> inho	['ni̯ũ]	/'niɲo/
<b>b</b> anho	['bãũ]	/'baɲo/
<b>g</b> anhador	[gãɣa'dox]	/gaɲa'doR/
<b>p</b> unho	['pũũ]	/'puɲo/
<b>p</b> onho	['põũ]	/'poɲo/

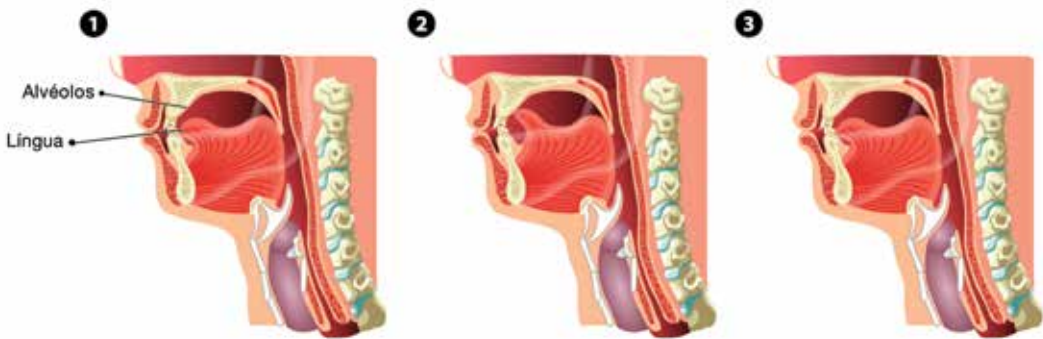
Como você pode observar, os fonemas /m, n/, em posição pré-vocálica, apresentam pronúncia uniforme no português do Brasil. Por isso, os símbolos usados nas duas transcrições são os mesmos. Já no caso da consoante nasal palatal, vimos, a partir dos estudos de Cristófaró Silva (2003), que o brasileiro normalmente realiza a vogal nasal [ỹ] no lugar da consoante nasal palatal /ɲ/.

2.

	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Nos	[n]	/n/
últimos	[m]	/m/
anos	[n]	/n/
formato	[m]	/m/
modelos	[m]	/m/
uma	[m]	/m/

Você deve ter notado que os fonemas /m, n/, em posição pré-vocálica, apresentam pronúncia uniforme no português do Brasil, exatamente como vimos falando até agora.

Consoantes laterais



**Figura 10.4:** A produção das consoantes laterais acontece com a obstrução completa no meio da boca, permitindo o escape do ar pelas laterais da língua. Observe o movimento da língua na sequência das imagens.

Como você já viu, no português, há apenas duas consoantes laterais: a consoante lateral alveolar ou dental vozeada /l/ e a consoante lateral palatal vozeada /ʎ/. Em posição pré-vocálica, o segmento /l/ pode ocorrer como única consoante na sílaba, como em *lado*, ou como a segunda consoante do grupo consonantal, como em *plano*. No primeiro caso, não costuma haver variação na pronúncia dos falantes de português. Assim, o símbolo usado nas transcrições fonética e fonológica é o mesmo: *lado* ['ladu] e /'lado/. No entanto, quando a consoante lateral alveolar é o segundo segmento de um grupo consonantal, pode ocorrer um fenômeno bastante interessante chamado de *rotacismo*. Quantas vezes você já não ouviu pronunciarem *Cráudia*, *ingrês*, *grobo*? Geralmente, são pessoas com baixo grau de escolaridade e pertencentes a classes sociais baixas. Assim, falantes, nesse contexto, trocam a lateral /l/ pela vibrante simples ou tepe /r/. Alguns exemplos são: *claro* ['klarʊ] ou ['krarʊ]; *flamengo* [fla'mengu] ou [fra'mengu].



O rotacismo consiste numa tendência presente na língua portuguesa, desde a sua origem, em transformar em *r* os *l* dos encontros consonantais. Em português, o *l* dos encontros consonantais nas palavras latinas foi substituído por um *r*: *blandu*/brando; *flaccu*/fraco, *duplu*/dobro. Podemos encontrar essa tendência até na obra clássica da língua portuguesa *Os Lusíadas*, de Luís de Camões. Veja alguns casos:

“Era este ingrês potente” (canto VI, 47);

“Nas ilhas de maldiva nasce a pranta” (X, 136).

Ao fenômeno inverso, quando o *l* substitui o *r*, chamamos de *lambdacismo*. Alguns exemplos são: *terça*/telça; *carvão*/calvão.

O rotacismo, na fase atual da língua portuguesa, é estigmatizado, e seus falantes sofrem preconceito linguístico. A esse respeito, Marcos Bagno coloca:

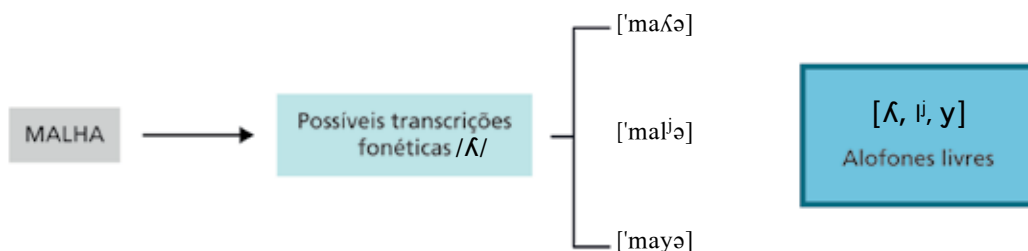
Por isso, devemos prestar toda a atenção possível ao que está acontecendo no espaço pedagógico em termos de discriminação, desrespeito, humilhação e *exclusão por meio da linguagem*. [...]

Sem sombra de dúvida, uma das principais tarefas da reeducação sociolinguística que estamos propondo aqui é *eleva a autoestima linguística das pessoas*, mostrar a elas que *nada na língua é por acaso* e que todas as maneiras de falar são lógicas, corretas e bonitas. Para desempenhar essa tarefa, cada um de nós, educadores, tem que se munir de um instrumental adequado, onde o principal componente é, sem dúvida, a sensibilidade. (BAGNO, 2007, p. 207, grifos do autor).

É claro que o professor deve mostrar ao aluno que há outra variedade, considerada de prestígio, e que ele deve procurar adequar sua fala a cada situação comunicativa, ou seja, situações mais formais (entrevistas, seminários, entre outras) exigem o uso da variedade culta; situações cotidianas mais informais, como uma conversa, já não fazem tanto essa exigência. Na escola, você irá se deparar com diversos usos linguísticos. Qual será sua postura? Reflita sobre isso!

Vejamos, agora, a lateral palatal /ʎ/ correspondente ao registro ortográfico *lh*. É possível realizá-la como [ʎ], o que geralmente corresponde à variedade culta da língua, ou como uma lateral alveolar palatalizada, muito semelhante à pronúncia de *li*, transcrita como [lʲ]. Cristóvão Silva (2003) ainda menciona uma terceira realização, característica de algumas variedades sociolinguísticas: “[...] há falantes que pronunciam as palavras ‘teia’ e ‘telha’ de maneira idêntica. Nestes casos, temos que uma vogal com a qualidade vocálica de *i* ocupa a posição consonantal correspondente ao dígrafo ‘lh’”. (SILVA, 2003, p. 65). Essa realização revela um dos traços do português popular que ocorre em algumas áreas dialetais, sobretudo rurais, configurando-se o fenômeno de despalatalização. Não raro, encontramos, em áreas rurais, os termos *muié*, *véio*, *aio*, *paia*, entre outros representativos desse fenômeno.

Observe, no esquema abaixo, o caso da palavra *malha*:



Para saber qual dos dois alofones [ʎ, ʎʲ] você produz, Cristóvão Silva (2003, p. 65) sugere o seguinte teste:

Pronuncie *olhos/óleos*; *a malha/Amália* e *julho/Júlio*. Caso você faça distinção articulatória entre esses termos, é possível que a lateral palatal [ʎ] ocorra em seu *idioleto*; no entanto, se você pronuncia esses pares de palavras da mesma maneira, é provável que você produza a lateral palatalizada [ʎʲ].



*Idioleto* é o conjunto dos usos de uma língua próprios de um indivíduo. Diferencia-se do termo *dialeto*, que se aplica a um conjunto de usos de uma língua por determinados grupos de falantes. Daí, podemos falar em dialeto carioca, dialeto gaúcho, dialeto mineiro etc.

### Atividade 3

*Atende aos objetivos 1 e 2*

Transcreva fonética e fonologicamente os dados. Certifique-se de que as transcrições fonéticas estejam entre colchetes e as fonológicas entre barras.

	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
panela		
laço		
liso		
lazer		
alado		
tela		
gula		
placa		
planeta		

	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
biblioteca		
colher		
telha		
calha		
atalho		
palhaço		
abelhudo		
pilha		

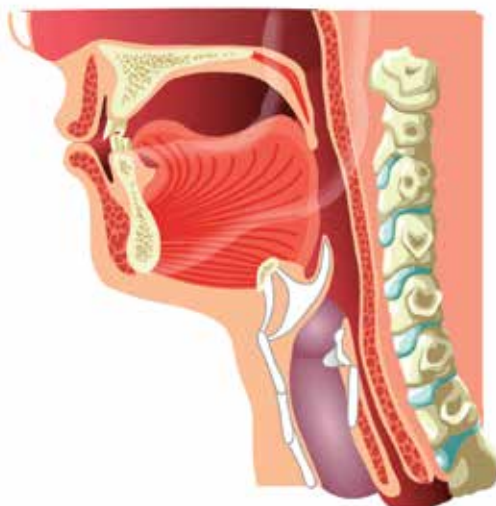
### Resposta comentada

	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
panela	[pa'neɫə]	/pa'neɫa/
laço	['lasu]	/'laso/
liso	['lizu]	/'lizo/
lazer	[la'zɛx] ou [la'ze]	/la'zeɾ/
alado	[a'ladu]	/a'lado/
tela	['tɛɫə]	/'tɛɫa/
gula	['gulə]	/'gula/
placa	['plakə]	/'plaka/
planeta	[pla'netə]	/pla'neta/
biblioteca	[biblio'tɛkə]	/biblio'tɛka/
colher	[ku'liɛx] ou [ku'ɫɛx] [ku'liɛ] ou [ku'ɫɛ]	/ko'ɫɛɾ/
telha	['tɛliə] ou ['tɛɫə]	/'tɛɫa/
calha	['kaliə] ou ['kaɫə]	/'kaɫa/
atalho	[a'taliu] ou [a'taɫu]	/a'taɫo/
palhaço	[pa'ɫiasu] ou [pa'ɫasu]	/pa'ɫaso/

	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
abelhudo	[abe'liudu] ou [abe'λudu] [ə'be'liudu] ou [ə'be'λudu]	/abe'λudo/
pilha	['pilə] ou ['piλə]	/'piλa/

Você deve ter constatado que a lateral alveolar, em posição pré-vocálica, não sofre alteração em sua pronúncia. Por isso, os símbolos fonético [l] e fonológico /l/ são os mesmos. No entanto, a lateral palatal pode apresentar dois alofones – [lʲ] e [λ] – em variação livre. Ainda há a possibilidade de ocorrência de um terceiro alofone [y], presente, geralmente, na fala de pessoa analfabeta e moradora da zona rural.

## Consoantes fricativas



**Figura 10.5:** Na produção das consoantes fricativas, a saída do ar é ligeiramente impedida por uma constricção parcial da boca, dando-nos a impressão de uma fricção.

O grupo das consoantes fricativas, na língua portuguesa, é o mais extenso e complexo. Por isso, dividiremos essas consoantes em dois grupos:

1. conjunto das consoantes fricativas labiodentais /f/ e /v/ e das conhecidas como sibilantes – /s, z, ʃ, ʒ/;
2. conjunto composto pelos segmentos [x, ɣ, h, ŋ], que será estudado junto com o conjunto dos róticos, ou seja, os sons que são representados na escrita pela letra *r*.

### Consoantes fricativas labiodentais e sibilantes

Com relação ao primeiro caso, as labiodentais, sua pronúncia, em posição pré-vocálica, é uniforme em qualquer variedade do português, como ilustram os exemplos a seguir:

	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
faca	[ˈfakə]	/ˈfaka/
vaca	[ˈvakə]	/ˈvaka/
sala	[ˈsalə]	/ˈsala/
taça	[ˈtasə]	/ˈtasa/
chave	[ˈʃavɪ]	/ˈʃave/
xícara	[ˈʃikərə]	/ˈʃikara/
Zeca	[ˈzɛkə]	/ˈzɛka/
exato	[eˈzatu]	/eˈzato/
gelo	[ˈʒelʊ]	/ˈʒelo/
jaca	[ˈʒakə]	/ˈʒaka/

Como você pôde observar, os símbolos utilizados para representar as fricativas nas transcrições fonética e fonológica são os mesmos. No entanto, você precisa prestar atenção na relação entre letra e som, pois, como já falamos várias vezes neste curso, essa relação não é unívoca, ou seja, às vezes uma letra pode representar mais de um fonema e vice-versa.

Observe, por exemplo, o caso das fricativas /ʃ, ʒ, s, z/. O fonema /ʃ/ pode ser representado, na escrita, pelo dígrafo *ch* e pela letra *x* (como nas palavras **ch**ave e **x**ícara).



A letra *x* pode representar outros fonemas, como na palavra *exato*, em que ela corresponde ao fonema /z/.

O fonema /ʒ/ é representado pela letra *j* (*jaca*) e pela letra *g*, quando esta vem diante das vogais, *e* e *i*, como em *gelo* e *girafa*. Diversas letras correspondem ao fonema /s/: *céu*, *sala*, *açougue*, *extenso*, *massa*. O fonema /z/, como você já viu, pode ser representado por *x* e também por *s* e *z*, como em *exame*, *casa* e *vazio*. Por fim, cabe ressaltar que esse fonema corresponde ao valor do *s* grafêmico entre vogais (*asa*). Como você pode perceber, é importante não se deixar influenciar pela escrita, uma vez que nem sempre há correspondência unívoca entre letra e som.

Vamos exercitar, para não confundir?

#### Atividade 4

*Atende aos objetivos 1 e 2*

Com base no dialeto carioca, transcreva fonética e fonologicamente os dados. Certifique-se de que as transcrições fonéticas estejam entre colchetes e as transcrições fonológicas entre barras.

	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
folha		
fica		
figo		
afago		
visita		
avesso		
vacina		
velho		

	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
azedo		
asilo		
fazia		
faça		
chocolate		
chiclete		
mexerica		
cassino		
sopa		
cela		
zela		
gema		
jogada		
jiló		
ginecologia		

### Resposta comentada

	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
folha	[ˈfoliə] ou [ˈfoɫə]	/ˈfoɫa/
fica	[ˈfikə]	/ˈfika/
figo	[ˈfigu]	/ˈfigo/
afago	[aˈfagu]	/aˈfago/
visita	[viˈzitə]	/viˈzita/
avesso	[aˈvesu]	/aˈveso/
vacina	[vaˈsĩnə]	/vaˈsina/
velho	[ˈvɛlʲu] ou [ˈvɛɫu]	/ˈvɛɫo/
azedo	[aˈzedu]	/aˈzedo/
asilo	[aˈzilu]	/aˈzilo/

	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
fazia	[fa'ziə]	/fa'zia/
faça	[ˈfasə]	/ˈfasa/
chocolate	[ʃokoˈlatʃɪ]	/ʃokoˈlate/
chiclete	[ʃiˈkletʃɪ]	/ʃiˈklete/
mexerica	[meʃeˈrikə] ou [miʃiˈrikə]	/meʃeˈrika/
cassino	[kaˈsɪnu]	/kaˈsino/
sopa	[ˈsopə]	/ˈsopa/
cela	[ˈsɛlə]	/ˈsɛla/
zela	[ˈzɛlə]	/ˈzɛla/
gema	[ˈʒɛmə]	/ˈʒema/
jogada	[ʒoˈgadə]	/ʒoˈgada/
jiló	[ʒiˈlɔ]	/ʒiˈlɔ/
ginecologia	[ʒinekoloˈʒiə] ou [ʒinikoloˈʒiə]	/ʒinekoloˈʒia/

Você deve ter constatado que, em posição pré-vocálica, as fricativas /f, v, s, z, ʃ, ʒ/ não sofrem variação dialetal e, por isso, utilizam-se os mesmos símbolos nas duas transcrições. É interessante destacar a ocorrência das africadas nas palavras *chocolate* e *chiclete*.

## Róticos

Esse grupo envolve todos os casos representados pelo grafema *r* e apresenta um comportamento bastante variável, na maioria das vezes, relacionado à variação geográfica. Existem vários segmentos sonoros que podem ser representados por esse grafema: [r, x, ɣ, h, ð, ʁ, ɹ]. No entanto, como afirmam Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2011, p. 39):

Os estudos realizados até então levam a concluir que, na Língua Portuguesa, só há um contraste significativo, aquele que se percebe em *caro* × *carro* ou em pares semelhantes. Tal contraste se dá entre vogais e só entre vogais. Em outras posições, temos casos de variação condicionada ou uma neutralização obrigatória em favor de um fone ou outro, dependendo da região.

O que as autoras estão dizendo é que, em termos opositivos/contrastivos, só há oposição fonêmica entre os diversos róticos, no ambiente intervocálico, como nos seguintes exemplos: *careta* × *carreta*, *era* × *erra*, *caro* × *carro*. Esses pares mínimos atestam a distinção entre o *r* fraco e o *r* forte. O *r* fraco relaciona-se ao tepe (*tap*) [r] e ocorre em todos os dialetos do português. Como você já estudou, o tepe se caracteriza por ser um fonema em que a língua bate uma única vez nos alvéolos, daí também ser conhecido como vibrante simples. Cabe enfatizar que não se pode confundi-lo com a vibrante múltipla [r], também conhecida como *r* forte. O tepe é um fonema que só ocorre entre vogais (*para*, *tora*, *cura*) ou seguindo-se a uma consoante na mesma sílaba (*cravo*, *através*, *frevo*), sendo sempre registrado na escrita com um único *r*. Como não há variação na pronúncia do tepe nesses dois contextos, utilizamos o mesmo símbolo para a transcrição fonética e fonológica: ['erə] /'era/. O chamado *r* forte, por sua vez, pode aparecer em diferentes contextos e será explorado mais adiante.



O apresentador esportivo Galvão Bueno costuma produzir a vibrante múltipla [r] na frase “Errrrrgue o braço, o juiz”. Ao produzir o som correspondente à letra *r*, ele bate a ponta da língua, várias vezes, nos alvéolos; daí, o nome de vibrante múltipla.

## Atividade 5

### Atende aos objetivos 1 e 2

Observe o texto abaixo. Em seguida, destaque as palavras que apresentem tepe, registrando suas transcrições fonética e fonológica.

Enfim, chegou a hora da encomendação e da partida. Sancha quis despedir-se do marido, e o desespero daquele lance constringeu a todos. Muitos homens choravam também, as mulheres todas. Só Capitu, amparando a viúva, parecia vencer-se a si mesma. Consolava a outra, queria arrancá-la dali. A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas... (ASSIS, 2005, p. 278).

### Resposta comentada

No texto acima, encontramos algumas palavras que contêm tepe. Seguem abaixo seus registros fonético e fonológico:

	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
hora	[ˈɔrə]	/ˈɔra/
marido	[maˈridu]	/maˈrido/
desespero	[dezeʃˈperu]	/dezeʃˈpero/
choravam	[ʃoˈravãw]	/ʃoˈravaN/
mulheres	[muˈʎɛɾɪ]	/muˈʎɛɾeS/
amparando	[ãˈpaˈrãˈdu]	/aNpaˈraNdo/
parecia	[pareˈsiə]	/pareˈsia/
queria	[keˈɾiə]	/keˈria/
era	[ˈɛrə]	/ˈɛra/
geral	[ʒeˈraw]	/ʒeˈral/
para	[ˈparə]	/ˈpara/
admira	[adʒiˈmira]	/adˈmira/
lágrimas	[ˈlagɾimə]	/ˈlagɾimaS/

Como você pode perceber, o tepe /r/ ocorre no ambiente intervocálico (entre duas vogais) ou em grupos consonantais.

---

---

---

---

---

---

Em posição pré-vocálica, o *r* forte pode ocorrer em início de palavra, como em *rato*; em ambiente intervocálico, como em *carro* (no ambiente intervocálico, o *r* forte sempre será representado pelo dígrafo *rr*) e, em início de sílaba medial, como em *Israel*.

Esses contextos apresentam uma grande variação dialetal do chamado *r* forte e possibilitam a ocorrência de diversos alofones em variação livre. Observe que, nesses ambientes, ocorre a neutralização entre o *r* fraco e o *r* forte, tendo como resultado o arquifonema /R/.

Vejamos um exemplo: a palavra *carrossel*, transcrita fonologicamente como /kaRo'sel/, apresenta várias realizações possíveis, como se pode constatar nas transcrições a seguir: [karo'seɫ] (pronúncia gaúcha), [kaʝo'sew] ou [kaxo'sew] (pronúncia carioca), [kaɦo'sew] ou [kaho'sew] (pronúncia mineira), [ka.ɪo'sew] (pronúncia caipira).

A primeira transcrição corresponde à realização gaúcha de Porto Alegre, uma vibrante múltipla [r]. Na segunda transcrição, que representa a pronúncia carioca, temos a possibilidade de ocorrência dos dois fones [ɣ] ou [x]. O mesmo ocorre em relação aos fones da pronúncia mineira [ɦ, h]. Isso se deve ao fato de ambos constituírem um par de fones que se distinguem apenas pelo traço de sonoridade. Veremos, mais adiante, que, em posição final de sílaba seguido de consoante, a distribuição dos segmentos [ɣ, x] e [ɦ, h] dependerá do traço de sonoridade da consoante vizinha. Por exemplo, em *carta*, o rótico está diante de uma consoante desvozeada /t/, já, em *carga*, o rótico precede uma consoante vozeada /g/. No entanto, nos contextos intervocálicos (*erra*); início de palavra (*rio*) e final de palavra absoluto (*mar*), há variação livre desses segmentos. O retroflexo [ɭ], conhecido como *r* caipira, corresponde à fala do interior de São Paulo e sul de Minas Gerais. Vale lembrar que essa pronúncia retroflexa é bastante estereotipada e estigmatizada, principalmente na mídia, quando se quer representar um personagem da área rural. Essa postura é preconceituosa e deve ser rejeitada. Vamos exercitar essa importante característica nas transcrições?

## Atividade 6

*Atende aos objetivos 1 e 2*

Com base no dialeto carioca, faça as transcrições fonética e fonológica correspondentes ao *r* forte. Utilize o símbolo /R/ para o arquifonema vibrante.

	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
carro		
burro		
rima		
rua		
sorriso		
jarra		
arruda		
barriga		
rato		
rede		

### Resposta comentada

	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
carro	[ˈkaɾu] ou [ˈkaxu]	/ˈkaRo/
burro	[ˈbuɾu] ou [ˈbuxu]	/ˈbuRo/
rima	[ˈɾimə] ou [ˈximə]	/ˈRima/
rua	[ˈɾuə] ou [ˈxuə]	/ˈRua/
sorriso	[soˈɾizu] ou [soˈxizu]	/soˈRizo/
jarra	[ˈʒaɾə] ou [ˈʒaxə]	/ˈʒaRa/
arruda	[aˈɾudə] ou [aˈxudə]	/aˈRuda/
barriga	[baˈɾigə] ou [baˈxigə]	/baˈRiga/
rato	[ˈɾatu] ou [ˈxatu]	/ˈRato/
rede	[ˈɾedʒɪ] ou [ˈxedʒɪ]	/ˈRede/

Você deve ter constatado que, em posição pré-vocálica, ocorrem os alofones [ɣ] e [x] em variação livre no dialeto carioca. O resultado da neutralização desses segmentos é o arquifonema /R/.

## Consoantes pós-vocálicas

Você viu que, em posição pré-vocálica, todas as consoantes do português podem ocorrer. No entanto, somente quatro segmentos podem configurar em posição pós-vocálica, a saber: /l, s, r, n/. Veremos cada um deles separadamente.

### O /l/ pós-vocálico

Você aprendeu que, em posição pré-vocálica, o fonema lateral alveolar vozeado /l/ pode ocorrer no início da sílaba (*lado*) ou como segunda consoante da sílaba (*claro*). Nesses casos, a pronúncia, no território brasileiro, é quase uniforme, variando apenas no segundo contexto em que, na fala de algumas pessoas, pode ocorrer o fenômeno do rotacismo. No entanto, em posição final de sílaba, essa realidade não é a mesma.

Pronuncie as seguintes palavras: *mel*, *salvo*, *maldade*. O que você observou em relação à pronúncia do segmento /l/: um som correspondente à consoante lateral alveolar ou dental /l/ ou um som vocálico, correspondente à vogal /u/? Provavelmente, você deve ter produzido a vogal *u*. Esse processo de articular um segmento vocálico em lugar de um segmento consonantal chama-se vocalização. O símbolo fonético usado para expressar a vocalização da lateral /l/ é [w], como em ['saw]. Essa é a realização típica da maioria dos falantes do português do Brasil. No entanto, em certos dialetos do sul do Brasil e de Portugal, costuma-se produzir uma consoante lateral velarizada sinalizada pelo símbolo fonético [ɫ]. Ocorre, nesse caso, uma consoante lateral alveolar ou dental articulada juntamente com a propriedade articulatória secundária de velarização. O quadro a seguir ilustra essa variação dialetal.

**Quadro 10.3:** Realização da lateral /l/ em final de sílaba

Ocorrências	Transcrição fonética		Transcrição fonológica
	Dialeto carioca	Dialeto gaúcho	
mel	[ˈmɛw]	[ˈmɛt]	/ˈmɛl/
salvo	[ˈsawvu]	[ˈsaɫvo]	/ˈsalvo/
maldade	[mawˈdadʒɪ]	[maɫˈdade]	/malˈdade/

Assim, tanto a velarização como a vocalização da consoante lateral /l/ ocorrem no contexto de posição final de sílaba. Como você viu, nos demais ambientes fonéticos, ocorre a consoante lateral /l/. Isso revela que os alofones [l, ɫ, w] estão em distribuição complementar, já que ocorrem em ambientes exclusivos. Por isso, eles são denominados alofones (ou variantes) posicionais. Agora, vamos exercitar?

### Atividade 7

Observe o trecho abaixo:

Dorinha era o seu amor jamais esquecido ou, melhor, a sua dor-de-cotovelo confessa e imortal. Que idade teria ela, no momento? Uns vinte e cinco anos. Tinham se namorado na adolescência. Por um motivo bobo, haviam brigado. E quando Aristides, devorado pela nostalgia, quis voltar, ela já estava apaixonada por um outro, o Gouveia. Durante uns seis meses, Aristides andou pensando, dia após dia, em meter uma bala na cabeça. Acabou renunciando ao suicídio, mas ficou-lhe, para sempre, o sofrimento surdo. Dorinha casara-se com o Gouveia, tinha dois filhos de Gouveia. E sempre que a via, acidentalmente, na rua, Aristides precisava tomar um pileque dantesco. E, súbito, ela telefona, a inesquecível, a insubstituível Dorinha! (RODRIGUES, 1993, p. 103).

Identifique, no trecho anterior, as palavras que contêm a consoante lateral /l/ pós-vocálica e faça suas transcrições fonética e fonológica, com base no dialeto carioca.

### Resposta comentada

No dialeto carioca e na maioria dos dialetos, a lateral /l/ se realiza como uma vogal, representada pelo símbolo [w]. É interessante notar que, foneticamente, criam-se, nesses casos, ditongos (vogal + semivogal), como em: ca-nal (*nau*), mil (*miu*), vul-to (*vuu*).

Observe abaixo as palavras que contêm essa consoante no trecho citado anteriormente:

	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
nostalgia	[noʃtaw'ziə]	/noStal'zia/
voltar	[vow'tax]	/vol'taR/
acidentalmente	[asidẽˈtaw'mẽˈtʃɪ]	/asideNtal'meNte/
inesquecível	[ineʃke'sivew]	/ineSke'sivel/
insubstituível	[ĩˈsubiʃtʃitu'ivew]	/iNsubStitu'ivel/

### O arquifonema /S/

Como você já viu, os segmentos [s], [ʃ], [z], [ʒ] são fonemas distintos na língua portuguesa, já que podemos encontrar inúmeros pares mínimos que evidenciam a presença de tais fonemas na língua, tais como *Sá*, *chá*, e *já*; *Zé* e *Sé* etc.

Tais fonemas, porém, ao se apresentarem em posição final de sílaba, perdem suas propriedades distintivas, tendo seus traços distintivos neutralizados, e passam a ser possíveis alofones em tal contexto.

Essa neutralização pode ocorrer tanto em final de sílaba interna, como, em *fes-ta*, quanto em final de sílaba final, como em *mas*. A neutralização dessas fricativas terá como resultado o arquifonema /S/ em contexto de coda silábica.

Em posição medial de palavra, podem ocorrer os quatro segmentos fricativos [s, z, ʃ, ʒ] sem alteração de significado. Esse fenômeno ocorre, por exemplo, na palavra *vesgo*. O arquifonema |S| corresponde à neutralização que gera as possíveis realizações [z] ou [ʒ] em contexto final de sílaba interna anterior à consoante com traço [+sonoro]: ['vezgo], na realização gaúcha, por exemplo, ou ['vejʒgu], na realização carioca.

Observe que, embora a escrita ortográfica registre *s* nessa palavra, as realizações [s] e [ʃ] só seriam possíveis diante de contexto [– sonoro] ou pausa de sílaba final, como em ['fɛʃtə] ou ['maɪʃ]. Nesse contexto, esses segmentos vão *assimilar* o traço +/– vozeado da consoante vizinha. Se a consoante seguinte for [+ vozeada], a sibilante também será [+vozeada]; se a consoante vizinha apresentar o traço [– sonoro], o segmento sibilante também irá apresentá-lo.



*Assimilação* é o nome de um processo fonológico bastante atuante na história da língua portuguesa. Ocorre quando um segmento adquire, parcial ou totalmente, as características articulatórias de um som vizinho. Um exemplo de assimilação parcial é a nasalização de vogais orais quando estão diante de consoantes nasais, como em *ganha*.

Nesse caso, a vogal oral tônica /a/ apresenta uma pronúncia nasalizada porque está próxima à consoante nasal /ɲ/, sendo representada foneticamente ['gãɲə]. Um exemplo de assimilação total é a redução da terminação de verbo no gerúndio *-ndo* para *-no* como em *falano*, *gritano* e *correno*. Nesse caso, ocorre a assimilação do [d] pelo [n] (note que esses dois sons possuem o mesmo ponto de articulação, ambos são alveolares ou dentais), tendo como resultado o [n] duplo. Logo depois, esse [n] duplo se simplifica: *-nd- > -nn- > -n-*.

Assim, no contexto medial das palavras, os segmentos [s] e [ʃ] vão ocorrer quando a consoante vizinha for desvozeada, e [z] e [ʒ], quando a consoante seguinte for vozeada. Falantes mineiros, paulistas e gaúchos, por exemplo, optam, nessa posição, pelas fricativas alveolares [s, z], enquanto falantes cariocas produzem as fricativas alveopalatais [ʃ, ʒ]. O quadro a seguir ilustra a distribuição dialetal das fricativas sibilantes.

**Quadro 10.4:** Realização das fricativas em final de sílaba medial

Ocorrências	Transcrição fonética		Transcrição fonológica
	Dialeto mineiro	Dialeto carioca	
castelo	[kas'tɛlu]	[kaʃ'tɛlu]	/kaS'tɛlo/
asma	['azmə]	['aʒmə]	/'aSma/
fósforo	['fɔsfuru]	['fɔʃfuru]	/'fɔSforo/
desvio	[dez'viu] [diz'viu]	[deʒ'viu] [dʒiʒ'viu]	/deS'vio/

Como você pode constatar, as fricativas desvozeadas [s, ʃ], em sílabas mediais, ocorrem diante de consoantes desvozeadas, como em *cas-telo* e *fósforo*; as fricativas vozeadas [z, ʒ] ocorrem diante de consoantes vozeadas, como em *asma* e *desvio*.

Em contexto final de palavra, há a realização das fricativas desvozeadas [s, ʃ]. A escolha de uma ou de outra dependerá do dialeto: no dialeto carioca, há preferência pela fricativa alveopalatal [ʃ]; nos dialetos mineiro e paulista, ocorre a fricativa alveolar [s]. No entanto, se as palavras terminadas por fricativas vierem seguidas de outras palavras, sem pausa entre elas, o fenômeno da assimilação também ocorre.

Com base no dialeto carioca, observe os três casos abaixo:

1. casas novas ['kazaʒ'nɔvəʃ]
  2. casas pequenas ['kazaʃpe'kɛnəʃ]
  3. casas altas ['kazaza'zawtəʃ]
- Em 1, temos uma palavra terminada por consoante fricativa e outra iniciada por uma consoante vozeada. Nesse caso, a fricativa assimilará o traço [+ sonoro] da consoante seguinte e será realizada como uma fricativa vozeada [ʒ];
  - Em 2, temos uma palavra terminada por consoante fricativa e a outra iniciada por uma consoante desvozeada. Nesse caso, a fricativa assimilará o traço [– sonoro] da consoante seguinte e será realizada como uma fricativa desvozeada [ʃ];
  - Em 3, temos uma palavra terminada por consoante fricativa e a outra iniciada por uma vogal. Nesse caso, ocorre o fenômeno da ressilabação, ou seja, a consoante final de uma sílaba se junta a uma vogal da sílaba seguinte, formando uma nova sílaba consoante-vogal (na leitura, será

*ca-sa-sal-tas*). Esse fenômeno se chama destravamento silábico (sílabas travada, terminada por consoante, passa a sílaba aberta, terminada por vogal). Nesse contexto, a fricativa desvozeada passa a fricativa alveolar vozeada [z].

Após esse volume de informações, vamos exercitar!

## Atividade 8

*Atende aos objetivos 1 e 2*

Faça as transcrições fonética e fonológica das palavras a seguir, a partir de orientações quanto à realização sociolinguística das sibilantes. Observe a sonoridade.

Ocorrências	Transcrição fonética		Transcrição fonológica
	Dialeto mineiro	Dialeto carioca	
castelo			
pasta			
asma			
esgoto			
vespa			
lesma			
ósculo			
bisteca			
capaz			
mês			
mês bonito			
mês passado			
mês alegre			

### Resposta comentada

Ocorrências	Transcrição fonética		Transcrição fonológica
	Dialeto mineiro	Dialeto carioca	
castelo	[kas'tɛlu]	[kaʃ'tɛlu]	/kaS'tɛlo/

Ocorrências	Transcrição fonética		Transcrição fonológica
	Dialeto mineiro	Dialeto carioca	
pasta	['pastə]	['paʃtə]	/paSta/
asma	['azmə]	['aʒmə]	/aSma/
esgoto	[ez'gotu] [iz'gotu]	[eʒ'gotu] [iʒ'gotu]	/eS'goto/
vespa	['vespə]	['veʃpə]	/veSpa/
lesma	['lezmə]	['leʒmə]	/leSma/
ósculo	['ɔskulu]	['ɔʃkulu]	/ɔSkulo/
bisteca	[bis'təkə]	[biʃ'təkə]	/biS'teka/
capaz	[ka'pajs]	[ka'pajʃ]	/ka'paS/
mês	['mes]	['meʃ]	/mêS/
mês bonito	['mezbu'nitu]	['meʒbu'nitu]	/meSbo'nito/
mês pas- sado	['mespa'sadu]	['meʃpa'sadu]	/meSpa'sado/
mês alegre	['meza'lɛgrɪ]	['meʒa'lɛgrɪ]	/meSa'lɛgre/

Observe que é preciso conferir se o fonema que segue a fricativa é sonoro ou não, para estabelecer o símbolo da transcrição fonética adequado. Você também deve ter prestado atenção à ocorrência do processo de assimilação em *mês passado* (fricativa desvozeada seguida de consoante desvozeada); *mês bonito* (fricativa vozeada seguida de consoante vozeada) e *mês alegre* (ocorre a ressilabação: me-sa-le-gre). Um fenômeno interessante, que merece comentário neste último exemplo, é o da ditongação, processo pelo qual há a inserção de uma semivogal nas palavras terminadas por consoantes fricativas, desde que sejam monossílabas tônicas: *mês*; ou oxítonas: *capaz*. Para representar a semivogal, utiliza-se o símbolo [j]: ['mejʃ] e [ka'pajʃ].

## O arquifonema /R/

Você já sabe que os róticos (segmentos representados pela letra *r*) apresentam um comportamento bastante variado na língua portuguesa. No entanto, em termos distintivos, temos a oposição entre *r* forte e *r* fra-

co apenas no ambiente intervocálico (*carro* × *caro*). Na posição de coda silábica, ocorre a neutralização entre os diversos segmentos consonantais, representados ortograficamente pela letra *r* [r, x, ɣ, h, fi, ʁ, ɹ, r], apresentando como resultado o arquifonema /R/. Assim como os segmentos sibilantes, na posição de coda silábica, os róticos também vão assimilar o traço de sonoridade da consoante seguinte. Observe o quadro a seguir:

**Quadro 10.5:** Distribuição dos róticos em coda silábica

Ocorrências	Transcrição fonética				Transcrição fonológica
	Dialeto carioca	Dialeto mineiro	Dialeto gaúcho	Dialeto de Portugal	
porta	[ˈpɔxtə]	[ˈpɔhtə]	[ˈpɔrtə]	[ˈpɔrtə]	/ˈpɔRta/
borda	[ˈbɔɣdə]	[ˈbɔɦdə]	[ˈbɔrdə]	[ˈbɔrdə]	/ˈbɔRda/
carpete	[kaxˈpɛtʃɪ]	[kahˈpɛtʃɪ]	[karˈpɛtɛ]	[karˈpɛtʃɪ]	/kaRˈpɛtɛ/
caderno	[kaˈdɛɣnu]	[kaˈdɛɦnu]	[kaˈdɛrnu]	[kaˈdɛrnu]	/kaˈdɛRno/
mar	[ˈmax]	[ˈmah]	[ˈmar]	[ˈmar]	/ˈmaR/
mar verde	[ˈmayˈveydʒɪ]	[ˈmaɦˈveɦdɪ]	[ˈmarˈverde]	[ˈmarˈverdʒɪ]	/ˈmaRˈveRde/
mar feroz	[ˈmaxfeˈɾɔjʃ]	[ˈmahfeˈɾɔjs]	[ˈmarfeˈɾɔjs]	[ˈmarfeˈɾɔjʃ]	/ˈmaRfeˈɾɔS/
mar alto	[ˈmaˈrawtu]	[ˈmaˈrawtu]	[ˈmaˈraɫtu]	[ˈmaˈraɫtu]	/ˈmaRˈalto/

O **Quadro 10.5** apresenta a variação dialetal do *r* ortográfico em final de sílaba. Observe que, nos dialetos carioca e mineiro, ocorre a assimilação do traço +/- sonoro da consoante seguinte ao rótico. Assim, diante de consoantes vozeadas, ocorrem os segmentos vozeados [ɣ, fi]; diante de consoantes desvozeadas, ocorrem os segmentos desvozeados [x, h]. O mesmo acontece em casos de palavras terminadas por *r*, seguidas de palavras sem pausa. O segmento representado pelo *r* assimilará o traço +/- sonoro da consoante seguinte. Em *mar verde*, podem ocorrer as fricativas vozeadas, [ɣ, fi], porque a consoante seguinte é [v], vozeada. Em “*mar feroz*” podem ocorrer as fricativas desvozeadas [x, h], porque a consoante seguinte é [f], desvozeada. Em *mar alto*, ocorre o processo de ressilabação por juntura, o som representado pela letra *r* migra para a sílaba seguinte e se torna uma vibrante simples [r] – o que justifica a presença do arquifonema |R| na transcrição fonológica, devido à neutralização entre os chamados *r* forte e *r* fraco nesse contexto.

No entanto, no caso do dialeto gaúcho e em Portugal, não há preocupação com a sonoridade, por se tratar de segmentos soantes [r] e [r̥], respectivamente. Em relação à distinção vozeado/desvozeado do *r* ortográfico, Cristófaró Silva (2003, p. 50) nos oferece uma importante explicação:

Quanto ao *r*, não temos um par de palavras em que a distinção de vozeamento se faz relevante (como para *s/z* temos “selo/zelo” ou “chá/já”). Portanto, percebemos auditivamente os sons de *r* da mesma maneira. Contudo, representaremos os sons de *r* fricativos em final de sílaba por um símbolo vozeado ou desvozeado dependendo do vozeamento da consoante que o segue. [...] Vale ressaltar que as observações de vozeamento do *s* e *r* ortográficos discutidas acima podem ser corroboradas por análises experimentais em que o vozeamento dos segmentos é observado e quantificado. O fato de falantes do português perceberem auditivamente o vozeamento/desvozeamento de *s* em final de sílaba e não perceberem auditivamente o vozeamento/desvozeamento de *r* em final de sílaba caracteriza uma especificidade da distribuição consonantal do português.

Assim, você só saberá qual símbolo fonético será usado para representar o *r* ortográfico em final de sílaba identificando o traço de sonoridade da consoante seguinte. Para facilitar essa identificação, você pode consultar a tabela consonantal da Aula 3.

Finalmente, em relação aos róticos, cabe ainda observar o apagamento do rótico em final de palavra, tendência muito comum no PB, que acontece geralmente em verbos, mas não se limita a eles. Tem-se, por exemplo, *andá* (andar), *parti* (partir), *vendê* (vender), *amô* (amor) etc. Agora, vamos exercitar!

## ===== **Atividade 9** =====

*Atende aos objetivos 1 e 2*

Observe as palavras a seguir e transcreva adequadamente os róticos, tendo em vista a realização sociolinguística, presente no exercício, e o traço de sonoridade do fonema seguinte:

	Transcrição fonética
a) porta	po[ ]ta (realização carioca)
b) carta	ca[ ]ta (realização gaúcha)
c) martelo	ma[ ]telo (realização mineira)
d) carga	ca[ ]ga (realização do interior de São Paulo)
e) largo	la[ ]go (realização carioca)
f) amargo	ama[ ]go (realização mineira)
g) verde	ve[ ]de (realização gaúcha)
h) margem	ma[ ]gem (realização carioca)
i) Vargás	Var[ ]gas (realização mineira)
j) pardo	pa[ ]do (realização carioca)

### Resposta comentada

Note que é preciso conferir se o fonema que segue o rótico é sonoro ou não, para estabelecer o símbolo da transcrição fonética adequado. Assim, seguem as respostas corretas:

- a) po[x]ta (realização carioca), já que /t/ é [– sonoro].
- b) ca[r]ta (realização gaúcha). No caso da vibrante, não há preocupação com a sonoridade, por se tratar de uma soante.
- c) ma[h]telo (realização mineira), já que /t/ é [– sonoro].
- d) ca[ɹ]ga (realização do interior de São Paulo), retroflexa.
- e) la[ɣ]go (realização carioca), já que /g/ é [+ sonoro].
- f) ama[ɦ]go (realização mineira), já que /g/ é [+ sonoro].
- g) ve[r]de (realização gaúcha).
- h) ma[ɣ]gem (realização carioca), já que /ʒ/ é [+ sonoro].
- i) Var[ɦ]gas (realização mineira), já que /g/ é [+ sonoro].
- j) pa[ɣ]do (realização carioca), já que /d/ é [+ sonoro].

## O arquifonema /N/

Em contexto de final de sílaba, também podem ocorrer as consoantes /m, n, ɲ/, como em *campo/canto/gancho*, respectivamente. Como você já estudou, essas consoantes são fonemas distintos em português. No entanto, em coda silábica, elas se neutralizam (deixam de ser distintas), e o resultado é o arquifonema nasal /N/.

Nessa posição, essas consoantes sofrem também assimilação; no entanto, em vez de elas assimilarem o traço de sonoridade da consoante seguinte, como no caso dos róticos e das sibilantes, vão assimilar o ponto de articulação do segmento que as segue. Retomando os exemplos anteriores, temos:

*campo* - ['kã<sup>m</sup>pʊ]

*canto* - ['kã<sup>n</sup>tu]

*gancho* - ['gã<sup>ɲ</sup>ʃu]

Você pode observar que, em *campo*, a consoante nasal [m] assimila o ponto de articulação [+bilabial] da consoante inicial da sílaba seguinte [p]. Em *canto*, a consoante nasal [n] assimila o traço [+alveolar] da consoante seguinte [t] e, por último, em *gancho*, a consoante nasal [ɲ] assimila o traço [+palatal] da consoante que a segue, [ʃ]. É interessante comentar que a nossa ortografia evidencia esse processo de assimilação quando diz que diante de *p* e *b*, se usa *m*; diante das outras consoantes, se usa *n*.

No entanto, como afirma Cristóvão Silva (2003), do ponto de vista fonético, não há como atestar, em português, a ocorrência de consoantes nasais pós-vocálicas; daí, utilizarmos um símbolo sobrescrito para representar esses segmentos. Você pode comprovar isso separando as sílabas das palavras acima e pronunciando-as separadamente: cam-po; can-to; gan-cho. Se isolarmos as sílabas (cam/can/gan), não perceberemos a diferença articulatória das “supostas” consoantes nasais. É importante também observar a presença do til (~) na vogal que precede a consoante nasal, isso porque o som vocálico assimila o traço de nasalidade da consoante. Na próxima aula, quando falarmos sobre vogais nasais, retomaremos essa questão do arquifonema nasal /N/. Por hora, vamos exercitar?

## Atividade 10

*Atende aos objetivos 1 e 2*

Com base no dialeto carioca, transcreva fonética e fonologicamente as palavras a seguir, observando o comportamento das consoantes nasais pós-vocálicas:

	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
tambor		
trompete		
tímpano		
cambista		
pinta		
tenda		
cancelar		
confete		
Conrado		
concha		
tangerina		
ângulo		
concurso		

### Resposta comentada

	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
tambor	[tã <sup>m</sup> 'box] ou [tã'bo]	/taN'boR/
trompete	[trõ <sup>m</sup> 'pɛtʃɪ]	/troN'pɛte/
tímpano	[ 'tĩ <sup>m</sup> panu]	/ 'tiNpano/
cambista	[kã <sup>m</sup> 'biʃtə]	/kaN'biSta/
pinta	[ 'pĩ <sup>n</sup> tə]	/ 'piNta/
tenda	[ 'tẽ <sup>n</sup> də]	/ 'teNda/

	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
cancelar	[kã <sup>n</sup> se'laχ] ou [kã <sup>n</sup> se'la]	/kaNse'laR/
confete	[kõ <sup>n</sup> 'fɛtʃ]	/koN'fɛte/
Conrado	[kõ <sup>n</sup> 'xadu]	/koN'Rado/
concha	['kõ <sup>n</sup> ]ə]	/'koN]a/
tangerina	[tã <sup>n</sup> ʒe'riɲə]	/taNʒe'rina/
ângulo	['ã <sup>n</sup> ɡulɨ]	/'aNɡulo/
concurso	[kõ <sup>n</sup> 'kuxsɨ]	/koN'kuRso/

Veja que a nasal bilabial [m] ocorre antes das bilabiais [p, b]; a nasal alveolar (ou dental) [n] ocorre diante de sons alveolares, como [t, d, s, f]; a nasal palatal [ɲ] ocorre diante de sons mais posteriores, como as consoantes alveopalatais, velares, glotais e uvulares. No exercício, aparecem as consoantes alveopalatais [ʃ, ʒ] e as velares [k, g, x].

## Conclusão

Nesta aula, você aprendeu o comportamento fonético-fonológico das consoantes do português brasileiro. Viu que esses segmentos apresentam uma grande variação fonética em virtude de fatores extralinguísticos, como região geográfica, grau de escolaridade e classe social, e de fatores linguísticos, como a posição silábica que esses sons ocupam. Isso comprova a heterogeneidade da língua portuguesa.

## Atividade final

### Atende aos objetivos 1 e 2

Ao longo desta aula, estudamos e analisamos o conceito de assimilação, utilizando como base casos próprios da língua portuguesa falada no Brasil. Por se tratar de um importante conceito fonético, é fundamental que você o compreenda e seja capaz de identificá-lo. Então, explique o conceito de assimilação com suas palavras, considerando todos os casos possíveis, e exemplifique cada um desses casos.

[illegible]

### Resposta comentada

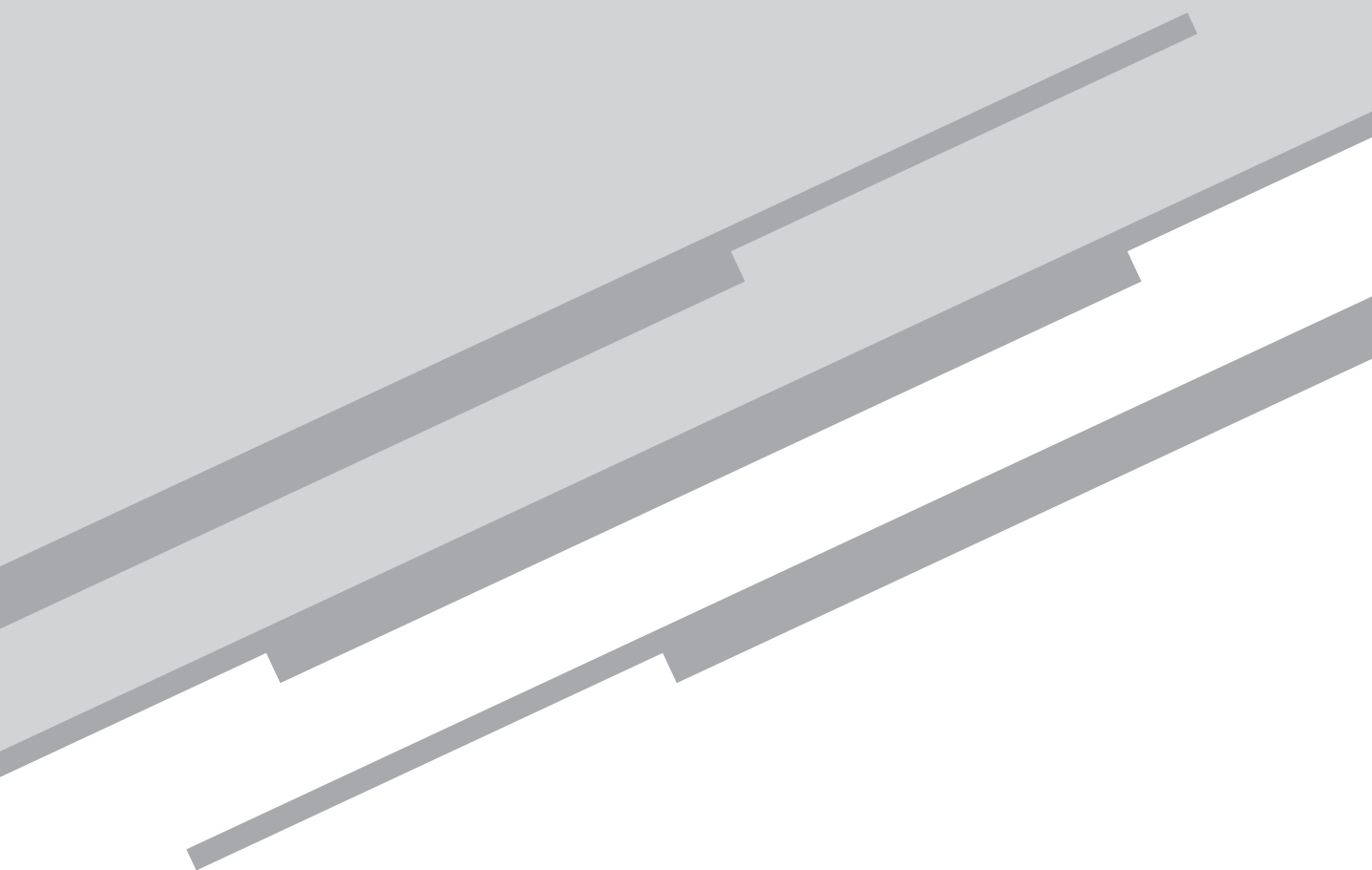
Assimilação é uma alteração sofrida por um fonema em contato com um som vizinho; geralmente, ambos compartilham alguns traços articulatórios em comum. A assimilação pode ser total, quando um som assimila completamente as características de outro som, ou pode ser parcial, quando um segmento adquire apenas alguns traços do outro segmento. Um exemplo de assimilação total é o que ocorre com a terminação *-ndo* dos verbos no gerúndio. Como [n] e [d] compartilham algumas características, como ponto de articulação (alveolar ou dental) e vozeamento, [n] acaba assimilando [d] e se tornando igual a ele; exemplos: [ko'xẽũ] /ko'ReNdo/, [ĩũ] /'iNdo/. Um exemplo de assimilação parcial ocorre com as fricativas sibilantes em final de sílaba /s, z, ʃ, ʒ/. Esses segmentos assimilam o traço de sonoridade da consoante que os segue. As palavras *costa* e *rasgado* ilustram esse fenômeno. A fricativa, representada pelo *s* ortográfico, em *costa*, assimila o traço [–sonoro] da consoante seguinte [t] e pode ser transcrita como [s] ou [ʃ], dependendo do dialeto: ['kɔstə] ou ['kɔʃtə]. Na palavra *rasgado*, a fricativa assimila o traço [+sonoro] da consoante seguinte [g] e pode ser transcrita como [z] ou [ʒ]: [xaz'qadu] ou [xaʒ'qadu].

## Resumo

Nesta aula, você aprendeu que todas as consoantes do PB, 19 no total, /p, b, t, d, k, g, f, v, s, z, ʃ, ʒ, m, n, ɲ, l, ʎ, r, R/, podem ocorrer em posição pré-vocálica, contexto que favorece a ocorrência de diversos alofones em variação livre. No entanto, em posição pós-vocálica, somente ocorrem quatro segmentos consonantais /l, S, R, N/. A lateral apresenta três alofones posicionais [l, ɭ, w]. Os outros fonemas apresentam neutralização nesse contexto e, por isso, têm como resultado os arquifonemas /S, R, N/. As fricativas /s, z, ʃ, ʒ/ se neutralizam e apresentam como resultado o arquifonema sibilante /S/; o grupo dos róticos apresenta neutralização entre *r* forte e *r* fraco, resultando no arquifonema vibrante e, por fim, o arquifonema nasal /N/, é resultado da neutralização dos fonemas /m, n, ɲ/.

# Aula 11

Vogais nasais



*Marli Hermenegilda Pereira*

## **Meta**

Apresentar os casos de nasalidade de vogais no português brasileiro, diferenciando-os e transcrevendo-os fonética e fonologicamente.

## **Objetivos**

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. diferenciar vogal nasal de vogal nasalizada;
2. reconhecer as teorias sobre a vogal nasal;
3. transcrever, fonética e fonologicamente, as vogais nasais e as vogais nasalizadas.

## Introdução

Nesta aula, você estudará dois tipos de nasalidade vocálica: nasalidade fonética e fonêmica. No primeiro caso, nasalidade fonética, tem-se a ocorrência de uma vogal oral (resultado da passagem da corrente de ar pela cavidade oral) que assimila o traço de uma consoante nasal vizinha, como na palavra *cano*. Articulatoriamente, a vogal *a* da sílaba tônica, apresenta uma pronúncia nasalizada em virtude da presença da consoante nasal *n* na sílaba seguinte. No segundo caso, nasalidade fonêmica, o segmento vocálico nasal (produzido por meio da passagem da corrente de ar pelas cavidades oral e nasal) apresenta um caráter contrastivo/distintivo em oposição à vogal oral. Pares mínimos como *lá* × *lã* e *jato* × *janto* comprovam a natureza fonêmica da vogal nasal. No entanto, como você verá, existem duas hipóteses acerca da existência ou não de vogais nasais no português. Estudaremos, inicialmente, a nasalidade fonética e, posteriormente, a nasalidade fonêmica.



Entre as línguas românicas (línguas originárias do latim), a emissão nasal para as vogais é característica da língua portuguesa. O francês também apresenta vogal nasal, porém em condições fonológicas diversas. Nas outras línguas românicas, há apenas uma ligeira nasalidade pelo contato de uma vogal com uma consoante nasal da sílaba seguinte do mesmo vocábulo.

## Vogais nasalizadas

A nasalidade fonética da vogal ocorre quando uma *vogal oral* assimila o traço de nasalidade de uma *consoante nasal* (*m*, *n*, *nh*) vizinha a ela. Perceba essa assimilação na figura a seguir:



**Figura 11.1:** Assimilação do traço de nasalidade em vogais orais.

Você pode notar, nesses casos, que a consoante nasal ocorre em sílaba distinta da vogal nasalizada. Esse tipo de fenômeno é fonético, porque, além de não ocorrer em todos os dialetos, a presença ou a ausência da nasalidade da vogal não é um traço distintivo, ou seja, não muda o significado das palavras. Você pode pronunciar ['kāmə], com a pronúncia nasalizada da vogal tônica [ã] ou ['kamə], sem nasalização da vogal. A presença ou a ausência de nasalização não mudará o significado da palavra *cama*. O quadro a seguir ilustra a transcrição fonética e fonológica das vogais nasalizadas:

**Quadro 11.1:** Vogais nasalizadas

Ocorrências	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
cama	['kāmə]	/'kama/
pena	['pēnə]	/'pena/
vinho	['vĩɲu] ou ['vĩỹu]	/'viɲo/

Você deve ter percebido que, para marcar a nasalidade fonética, basta colocar um til (~) em cima do símbolo fonético da vogal, não é mesmo? Como esse fenômeno é fonético, na transcrição fonológica não há o til, pois, fonologicamente, trata-se de uma vogal oral. Fique atento a esse detalhe!

O trabalho de Abaurre e Pagotto (2013) expõe os fatores influenciadores e inibidores da nasalização fonética no português brasileiro. Apresentaremos a seguir, de forma resumida, os principais aspectos apontados pelos autores.

Em relação aos contextos linguísticos favorecedores da nasalidade fonética, temos:

1. posição acentual da vogal - o fato de a vogal se encontrar em sílaba tônica favorece quase categoricamente a nasalização. Veja que, nos exemplos do **Quadro 11.1**, todas as vogais nasalizadas se encontram na sílaba tônica. No tocante às sílabas átonas, o trabalho revela que as vogais postônicas sofrem menos o processo de assimilação do que as vogais pretônicas;
2. ponto de articulação da consoante nasal que segue a vogal - o fato de a vogal vir seguida de uma consoante nasal palatal influencia categoricamente a nasalização da vogal, como nos exemplos: *ganhar*, *tenho*, *punho*.

O fator linguístico inibidor da nasalidade fonética é o contexto de junção de palavra, ou seja, quando uma palavra termina por vogal oral e a outra palavra começa por consoante nasal, como em *aquela moça*, não costuma ocorrer a nasalização da vogal.

Em relação aos contextos extralinguísticos favorecedores da nasalidade fonética, os autores destacam região geográfica e sexo (masculino e feminino). Quanto ao sexo, a nasalidade ocorre tanto na fala do homem quanto na fala da mulher, no entanto, esta última tende a nasalizar mais que os homens. Quanto à região geográfica, os pesquisadores observaram que a nasalidade é um traço dialetal. Ela se espalha de norte a sul do país, no entanto, se distribui de forma diferenciada: quanto mais ao norte, maior a tendência à nasalização das vogais; quanto mais ao sul, menor essa tendência. Segundo os autores,

a região geográfica é também determinante para a descrição do processo de nasalização. Norte e Sul se opõem: Recife e Salvador nasalizam mais; São Paulo e Porto Alegre nasalizam menos. O Rio de Janeiro está no meio do caminho (ABAURRE; PAGOTTO, 2013, p. 160).

Conforme visto no estudo sobre vogais na Aula 9, a oposição norte e sul também se confirma na realização das vogais médias pretônicas.

Essas explicações podem ser observadas no esquema abaixo:

**Quadro 11.2:** Fatores influenciadores e inibidores da nasalidade no português brasileiro, de acordo com ABAURRE e PAGOTTO (2013)

		CONTEXTOS	
		Linguísticos	Extralinguístico
NASALIDADE	Favorece	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Posição acentual da vogal</li> <li>• Ponto da articulação da consoante que a segue</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Região geográfica</li> <li>• Sexo</li> </ul>
	Inibe	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Contexto de junção da palavra</li> </ul>	*Ambos podem favorecer ou inibir a nasalidade

Finalmente, vale a pena ressaltar que a nasalidade das vogais não é percebida auditivamente da mesma maneira em todos os tipos de vo-

gais. Ela é percebida com maior nitidez na emissão da vogal central baixa /a/. Em se tratando das vogais médias e altas, é mais difícil identificar se a nasalidade ocorre ou não. Cristóvão Silva (2003, p. 93) fornece-nos uma explicação para essa diferença de percepção:

Relembramos que com a vogal **a** ocorre uma alteração significativa do trato vocal quando o véu palatino abaixa-se para produzir uma vogal nasal. Com as vogais **e**, **o**, **i**, **u** a alteração do trato vocal não é significativa. Esta distinção articulatória faz com que a vogal **a** nasalizada seja mais perceptível auditivamente.

Independentemente do tipo de vogal, você tem como saber se ocorre a nasalização observando sua ocorrência nos dois contextos mais favorecedores: vogal oral tônica seguida de consoante nasal (ex.: *ano*) e vogal oral seguida de consoante nasal palatal (ex.: *ninho*). Observados esses fatores, não há como você errar. Agora vamos exercitar!

===== **Atividade 1** =====

*Atende aos objetivos 1 e 3*

Com base no dialeto carioca, transcreva, fonética e fonologicamente, as palavras a seguir:

	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
cana		
sena		
senha		
tina		
tônus		
túnica		
tamanho		
penhor		
vinha		
cunhado		
tristonho		
amada		

	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
planeta		
cometa		
manipular		
manifestar		
erramos		

### Resposta comentada

	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
cana	[ˈkãnə]	/ˈkana/
sena	[ˈsẽnə]	/ˈsena/
senha	[ˈsẽɲə] ou [ˈsẽỹə]	/ˈseɲa/
tina	[ˈtʃinə]	/ˈtina/
tônus	[ˈtõnuʃ]	/ˈtonuS/
túnica	[ˈtũnikə]	/ˈtunika/
tamanho	[taˈmãɲu] ou [taˈmãỹu]	/taˈmaɲo/
penhor	[pẽˈɲox] ou [peˈỹox]	/peˈɲoR/
vinha	[ˈvĩɲə] ou [ˈvĩỹə]	/ˈviɲa/
cunhado	[kũˈɲadu] ou [kũˈỹadu]	/kuˈɲado/
tristonho	[triˈtõɲu] ou [triˈtõỹu]	/triSˈtoɲo/
amada	[aˈmadə]	/aˈmada/
planeta	[plaˈnetə]	/plaˈneta/
cometa	[koˈmetə]	/koˈmeta/
manipular	[manipuˈla] ou [manipuˈlax]	/manipuˈlaR/
manifestar	[manifeˈʔa] ou [manifeˈʔax]	/manifeSˈtaR/
erramos	[eˈxãmuʃ]	/eˈRamoS/

Você deve ter notado que, no dialeto carioca, as vogais orais nasalizam quando estão em sílaba tônica seguidas de consoante nasal ou quando estão diante da consoante nasal palatal /ɲ/. É importante comentar

também que essa consoante palatal pode apresentar o alofone [j̃]. Nas palavras *tamanho*, *amada*, *planeta*, *cometa*, *manipular*, *manifestar*, em seu idioleto ou em outros dialetos, pode haver a nasalização das vogais pretônicas: [tã'mãj̃u], [ã'madə], [plã'netə], [kõ'metə], [mãnipu'lax] e [mãnife'tax]. Por fim, convém lembrar que, nas palavras terminadas por *r*, principalmente quando são verbos no infinitivo, como *manipular* e *manifestar*, costuma haver a queda do *r*.

## Vogais nasais

A nasalidade fonêmica (fonológica) é um fenômeno obrigatório e ocorre de maneira uniforme em todos os dialetos. Diferentemente da nasalidade fonética, esse tipo de nasalidade é contrastiva, ou seja, distintiva. Isso pode ser comprovado pelo par mínimo *lá* × *lã*, cuja única diferença articulatória é o traço *oral* × *nasal* da vogal *a*. De acordo com Moraes (2013, p. 97), “no âmbito das línguas indo-europeias, além do português, apenas o francês e o polonês apresentam nasalidade vocálica distintiva”.

Para explicar esse fenômeno, duas representações fonológicas têm sido propostas. Uma explicação, já apresentada na Aula 10 sobre as consoantes, defende que as vogais nasais deveriam ser entendidas como um grupo de dois fonemas que se combinam na sílaba (vogal oral + consoante nasal), como em: can-to; tam-pa. A outra postula a existência de *vogais orais* × *vogais nasais* na língua portuguesa.

**Quadro 11.3:** Possíveis interpretações fonológicas que explicam a nasalidade fonêmica

NASALIDADE FONÊMICA	
Vogal oral + consoante nasal => Vogais nasais são 2 grupos de fonemas	Vogais orais + vogais nasais => A língua portuguesa conta com vogais orais e nasais

No Brasil, existem seguidores das duas abordagens, no entanto, a hipótese da vogal oral + elemento nasal é a que apresenta um número maior de defensores. Vejamos cada explicação separadamente.

## Proposta do arquifonema nasal

Como você já estudou na Aula 10, o arquifonema nasal é o resultado da neutralização dos fonemas nasais /m, n, ɲ/ em posição pós-vocálica. Nesse caso, a vogal nasal é interpretada como a combinação de dois elementos: vogal oral + elemento consonântico nasal /N/. A consoante nasal, em sílaba travada (sílabas terminada por consoante), assimila o ponto de articulação da consoante da sílaba que a sucede. Esses segmentos que compartilham o mesmo ponto de articulação são chamados de homorgânicos. Assim, tem-se:

**Quadro 11.4:** Consoantes nasais em sílabas travadas assimilando o ponto de articulação da consoante seguinte

Consoante nasal	Contexto	Exemplos
[m]	diante das consoantes [p, b]	tempo ['tẽmpu] e tromba ['trõmbə]
[n]	diante das consoantes labiodentais [f, v] e alveolares/dentais [t, d, s, z]	confiar [kõ'fi'ax], conversa [kõ'vɛxsə], conta ['kõ'tə], conde ['kõ'dʒɪ], pensar [pẽ'sax], gonzo ['gõ'zu]
[ɲ]	diante das consoantes alveopatais, velares, glotais e uvulares, como [ʃ, ʒ, k, g, ɣ, ɦ]	ponche ['põ'ʃɪ], canja ['kã'ʒə], pancada [pã'kadə], conga ['kõ'gə] e honrado [õ'ɣadu].

Na Aula 10, você também viu que, do ponto de vista fonético, não há como atestar, em português, a ocorrência de consoantes nasais pós-vocálicas, daí utilizarmos um símbolo sobrescrito para representar esses segmentos. Você pode comprovar isso separando as sílabas das palavras e pronunciando-as separadamente: *cam-po*; *can-to*; *gan-ho*. Se isolarmos as sílabas (cam/ can/ gan), não perceberemos a diferença articulatória das “supostas” consoantes nasais. É importante também observar a presença do til (~) na vogal que precede a consoante nasal, isso porque o som vocálico assimila o traço de nasalidade da consoante.

Para defender essa hipótese, Câmara Jr. (1999, p. 59-60) apresenta os seguintes argumentos:

1. sílaba com vogal nasal se comporta como sílaba travada por consoante. Um exemplo, fornecido pelo autor, é a crase ocorrida diante de uma palavra terminada por vogal e a outra iniciada por vogal como em *grand'amor*, pronúncia de Portugal. Esse fenômeno da crase não é atestado no caso de palavras terminadas por vogal nasal e iniciadas por vogal, como em *jovem amigo*;

2. depois de sílaba travada só se realiza o *r forte*, como em *Israel*, e nunca o *r fraco* próprio da posição intervocálica. Depois de vogal nasal também só se realiza um *r forte*, como em *genro*, *honra*. Isso sinaliza a presença de uma consoante entre a vogal e o *r forte*;
3. no interior do vocábulo, não há vogal nasal em hiato.

Ou a nasalidade que envolve a vogal desaparece, como em *boa*, em face de *bom*, ou o elemento consonântico nasal se desloca para a sílaba seguinte, como em *valentona*, em face de *valentão* (teoricamente /valeNtoN/) ou no pronome *nenhum*, em face da locução *nem um* (CÂMARA JR., 1999, p. 59-60).

Assim, para o autor, a não existência de vogal nasal em hiato corresponde a dizer que o arquifonema nasal se comporta como qualquer consoante nasal em ambiente vocálico: pertence à sílaba seguinte: *u-ma* e não *um-a*. Esses argumentos, apresentados por Câmara Jr., parecem comprovar a existência de um arquifonema nasal em final de sílaba no português.

Câmara Jr. (1999) também interpreta os casos em que aparece, na escrita, uma vogal com til (~), por exemplo em *lã*, *irmã*, como uma sequência de vogal + arquifonema nasal (V+N): /'laN/ e /iR'maN/.



Você pode notar que as palavras terminadas em *am* e *em* geram um ditongo (vogal + semivogal) nasalizado, como em *trem* e *amam*. Nesses casos, a transcrição fonética evidencia essa ditongação: ['trẽj] e ['amãw], enquanto a representação fonêmica mantém o arquifonema nasal: /'treN/ e /'amaN/.

## Proposta da vogal nasal

A hipótese da existência de vogais nasais em oposição a vogais orais no português é defendida, no Brasil, por Callou e Leite (1995). As estudiosas entendem as vogais nasais como fonemas distintos das vogais orais e apresentam os seguintes pares mínimos para comprovar essa tese:

**Quadro 11.5:** Pares mínimos que, segundo Callou e Leite (1995), comprovam que vogais nasais são fonemas distintos de vogais orais

Vogais orais	Vogais nasais
mata	manta
seda	senda
lida	linda
boba	bomba
fuga	funga

A partir desses pares mínimos, pode-se postular a existência de cinco vogais nasais no português: /ã, ê, ã, õ, û/. É interessante observar a não ocorrência de vogais médias baixas nasais [ɛ, ɔ].

De acordo com essa interpretação, a combinação de letras *am, an, em, en, im, in, om, on, um, un* na mesma sílaba, como nos exemplos *manta, senda, linda, bomba, funga*, serviria para representar as vogais nasais e deve ser interpretada como formação de **dígrafos vocálicos**. Um exemplo de transcrição fonética e fonológica das vogais nasais pode ser observado com a palavra *campo*: ['kãpu] e /'kãpo/. Você pode notar que o til aparece tanto na transcrição fonética quanto na transcrição fonológica. Isso ocorre porque, nessa abordagem, o traço oral × nasal das vogais é considerado distintivo.



**Dígrafo** é a união de duas letras que representam um único som. Existem dígrafos consonantais (que representam um fonema consonantal) e dígrafos vocálicos (que representam um fonema vocálico). Os dígrafos consonantais compreendem o seguinte grupo de letras: *lh, nh, ch, rr, ss, qu* e *gu* (seguidos de *e* ou *i*), *sc, xc* (também seguidos de *e* ou *i*), *sç* e *xs*. Os dígrafos vocálicos são formados pelas vogais nasais seguidas de *m* ou *n* (*am, an, em, en, im, in, om, on, um* e *un*).

Segundo Cristófarro Silva (2003), do ponto de vista teórico, as duas análises, vogal nasal ou vogal oral + elemento consonântico, são possíveis:

Se assumirmos que há contraste fonêmico entre vogais orais e nasais, teremos que admitir doze fonemas vocálicos para o português (sete orais e cinco nasais). A segunda proposta – de interpretarmos as vogais nasais como uma vogal oral seguida de arquifonema nasal /VN/ – permite-nos postular um conjunto de sete fonemas vocálicos para o português (correspondentes às vogais orais) e um arquifonema nasal /N/ – que ocorre em posição pós-vocálica. (SILVA, 2003, p. 166).

Assim, teríamos uma proposta mais abstrata e complexa, a do arquifonema nasal /N/, e outra, mais simples e concreta, a da vogal nasal. De um modo geral, os livros didáticos de português adotam esta última explicação e assumem a existência de vogais nasais e, por consequência, a ocorrência de dígrafos vocálicos.

**Atividade 2**

Atende aos objetivos 2 e 3

1. Com base nas duas interpretações para as vogais nasais, transcreva fonética e fonologicamente os dados a seguir. Utilize o dialeto carioca.

Ocorrências	Proposta 1 Vogal oral + consoante nasal		Proposta 2 Vogal nasal	
	Transcrição fonética	Transcrição fonológica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
tampa				
cambista				
trança				
cintura				
comando				
inferir				
convidado				
concha				
honrado				
fungar				

2. Na tirinha abaixo, podemos observar a conversa de dois amigos. O rapaz estudou bastante o conteúdo desta aula, mas ainda tem algumas dúvidas sobre as diferenças entre vogais nasais e nasalizadas. A moça, que está mais adiantada em seu estudo, vai ajudá-lo a exercitar.



Você consegue ajudar o personagem acima nessa tarefa?

Sublinhe as palavras do terceiro quadrinho que contêm vogais nasais e circule as que contêm vogais nasalizadas.

### Resposta comentada

1.

Ocorrências	Proposta 1 Vogal oral + consoante nasal		Proposta 2 Vogal nasal	
	Transcrição fonética	Transcrição fonológica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
tampa	[ˈtãmpə]	/ˈtaNpa/	[ˈtāpə]	/ˈtāpa/
cambista	[kãmˈbiʃtə]	/kaNˈbiʃta/	[kãˈbiʃtə]	/kãˈbiSta/
trança	[ˈtrãˈsə]	/ˈtraNsa/	[ˈtrāsə]	/ˈtrāsa/
cintura	[sĩˈture]	/siNˈtura/	[sīˈture]	/sīˈtura/
comando	[koˈmãˈdu]	/koˈmaNdo/	[koˈmādu]	/koˈmādo/
inferir	[ĩˈfeˈrix]	/iNfeˈriR/	[īfeˈrix]	/īfeˈriR/
convidado	[kõˈviˈdadu]	/koNviˈdado/	[kōviˈdadu]	/kōviˈdado/
concha	[ˈkõˈʃə]	/ˈkoNʃa/	[ˈkōʃə]	/ˈkōʃa/
honrado	[õˈɣadu]	/oNˈRado/	[ōˈɣadu]	/ōˈRado/
fungar	[fũˈgax]	/fuNˈgaR/	[fūˈgax]	/fūˈgaR/

Como você deve ter observado, na proposta 1, a vogal oral assimila o traço de nasalidade da consoante nasal que a segue. Por isso, na transcrição fonética aparece o til para representar essa assimilação, desaparecendo na transcrição fonológica. Já a consoante nasal assimila o ponto de articulação da consoante seguinte: [m] diante de consoantes bilabiais, [n] diante de sons anteriores (labiodentais e alveolares/dentais) e [ɲ] diante de sons recuados (alveopalatais, velares), tendo como resultado, na transcrição fonológica, o arquifonema nasal /N/. Na proposta 2, aparece o til, nas duas transcrições, para evidenciar a hipótese da existência de vogais nasais no português.

2. Palavras com vogais nasais: *espantalho*, *condessa*, *manto*, *comando*, *pente*, *tempo*.

Palavras com vogais nasalizadas: *caneta*, *tema*, *estranho*, *túmulos*, *vinho*, *tímido*.

Para identificar as vogais nasais, basta verificar se, na escrita, a consoante nasal está na mesma sílaba: *es-pan-ta-lho*; *pen-te*; *man-to* etc.

Para reconhecer as vogais nasalizadas, a vogal está numa sílaba e a consoante nasal ocorre na sílaba seguinte: *ca-ne-ta*; *te-ma*; *tú-mu-lo* etc.



## Conclusão

Nesta aula, você aprendeu a diferenciar nasalidade fonética e fonêmica, bem como conheceu as duas explicações apresentadas na literatura especializada sobre a existência ou não de vogais nasais no português.

## Atividade final

*Atende aos objetivos 1 e 2*

Diferencie e exemplifique nasalidade fonética (vogais nasalizadas) e nasalidade fonêmica (vogais nasais).

---



---



---



---

[illegible]

### **Resposta comentada**

A nasalidade fonética ocorre quando uma vogal oral assimila o traço de nasalidade da consoante nasal em sílaba contígua. Na palavra *gama*, por exemplo, a vogal oral tônica *a* apresenta uma pronúncia nasalizada adquirida em virtude da proximidade comum à consoante nasal. As representações fonética e fonêmica dessa palavra são: ['gãma] e /'gama/. Esse fenômeno é dialetal, pois não é obrigatório, nem ocorre da mesma forma em todos os dialetos. Os contextos mais favorecedores da nasalização da vogal são: vogal oral tônica + consoante nasal na sílaba seguinte (ga-ma), e vogal oral tônica ou átona + consoante nasal palatal /ɲ/ na sílaba seguinte (ba-nha).

A nasalidade fonêmica ocorre em todos os dialetos, ou seja, todos os falantes de português irão produzir uma vogal nasal. Seus contextos de ocorrência são: vogal + consoante nasal na mesma sílaba (pom-bo) ou vogal grafada com til (vã). Alguns estudiosos consideram que, nesses ambientes, tem-se vogal nasal em oposição à vogal oral. Assim, as transcrições das palavras *pombo* e *vã* ficariam dessa forma: ['põbu] /'põbo/ e ['vã] /'vã/. O til seria usado tanto na transcrição fonética quanto na fonológica, já que, nessa vertente, defende-se a existência fonêmica das vogais nasais.

Numa outra abordagem, alguns estudiosos defendem a tese do arqui-fonema nasal, ou seja, vogal oral (nasalizada) seguida de uma consoante nasal na mesma sílaba. Nessa perspectiva, haveria a neutralização das consoantes nasais [m, n, ɲ], tendo como resultado o arqui-fonema

nasal /N/. As representações fonética e fonológica das vogais nasais podem ser exemplificadas em: [põ<sup>m</sup>bə] /poNba/. Pode-se notar que, na transcrição fonética, aparece o til em cima da vogal para sinalizar a assimilação do traço de nasalidade da consoante nasal. Esta, por sua vez, assimila o ponto de articulação da consoante seguinte (bilabial) e, na transcrição fonológica, é representada pelo arquifonema nasal /N/.



## Resumo

Nesta aula, você aprendeu a diferenciar nasalidade fonética e nasalidade fonêmica. A nasalidade fonética evidencia um fenômeno dialetal no PB e ocorre quando uma vogal oral vem seguida, na sílaba seguinte, de uma das consoantes nasais /m, n, ɲ/. Nesse caso, dizemos que a vogal é nasalizada. Os contextos categóricos de ocorrência de vogal nasalizada são: vogal tônica seguida de consoante nasal e vogal oral (tônica ou não) seguida da consoante nasal palatal /ɲ/. A nasalidade fonêmica diz respeito às vogais nasais que ocorrem, obrigatoriamente, em todos os dialetos. Ortograficamente, você pode reconhecer a vogal nasal quando uma vogal vem seguida de uma consoante nasal (*m* ou *n*) na mesma sílaba, como em *campo* e *canto*, ou quando a vogal vem grafada como til, como em *anã*. Há duas hipóteses acerca da existência ou não das vogais nasais: 1) *vogal oral + elemento consonântico* – nesse caso, a vogal assimila o ponto de articulação da consoante nasal. Na representação fonêmica, tem-se como resultado da neutralização das consoantes nasais o arquifonema nasal /N/; 2) *vogal nasal* – fonemicamente, haveria uma distinção entre vogal oral × nasal, exemplificada em *lá* × *lã*. Teríamos, assim, na primeira abordagem, um quadro vocálico composto por sete vogais orais /a, ɛ, e, i, o, ɔ, u/ e um arquifonema nasal /N/. Na segunda abordagem, teríamos um quadro vocálico composto por 12 vogais: sete vogais orais /a, ɛ, e, i, o, ɔ, u/ + cinco vogais nasais /ã, ê, ĩ, õ, ũ/.

# Aula 12

Encontros vocálicos, encontros  
consonantais e dígrafos

*Marli Hermenegilda Pereira  
Tania Mikaela Garcia Roberto*

## **Meta**

Introduzir os conceitos de encontro vocálico, encontro consonantal e dígrafo, associando-os à estrutura silábica do português do Brasil.

## **Objetivos**

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. identificar e classificar os diferentes encontros vocálicos;
2. identificar e classificar os diferentes tipos de encontros consonantais, diferenciando-os dos dígrafos;
3. reconhecer o conceito de translineação e separar sílabas com base na ortografia oficial.

## **Pré-requisitos**

Para acompanhar esta aula, você precisará ter claras as noções de vogal, consoante e semivogal.

## Introdução

Tanto os encontros consonantais quanto os encontros vocálicos exigem de nós um conhecimento da estrutura silábica da língua, a fim de que não confundamos os diferentes tipos de encontros existentes e possamos fazer a devida relação dessa estrutura com a organização da língua na modalidade escrita. Lembre-se de que a maneira como o código se organiza nas diferentes modalidades (falada e escrita) é distinta.

Falar de encontros vocálicos e encontros consonantais exige-nos diferenciar vogais de semivogais – estas últimas também chamadas *glides* –, bem como reconhecer que, em alguns casos, haverá mais de um grafema representando um único fonema (dígrafos). Nesta aula, você vai ver cada um desses casos!

## Glides

Os *glides*, ou semivogais, são elementos que compartilham tanto características de vogais quanto de consoantes. São produzidos com uma abertura menor que a das vogais, porém maior que a das consoantes (daí serem chamados de semivogais ou semiconsoantes) e nunca assumem pico silábico (daí serem chamados vogais assilábicas).



Um *glide* sempre será realizado junto a alguma vogal, formando um ditongo.

Seu *status* não é visto de forma consensual no PB. Por esse motivo, não nos ateremos a essa questão controversa. Cristófarro Silva (2011, p. 127) registra os *glides* nas transcrições fonéticas utilizando os mesmos símbolos adotados para as vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ], acrescidos de um **diacrítico**, que sinaliza sua assilabidade: [ɪ̥] e [ʊ̥]. A autora interpreta-os como segmento consonantal, outros autores adotam, para esse fim, os símbolos [j] e [w]. O primeiro tem o som equivalente (porém, mais fraco) ao do /i/, e o segundo tem o som equivalente (porém, mais fraco) ao do /u/.

## Diacrítico

Sinal gráfico que se coloca sobre, sob ou através de um símbolo fonético para alterar a sua realização fonética, isto é, o seu som, ou para marcar qualquer outra característica linguística. Exemplos: o diacrítico [j] colocado sobrescrito a um símbolo fonético indica que aquele som é palatalizado [tʃ]; o til (~) também é um diacrítico e serve para indicar que um som é pronunciado de forma nasalizada, como no caso das vogais nasalizadas [ã, ĩ, õ, ũ].

## Os encontros vocálicos

A compreensão de como os elementos vocálicos se comportam nas palavras passa pela conscientização da estrutura silábica que o falante tem. Ocorrem encontros vocálicos sempre que surgem, em uma palavra, vogais contíguas em sílabas separadas (ex.: *caótica*) ou vogais acompanhadas de semivogais (*glides*) na mesma sílaba (ex.: *peito*). Você deve saber o que é um ditongo e um hiato, certo? Pois bem, esses são velhos conceitos que precisam ser revistos! Quando aprendemos essas noções na formação escolar básica, costumamos nos firmar no que temos de concreto e eis que misturamos conceitos do universo sonoro e do escrito. Então, antes de mais nada, é importante lembrarmos que, ao nos referirmos a ditongo e a hiato, não estamos considerando as letras no papel ou na tela, mas os sons que ouvimos em cada sílaba.



### Responda rápido: o que distingue um ditongo de um hiato?

Um ditongo é o conjunto de uma vogal + uma semivogal em uma mesma sílaba. Um hiato, por sua vez, é a emissão contígua de duas vogais, cada qual em uma sílaba distinta.

Se tomarmos o par mínimo *pais* e *país*, teremos um exemplo bem evidente de ditongo e hiato, em que a separação silábica na escrita representa fielmente cada fenômeno: *pais* (ditongo, numa única sílaba) e *pa-ís* (hiato, em que cada vogal fica em uma sílaba distinta). Nem tudo, porém, são flores!

**Como você separa a palavra *baleia*? A pergunta mais adequada seria, nesse caso, que tipo de encontro vocálico há na palavra *baleia*?**

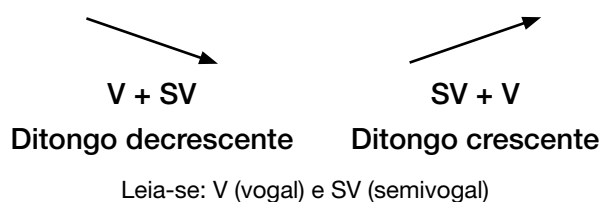
Se pensarmos bem direitinho na pronúncia da palavra, separando as três sílabas, o som do *i* se manifesta nas duas últimas, não havendo uma ruptura em sua pronúncia de uma sílaba para a outra. É como se ele se distribuisse entre as duas. Na escrita oficial, entretanto, não dá para

fazermos a separação silábica deste jeito: *ba-lei-ia*, afinal, temos apenas uma letra para o som que se manifesta nas duas sílabas. Convencionou-se, em casos como esse, manter a letra que representa a semivogal junto à vogal com a qual forma um ditongo decrescente, “ba-lei-a”, e vamos saber por quê. Antes, porém, vamos entender o que é um ditongo decrescente. O nome diz muito, mas é sempre bom deixar tudo muito bem explicado quando o assunto se relaciona a oralidade *versus* representação escrita.



O **ditongo decrescente** é formado por uma vogal + uma semivogal (*pai, meu, rei*). Ele é conhecido por ser o ditongo legítimo, o mais frequente, o mais aceito. Além do ditongo decrescente, existe o chamado **ditongo crescente**, que é formado por uma semivogal + uma vogal (*água*). Reparou como a ordem dos elementos muda?

Eis a diferença entre os ditongos decrescente e crescente, justificada nos nomes, uma vez que o volume sonoro diminui no primeiro caso e aumenta no segundo:



**Figura 12.1:** Formação dos ditongos decrescente e crescente.

Observe o que diz Collischonn a respeito do assunto:

Para Câmara Jr. (1969, p. 54), os verdadeiros ditongos em português são os decrescentes; os crescentes variam livremente com o hiato (*su.ar/suar, su.a.dor/sua.dor*). Lopez (1979) tem posição semelhante a respeito do ditongo crescente. Para Bisol (1989),

igualmente não há ditongo crescente. A sequência VV (*gli-de-vogal*) é o resultado de ressilabação pós-lexical, ou seja, os ditongos crescentes não fazem parte do inventário fonológico do português e surgem da fusão de rimas de duas sílabas diferentes. (COLLISCHONN, 1999, p. 111).

A maior aceitação do ditongo decrescente, portanto, como comenta Collischonn, reside no fato de que os crescentes alternam com hiato. A autora lembra, entretanto, que há um tipo de ditongo crescente que não se alterna com hiato: o dos grupos *kw/gw* seguidos de *a/o*. E aí? Como vamos lidar com essa situação?

Para solucionar a problemática, estudiosos postularam a chamada *consoante complexa*. Assim, *qu* e *gu* consistiriam em consoantes complexas, exemplos de dígrafos (duas letras) que representariam graficamente, como cita Cavaliere (2010, p. 101), “uma consoante velar arredondada ou labializada. Em outras palavras, estar-se-ia perante uma consoante em que a oclusão e a labialização seriam traços articulatórios simultâneos”.

Collischonn comenta, ainda, que alguns vocábulos já têm registro oficial com a forma deditongada (sem o ditongo), tal como se pode ver em:

- *quatorze/catorze*;
- *quociente/cociente*;
- *quotidiano/cotidiano*.

Isso reforçaria a ideia de consoante complexa. Esse entendimento de ditongo decrescente como legítimo em português é que justifica a escolha da separação silábica da palavra citada anteriormente como *ba-lei-a*, e não *ba-le-ia*.

O quadro a seguir apresenta os ditongos decrescentes orais do PB.

**Quadro 12.1:** Ditongos decrescentes orais do português

[aj] pai, vai	[aw] mau, pau
[ej] rei, lei	[ew] meu, Deus
[ɛj] papéis	[ɛw] céu, mel
[oj] boi	[ow] sou, gol
[ɔj] dói, lençóis	[ɔw] sol
[uj] fui	[uw] azul, culto

Mesmo que diversos estudiosos não aceitem, fonologicamente, a existência de ditongos crescentes, devemos considerá-los, porque o material didático direcionado à Educação Básica contempla esse tipo de ditongo. O quadro a seguir apresenta os ditongos crescentes orais do PB:

**Quadro 12.2:** Ditongos crescentes orais do português

[jə] glória, etérea	[wə] água, mágoa
[jɪ] espécie, série	[wɪ] tênue
[ju] térreo, sério	[wo] árduo, vácuo
[jo] estacionamento	

Há que se considerar ainda, foneticamente falando, os *ditongos nasais*, que são:

**Quadro 12.3:** Ditongos nasais do português

[ãw] mão	[õj] põe
[āj] mãe	[új] muito
[ēj] bem	

Também temos o caso dos *tritongos*, que seriam nada mais do que a presença de um ditongo após uma consoante complexa na mesma sílaba, como se pode evidenciar em palavras como *saguão* e *Paraguai*. No entanto, nos manuais didáticos, considera-se tritongo a sequência *semivogal + vogal + semivogal*, em que esses sons vocálicos ocorrem na mesma sílaba, como nos exemplos citados.

Quanto ao hiato, uma de suas acepções nos dicionários é “fenda, lacuna”, e tal informação diz tudo o que precisamos para compreendê-lo na Fonologia. *Hiato* é um conjunto de duas vogais contíguas, porém, em sílabas separadas. Ora, a definição soa redundante, uma vez que não pode haver mais de uma vogal por sílaba. Como não pode haver mais de uma vogal em uma mesma sílaba e essas vogais se encontram lado a lado em um hiato, obviamente estarão em sílabas distintas, “com uma lacuna entre si”. Os exemplos são muitos em nossa língua: *sa-ú-de*, *ca-í-a*, *hi-a-to*, *ba-ú*, *ca-o-lho*, *ci-ú-me*, *jo-e-lho* etc.



Lembre-se de que, no caso de ditongos e tritongos, temos a combinação de vogais e semivogais, nunca de duas vogais, e é por isso que se faz importante distinguir esses conceitos – de âmbito sonoro –, já que na escrita as letras não manifestam distinção nesse sentido.

Vamos retomar o exemplo da palavra *baleia*. É comum algumas pessoas afirmarem que há na palavra *baleia* um hiato, além do ditongo, o que não é verdade. Temos *ba-lei-a*, certo? O *i* da segunda sílaba é a semivogal, uma vez que é o som emitido com menos volume no conjunto *ei*. O que temos, portanto, é o encontro de uma semivogal e uma vogal contíguas em sílabas diferentes: *i+a*. Por esse motivo, não podemos chamar esse encontro vocálico de hiato.

**Atividade 1**

*Atende ao objetivo 1*

1. Com base no dialeto carioca, faça a transcrição fonética dos vocábulos a seguir, atentando para a presença ou não de encontros vocálicos. Nas transcrições em que esses encontros ocorrem, classifique-os adequadamente. Separe as sílabas com um ponto:

	Transcrição fonética	Classificação dos encontros vocálicos
papel		
feixe		
canavial		
painel		
queijo		
ópio		

2. Preencha os parênteses conforme a relação abaixo:

(1) ditongo oral crescente	(2) ditongo oral decrescente
(3) ditongo nasal	(4) hiato
	(5) tritongo

- |              |               |
|--------------|---------------|
| ( ) caixa    | ( ) também    |
| ( ) piada    | ( ) queimar   |
| ( ) meia     | ( ) amaldiçoe |
| ( ) aquoso   | ( ) colmeia   |
| ( ) égua     | ( ) culto     |
| ( ) órgão    | ( ) Uruguai   |
| ( ) quais    | ( ) gratuito  |
| ( ) renúncia | ( ) venderam  |
| ( ) renuncia |               |

### Resposta comentada

1.

	Transcrição fonética	Classificação dos encontros vocálicos
papel	[pa.'pɛw]	Há um ditongo decrescente.
feixe	['fej.ɪ] ou ['fe.ɪ]	Na primeira transcrição, há um ditongo decrescente. Observe que, na segunda transcrição, não temos a pronúncia da semivogal <i>i</i> , fenômeno comum na fala coloquial, espontânea e não monitorada dos brasileiros.
canavial	[ka.na.vi.'aw]	Há um hiato e um ditongo decrescente.
painel	[paj.'nɛw]	Há dois ditongos decrescentes.
queijo	['kej.ɜu] ou ['ke.ɜu]	Na primeira transcrição, há um ditongo decrescente. Na segunda transcrição, assim como ocorreu com a palavra <i>feixe</i> da letra b, ocorre a monotongação do ditongo <i>ei</i> , ou seja, a semivogal não é pronunciada.
ópio	['ɔ.pju] ou ['ɔ.pi.u]	Na primeira transcrição, há um ditongo crescente. Na segunda, um hiato.

2.

(2) caixa	(3) também
(4) piada	(2) queimar
(2) meia	(2) amaldiçoe
(1) aquoso	(2) colmeia
(1) égua	(2) culto
(3) órgão	(5) Uruguai
(5) quais	(2) gratuito
(1) renúncia	(3) venderam
(4) renuncia	

Para classificar os encontros vocálicos, é preciso estar atento à relação grafia/pronúncia, pois, em muitos casos, há divergência quanto ao comportamento de determinados fonemas quando emitidos em ambientes específicos da cadeia sonora. Alguns casos ilustram essa situação:

- a) A letra *m* em posição de palavras como *também* e *venderam* sinaliza um ditongo nasal, sendo pronunciadas, respectivamente, [tã<sup>m</sup>bêj] e [ve<sup>n</sup>'derãw], ou seja, a grafia da nasal *m* atua como a semivogal [j] em *também* e como a semivogal [w] em *venderam*.
- b) A sequência das vogais *u*, *e*, *i* em palavras como *queimar*, *queixar* não expressa um tritongo, pois, nesses casos, temos o dígrafo *qu* (duas letras que correspondem a um único som) seguido do ditongo *ei*.
- c) Devido à vocalização da consoante lateral em final de sílaba na maioria dos dialetos do português brasileiro, como no caso de *culto*, cria-se um ditongo ['kuwtu].
- d) As vogais grafadas *o* e *e* posicionadas em final de palavras, como em *órgão* e *amaldiçoe*, correspondem, respectivamente, às pronúncias das semivogais [w] e [j].

## Os encontros consonantais

Assim como os encontros vocálicos, temos os encontros consonantais. Eles ocorrem sempre que existirem consoantes contíguas em uma palavra, seja numa mesma sílaba (ex.: **braço**) ou não (ex.: **costa**).

Poucos são os encontros consonantais da língua portuguesa. Câmara Jr. (1989, p. 41) nos mostra que:

Em posição intervocálica, pode parecer, por insinuação do uso da língua escrita, que há a possibilidade de muitas consoantes, como sugerem as grafias de *ritmo*, *apto*, e assim por diante. Mas é uma ilusão, como veremos ao apreciar a estrutura da sílaba, em particular no português do Brasil.

Os encontros consonantais mais frequentes no PB são os intrassilábicos ou tautossilábicos, ou seja, aqueles em que a segunda consoante é uma líquida, registrada na escrita pelas letras *l* ou *r*, como já vimos ao tratar do ataque complexo: **prato**, **clave**, **trote**, **pluma** etc. Há, porém, outros possíveis encontros consonantais mais raros em interior de sílaba, tais como: **mne-mô-ni-co**, **psi-co-lo-gia**, **pneu** etc. Aqui, é necessário refletirmos um pouco a respeito do descompasso entre a oralidade e a escrita.

Lembra quando vimos que o padrão silábico canônico do português é CV? Pois bem, isso nos leva a querer regularizar a pronúncia de sílabas que fogem muito a essa configuração, tal como acontece nas palavras com os últimos encontros consonantais citados. Na prática, percebemos a presença de uma vogal preenchendo o espaço entre as consoantes, de modo a termos as seguintes pronúncias: [mine'mõniku], [pisikolo'ziã] e [pi'new], quando não [pe'new]. Essa regularização transforma uma sílaba atípica CCV em duas sílabas CV. Se analisarmos a realização sonora, tomando como ponto de partida uma dada variante sociolinguística em que as vogais sejam evidentes, não teremos encontros consonantais. Na hora de separar silabicamente a palavra escrita, entretanto, teremos de respeitar nosso sistema ortográfico, que não prevê uma letra representando tal vogal realizada, o que nos leva a obrigatoriamente entender aquele padrão como CCV, colocando as letras numa mesma sílaba, de modo a interpretá-las como encontro consonantal.

Como você deve estar pensando, essa diferença gerará dificuldades, por exemplo, durante o processo de alfabetização, especialmente no caso de crianças que realizam uma variante sociolinguística muito distinta da prevista pelo padrão ortográfico vigente.

Outros tantos encontros consonantais se manifestam em sílabas distintas, como é o caso de: *af-ta*, *pac-to*, *ab-so-lu-to*, *ad-mi-tir*, *dig-no*, *ét-nico*, *ap-to* etc. Observe que, em todos esses casos, é possível inserir uma vogal /i/ na pronúncia. Essa vogal nada mais é do que uma vogal inserida no meio da palavra por um fenômeno chamado *epêntese*, por isso mesmo será chamada de vogal epentética. Esse processo de acréscimo fonético não pertencente à etimologia da palavra; ele se dá por acomodação articulatória, por eufonia ou analogia (falaremos mais, na próxima aula, sobre processos fonológicos). Nesses casos, também ocorrerá dificuldade durante a aprendizagem do sistema escrito, dada sua diferença em relação à realização oral.

Por último, gostaria de chamar sua atenção para um caso bastante particular de encontro consonantal: o /ks/, representado graficamente pela letra *x* em palavras como: *anexo*, *tóxico* e *fixo*. Fique esperto(a)! Há na palavra *fixo* quatro letras, mas cinco fonemas – ['fiksʊ] –, portanto, você não pode desconsiderar o encontro consonantal que há nela. Interessante, não? A esse fenômeno, em que um único grafema corresponde a dois fonemas, chama-se *dífono*.



Você não deve confundir encontros consonantais com dígrafos. No caso dos encontros consonantais, temos duas letras (consoantes) que correspondem a dois sons, como em *carta* ['kaxtə]. Note que tanto a fricativa, expressa pela letra *r* [x], quanto a oclusiva, representada pela letra *t* [t], são pronunciadas. No entanto, quando se trata de dígrafos, temos duas letras que correspondem apenas a um som, como em *piscina* [pi'sĩ nə]. As letras *s* e *c* correspondem a um único fonema /s/.

## Os dígrafos

Assim como você acabou de ver, sendo o dífono um único grafema que representa dois fonemas, o dígrafo é, por natureza, uma concepção de unidade, ou seja, são duas letras que representam um único fonema,

certo? Como você já estudou na aula sobre vogais nasais, há dígrafos que representam consoantes e há dígrafos que representam vogais, embora a NGB não trate deste último caso.

São exemplos de dígrafos consonantais:

*sc, qu e gu* (diante de *i* e *e*), *ch, lh, nh, sç, xc, rr, ss*

Os dígrafos vocálicos são aqueles em que as letras *m* e *n* indicam vogais nasais, funcionando como letras diacríticas:

*canto, pombo, limpo, bambu* etc.

No caso da letra *h* em início de vocábulo, embora a literatura não aborde o tema, podemos dizer que se trata de um dígrafo vocálico, uma vez que há duas letras com apenas uma emissão sonora.

*hoje, hotel, hífen* etc

Se as duas letras de um dígrafo representam um único fonema, essas duas letras deveriam, portanto, estar sempre juntas na separação silábica na modalidade escrita, não é mesmo? Isso, porém, nem sempre ocorre, como você provavelmente já sabe! Os dígrafos *rr, ss, sc, sç* e *xc* separam-se na translineação. Mas falaremos de translineação no próximo tópico. Por enquanto, vamos praticar o que estudamos até aqui.

## Atividade 2

### Atende ao objetivo 2

Coloque (EC) para encontro consonantal, (D) para dígrafo e (N) para nenhuma das duas ocorrências:

- |               |     |             |     |
|---------------|-----|-------------|-----|
| a) vassoura   | ( ) | g) chácara  | ( ) |
| b) argola     | ( ) | h) raquete  | ( ) |
| c) floresta   | ( ) | i) chuveiro | ( ) |
| d) prótese    | ( ) | j) queijo   | ( ) |
| e) carroceria | ( ) | k) água     | ( ) |
| f) ramalhete  | ( ) | l) atraso   | ( ) |

### **Resposta comentada:**

a) (D) *ss*; b) (EC) *rg*; c) (EC) *fl* e *st*; d) (EC) *pr*; e) (D) *rr*; f) (D) *lh*; g) (D) *ch*; h) (D) *qu*; i) (D) *ch*; j) (D) *qu*; k) (N) *gu* é consoante complexa, o *u* é realizado; l) (EC) *tr*.

## **A separação silábica e a translineação**

Por fim, um último assunto merece nossa atenção. Hoje em dia, o uso do computador vem modificando consideravelmente muitos comportamentos em relação à escrita e à leitura, como bem sabemos. Alguns hábitos escolares passam a ser menos frequentes. Um deles é a *translineação*.



*Translineação* é o ato de iniciar a escrita de uma palavra em uma linha, terminando seu registro em outra.

Esse processo exige a separação silábica, que nem sempre corresponderá à lógica da estrutura silábica oral, uma vez que a ortografia se organiza a partir de determinados pressupostos, diferentes dos da fala. A chamada *separação silábica* – recorrente atividade escolar de consciência fonológica e, também, recurso necessário para que seja feita a correta translineação das palavras do português – procura representar fielmente essas diferentes sequências, mas nem sempre isso é assim tão simples.

Quando essas convenções ortográficas não são seguidas, podemos ter desde um estranhamento dos critérios adotados na separação silábica a problemas comunicacionais, como a dificuldade em entender a mensagem que o texto quer passar, devido ao problema na translineação.

Ocorreu, certa vez, comigo, de passar por um automóvel com um cartaz colado no vidro, onde se lia:

VENDO

ESTE

RCO

Na ocasião, pensei que RCO era algo relacionado ao carro, até que, tempos depois, matei a charada: o objeto da venda era esterco: *este* + *rco*. Cômico, se não fosse trágico, ao menos para o vendedor! Curioso como uma simples translineação equivocada pode gerar prejuízo financeiro, não?

No caso ilustrado, a separação silábica na escrita corresponde ao padrão oral, uma vez que a palavra deveria ser separada assim: *es-ter-co*, ou seja, VC + CVC + CV. Ao colocar o *r* na outra linha, o sujeito separou a consoante em posição de coda de sua sílaba, colocando-a no início da sílaba seguinte, o que é incoerente e, por isso, facilmente detectável, se a pessoa tem incorporada a noção de sílaba. Percebe-se, em casos de escrita como esse, a ausência da compreensão da estrutura silábica e da relação fonológico-grafêmica necessária para a translineação.

Esse problema decorre do fato de o sujeito não ter internalizado um conhecimento que deveria ter sido aprendido na escola, daí se deduzir que o sujeito que escreveu a placa tenha um baixo grau de escolaridade ou formação escolar precária. Vários exemplos como o mencionado circulam diariamente pelas redes sociais, sendo motivo de riso, quando deveriam servir para a reflexão sobre o ensino e a aprendizagem do português escrito. Mas por que uma separação silábica como a apresentada no exemplo seria incoerente?

Dentre os considerados princípios universais relacionados à construção fonológica das palavras, há o chamado sequenciamento da sonoridade, que estabelece um determinado contorno sonoro para a sílaba, crescente no ataque e decrescente na coda. Sonoridades planas – chamadas de platôs – apenas ocorrem entre sílabas. Segundo esse princípio, dois elementos com o mesmo grau de sonoridade não são admitidos em sequência numa mesma sílaba, o que impede que as palavras a seguir sejam separadas em sílabas conforme segue: *e.ste.rco\**, *a.pti.dão\**, *pe.rda\** etc. Assim, as separações que seguem é que se mostram coerentes com o princípio mencionado, apresentando platôs nas posições entre sílabas: *es.ter.co*, *ap.ti.dão* e *per.da*.



O asterisco é uma forma de notação científica, muito utilizado na ciência linguística, para sinalizar construções inaceitáveis na língua do ponto de vista gramatical.

A palavra *aptidão*, entretanto, apresenta, em posição de coda, uma consoante não prevista para tal posição. Na prática, é comum que se pronuncie uma vogal epentética que desfaz o platô.

Outro exemplo que gera conflito ao aprendiz é a junção de alguns prefixos e radicais. Vejamos o prefixo *trans*. Pensemos nas palavras *transferir*, *transformar* e *transatlântico*. A regra geral de separação silábica, em caso de prefixos, preconiza que o prefixo não seja desmembrado, daí termos *trans-fe-rir* e *trans-for-mar*. Até aqui, tudo bem! Ao analisarmos silabicamente a palavra *transatlântico*, porém, observamos uma ressilabação do *s* final de *trans* com a vogal que inicia *atlântico*. Teremos, então, *tran-sa-tlân-ti-co*. Observe que, nesse caso, o prefixo é desmembrado em decorrência da junção. O mesmo ocorre com o prefixo *sub*, como em *subalterno*, em que teremos *su-bal-ter-no*, diferentemente do que ocorre quando a palavra à qual o *sub* se fixa é iniciada com uma consoante, como em *sublinhar*, *subrogar* e *subdesenvolvido*, em que teremos *sub-li-nhar*, *sub-ro-gar* e *sub-de-sen-vol-vi-do*. No caso de *sublinhar*, é possível, porém, haver também ressilabação, em que se pronuncia *bli* como uma única sílaba CCV, daí ser aceita a forma *su-bli-nhar* por alguns autores. Tudo muito interessante, não? Vamos, então, exercitar?

### Atividade 3

#### Atende ao objetivo 3

1. Com base na ortografia, faça a separação silábica das palavras abaixo:

	Separação silábica
transatlântico	
subrogar	

	<b>Separação silábica</b>
duelo	
sublingual	
desesperar	
subjugar	
cisandino	
intelecção	
pneumático	
circunspecto	
tungstênio	
occipital	
transamericano	
transcontinental	
subsídio	
saguão	
ritmo	
subestimar	
voo	

2. Observe se os segmentos das palavras a seguir são semivogais ou não e registre-os devidamente na transcrição fonética. Em seguida, identifique o que há de comum nos casos em que você identificar a presença de semivogal.

	<b>Transcrição fonética</b>
queijo	
pauta	
baú	
ainda	
Cairo	
suíno	
bueiro	
prédio	
salsa	
azeite	

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

### **Resposta comentada**

1.

	<b>Seperação silábica</b>
transatlântico	tran-sa-tlân-ti-co
subrogar	sub-ro-gar
duelo	du-e-lo
sublingual	sub-lin-gual
desesperar	de-ses-pe-rar
subjugar	sub-ju-gar
cisandino	ci-san-di-no
intelecção	in-te-lec-ção
pneumático	pneu-má-ti-co
circunspecto	cir-cuns-pec-to
tungstênio	tungs-tê-nio
occipital	oc-cip-tal
transamericano	tran-sa-me-ri-ca-no
transcontinental	trans-con-ti-nen-tal
subsídio	sub-sí-dio
saguão	sa-guão
ritmo	rit-mo
subestimar	su-bes-ti-mar
voo	vo-o

Na separação silábica ortográfica, você deve prestar atenção aos seguintes casos:

I. normalmente, os prefixos não são separados (*trans-li-ne-a-ção*), no entanto, se o prefixo terminar por consoante e o radical se iniciar por uma vogal, ocorre o processo de ressilabação e o prefixo se desmembra (*tran-sa-me-ri-ca-no*);

II. separam-se as consoantes e as vogais idênticas (*oc-cip-tal, vo-o*);

III. no interior da palavra, a consoante que não está seguida de vogal permanece unida à sílaba precedente (*rit-mo*);

IV. ditongos e tritongos não se separam (*sa-guão, tungs-tê-nio*) e hiatos se separam (*du-e-lo, vo-o*).

2. Observe que a semivogal ocorrerá em contextos de ditongos, apenas:

	Transcrição fonética
queijo	[ˈkɛjʒu]
pauta	[ˈpawtə]
baú	[baˈu]
ainda	[aˈĩːdɐ]
Cairo	[ˈkajɾu]
suíno	[suˈĩnu]
bueiro	[buˈejɾu]
prédio	[ˈpɾɛdʒju]
salsa	[ˈsawsə]
azeite	[aˈzejtɨ]

Com semivogal registrada, podendo ocorrer, também, o apagamento dessa semivogal em algumas variantes: [ˈkɛʒu].

Com semivogal registrada, devido à presença do ditongo.

Sem semivogal, devido ao hiato.

Também sem semivogal e sem ditongo. Há aqui um hiato.

Com semivogal, sem possibilidade de apagamento.

Sem semivogal e sem ditongo, com possibilidade de nasalização da segunda vogal: [suˈĩnu].

Com semivogal que pode sofrer apagamento: [buˈerɐ].

Com ditongo, ou a possibilidade de realização como hiato (gerando palavra proparoxítona): [ˈpɾɛdʒiu].

Com ditongo na maior parte das realizações brasileiras.

Com ditongo e semivogal, sem possibilidade de apagamento.

---

---

## Conclusão

Nesta aula, pudemos perceber que as noções exploradas – encontros vocálicos, encontros consonantais e dígrafos – costumam gerar dúvidas devido ao apoio no código escrito. Tais noções precisam ser elaboradas a partir da oralidade, sendo essencial distinguir os elementos fonêmicos nelas envolvidos, de modo a não confundi-las. Por fim, importante se faz compreender que a maneira como a escrita é organizada nem sempre reflete fielmente a organização silábica da oralidade, gerando desvios ortográficos durante o processo de alfabetização e, até mesmo, posteriormente a ele, o que requer a intervenção contínua do professor e o devido embasamento para que os problemas se resolvam.

---

---

## Atividade final

---

---

*Atende aos objetivos 1, 2 e 3*

Diante de tudo o que estudamos, responda:

a) Em que consiste a diferença entre ditongo e hiato?

---

---

---

b) Por que os ditongos decrescentes são os considerados legítimos?

---

---

---

---

---

---

c) Qual a diferença entre dífono e dígrafo?

---

---

d) Pode-se afirmar que os encontros consonantais têm apenas ocorrência intrassilábica?

---



---



---



---

### **Resposta comentada**

a) Enquanto ditongo é o encontro de uma vogal + uma semivogal em uma única sílaba, o hiato consiste na ocorrência contígua de duas vogais em sílabas distintas.

b) Diversos autores aceitam a tese de que haveria, em português, somente ditongos decrescentes, porque os ditongos crescentes podem alternar com hiatos (*his-tó-ria* ou *his-tó-ri-a*). O único caso em que não ocorre essa variação é o dos grupos *kw/gw* seguidos de *a/o* (*á-gua*, *a-quo-so*). Para os estudiosos, *qu* e *gu* consistiriam em consoantes complexas, exemplos de dígrafos (duas letras) que representariam graficamente uma consoante velar arredondada ou labializada. A consoante conjuga, simultaneamente, os traços articulatórios de oclusão e labialização.

c) Há difono quando a um único grafema correspondem dois fonemas. Há dígrafos quando a um único fonema correspondem dois grafemas.

d) Não. Os encontros consonantais também podem ser intersilábicos, ou seja, se manifestam em sílabas distintas, como é o caso de: *cos-ta*, *por-ta*, *col-cha*. Há, ainda, os casos em que é possível inserir uma vogal /i/ na pronúncia, como em: *af-ta*, *cac-to*, *ab-so-lu-to*, *ad-mi-tir*, *dig-no*, *ét-ni-co*, *ap-to* etc. No entanto, nossa ortografia oficial considera essas ocorrência como encontros consonantais.

---



---



---

### **Resumo**

Podemos resumir esta aula a partir da definição dos conceitos estudados. O primeiro visto, *glide* ou semivogal, consiste em um fonema que compartilha características de vogal e de consoante, sendo produzido com uma abertura menor que a de uma vogal, porém, maior que a de uma consoante, sem assumir pico de sílaba.

O conjunto de um *glide* e uma vogal numa mesma sílaba forma o que conhecemos como ditongo. O hiato, por sua vez, é um conjunto de duas vogais contíguas, porém, em sílabas separadas.

Assim como nos encontros vocálicos, teremos encontros consonantais sempre que existirem consoantes contíguas em uma palavra, seja numa mesma sílaba (os chamados encontros consonantais tautossilábicos, como *pl*, *cl*, *tr* etc.) ou não.

Os encontros consonantais, todavia, não devem ser confundidos com os dígrafos. Dígrafo é, por natureza, uma concepção de unidade, ou seja, são duas letras que representam um único fonema, seja ele consonantal ou vocálico. São exemplos de dígrafos consonantais: *sc*, *qu* e *gu* (diante de *i* e *e*), *ch*, *lh*, *nh*, *sç*, *xc*, *rr*, *ss*. Os dígrafos vocálicos são aqueles em que as letras *m* e *n* indicam vogais nasais, funcionando como letras diacríticas: *canto*, *pombo*, *limpo*, *bambu* etc.

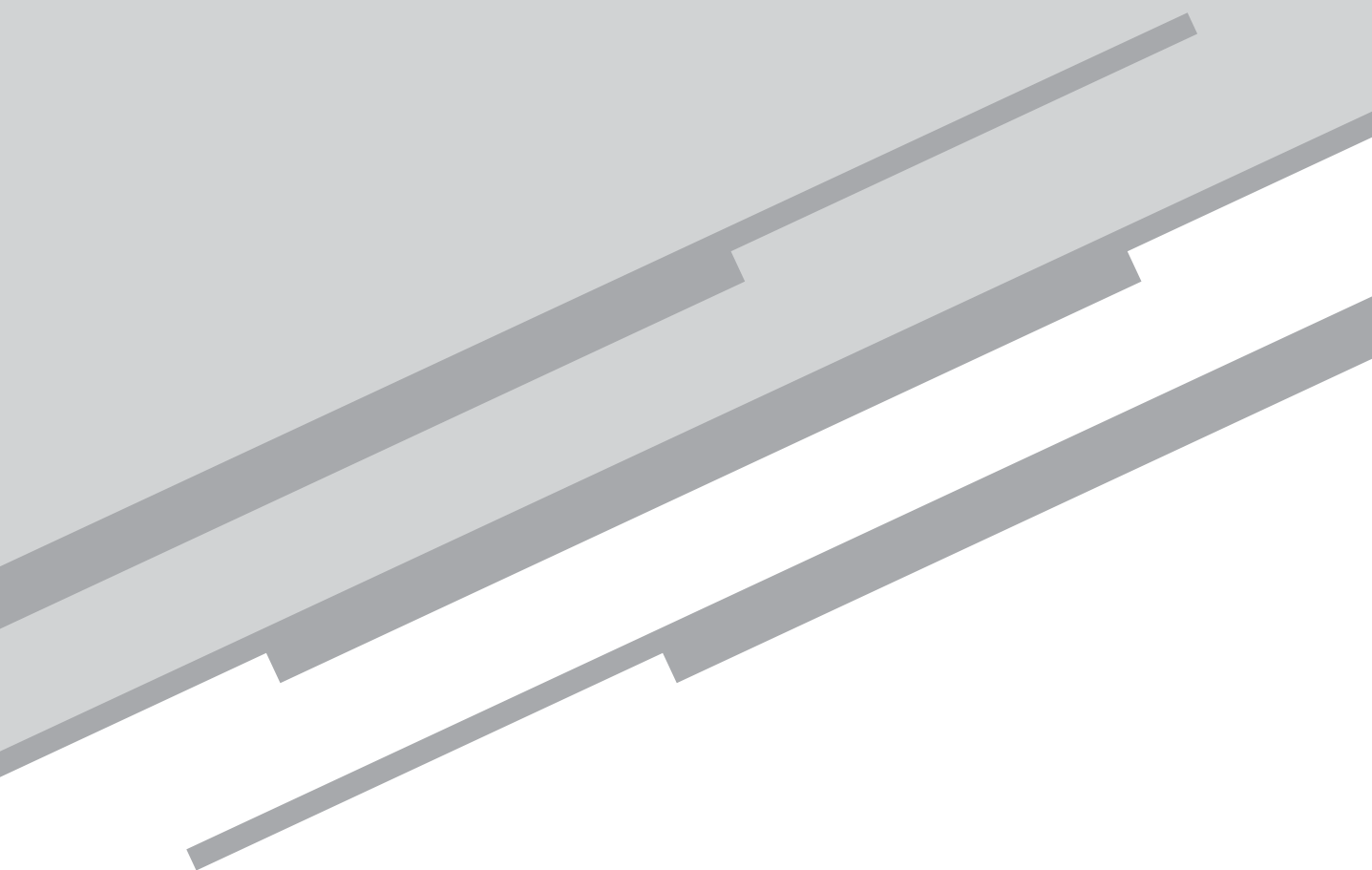
Por fim, cabe mencionar que separação silábica e translineação nem sempre coincidem. A primeira ocorre oralmente, a segunda, na escrita, sendo regida por diretrizes ortográficas, não necessariamente fiéis à oralidade.

## Informações sobre a próxima aula

Na próxima aula, você conhecerá os chamados processos fonológicos, que se manifestam durante a fase de aquisição da linguagem e estão presentes, também, nas marcas de variação sociolinguística de todo falante da língua. Ao identificá-los, você ainda será capaz de compreender grande parte dos desvios comumente encontrados na escrita que foge ao padrão ortográfico vigente.

# Aula 13

Processos fonológicos



*Marli Hermenegilda Pereira  
Tania Mikaela Garcia Roberto*

## **Meta**

Apresentar processos fonológicos recorrentes nas fases de aquisição e desenvolvimento da linguagem.

## **Objetivos**

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. explicar o que são processos fonológicos;
2. identificar diferentes processos fonológicos característicos da fala;
3. reconhecer processos fonológicos que se manifestam na escrita.

## **Pré-requisitos**

Para acompanhar esta aula, você precisará ter claras as noções de sílaba e traços distintivos.

## Introdução

Processos fonéticos e fonológicos são fenômenos de alteração sonora que ocorrem com fones e fonemas, podendo ser estudados numa perspectiva diacrônica (em que são também conhecidos como **metaplasmos**) ou sincrônica. Nesta aula, interessa-nos particularmente o estudo dos processos fonológicos nesta última perspectiva.

### Metaplasmo

Mudança fonética, geralmente assim chamada nos estudos diacrônicos dos processos fonológicos.

## Processos fonológicos

De acordo com Stampe,

[...] um processo fonológico é uma operação mental que se aplica à fala para substituir, no lugar de uma classe de sons ou de uma sequência de sons que apresentam uma dificuldade específica comum para a capacidade de fala do indivíduo, uma classe alternativa idêntica, porém desprovida da propriedade difícil. (STAMPE, 1973 *apud* OTHERO, 2005, p. 3).

Dessa forma, um processo fonológico atua no auxílio da realização de um dado som ou grupo de sons, seja pela criança, em fase de aquisição da linguagem, ou pelo adulto, em sua fala cotidiana.



É o que acontece quando uma mãe diz para seu filho: “*Baxa* o som!”. A realização de “*baxa*” é mais fácil do que *abaixa*, então, dizemos que houve, nesse caso, um processo fonológico.

O estudo dos processos fonológicos é relevante para que se compreendam diferentes aspectos da língua, tais como:

- mudanças da língua (estudo diacrônico);
- variações fonéticas (estudos sociolinguísticos diversos);

- questões de aquisição da linguagem (diferentes processos costumam manifestar-se com frequência nessa fase).

Os processos permitem, ainda, que sejam analisados problemas fonoaudiológicos (em que a recorrência de determinadas alterações pode caracterizar os chamados *desvios fonológicos*, que estudaremos ainda nesta aula), bem como o processo de alfabetização (uma vez que alguns processos fonológicos resultam em dificuldades manifestadas também na escrita e na leitura).

Por fim, viabilizam o estudo do processamento psicolinguístico (já que algumas alterações são recorrentes entre os falantes, podendo dar indícios de como a linguagem se organiza em seu processamento).

Os processos fonológicos são inatos, naturais e universais, ou seja, todo ser humano se depara com sua realização. Como bem lembra Vo-geley (2012, p. 226), “apesar de a substituição fonológica ser uma operação mental, ela é motivada pelas características físicas da fala, como neurofisiológicas, morfológicas, mecânicas, temporais e acústicas”.

Os processos fonológicos acontecem, especialmente, durante a fase de aquisição da linguagem, em que dificuldades de articulação costumam ser mais frequentes. Para nossos estudos, consideramos que a fase de aquisição da linguagem ocorre em crianças de 0 a 4 anos de idade.



**Figura 13.1:** Criança em fase de aquisição da linguagem.

Fonte: <http://www.freeimages.com/photo/996578>

Há diferentes designações para os processos fonológicos, que geralmente se caracterizam por serem de *supressão*, *adição*, *transposição* e *substituição*, não havendo consenso entre os estudiosos quanto à quantidade e à nomenclatura dos processos. Segundo Yavas, Hernandorena e Lamprecht (1991), o número de processos fonológicos varia entre oito e 42, sendo 13 mais comuns em língua portuguesa.

Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2011), por exemplo, organizam os processos fonológicos em quatro categorias distintas, com ênfase em suas características de: a) assimilação; b) estruturação silábica; c) enfraquecimento e reforço; d) neutralização. Vejamos um pouco em que consistem tais processos:

**Quadro 13.1:** As quatro categorias dos processos fonológicos, segundo Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2011)

	Processo			
	Assimilação	Estruturação silábica	Enfraquecimento e reforço	Neutralização
<b>Conceito</b>	Um segmento torna-se semelhante a outro, assumindo traços distintivos de um segmento vizinho.	Ocorre mudança na distribuição dos elementos silábicos, seja por <i>acréscimo</i> , <i>inversão</i> ou <i>supressão</i> .	Envolvem modificações de elementos conforme sua posição na palavra.	Dois segmentos distintos perdem suas diferenças em determinados contextos.
<b>Exemplo</b>	Labialização de consoantes diante de vogais arredondadas [p <sup>w</sup> u'lax], entre outros.	Alteração do padrão silábico complexo para CV, como em <i>prato</i> → ['patu], entre outros.	Realização ['fɛ:jtɐ] para <i>festa</i> , em que há ditongação, na fala carioca, devido ao contexto.	Em ['gɔjtɐ] ou ['gɔstɐ], as fricativas [ʃ, s] deixam de ser distintivas em final de sílaba e o resultado dessa neutralização é o arquifonema /S/: /'gɔStɐ/.

Os processos apresentados nesta aula, no entanto, não seguem fielmente a classificação mencionada pelos autores citados, apesar de coincidirem, em grande parte, com os fenômenos por eles descritos. Estão aqui organizados, segundo a tradição, em quatro categorias:

- a) processos por apagamento ou supressão;
- b) processos por acréscimo;
- c) processos por transposição;
- d) processos por substituição.

Antes de vermos em que consiste cada um desses fenômenos, vamos conferir se você entendeu o que são processos fonológicos.

---

---

### **Atividade 1**

---

---

#### ***Atende ao objetivo 1***

Assinale a alternativa correta. Sobre processos fonológicos, podemos afirmar que o falante:

- a) realiza uma produção de característica mais fácil devido a uma limitação fonético-articulatória que o impede de realizar a produção-alvo.
- b) apenas realiza uma produção mais fácil durante a aquisição da linguagem.
- c) substitui uma realização com propriedade fácil por uma com propriedade difícil.
- d) substitui uma realização com propriedade difícil por uma com propriedade fácil.

#### ***Resposta comentada***

A alternativa correta é a d). A alternativa a) está errada porque nem sempre o processo fonológico decorre de uma limitação fonético-articulatória. Pode decorrer de uma dificuldade perceptiva ou auditiva, por exemplo. A alternativa b) está errada porque a fase de aquisição da linguagem, que ocorre entre 0 e 4 anos de idade da criança, não é a única em que os processos se manifestam, o que se constata nos inúmeros exemplos de realizações de adultos sem problemas de linguagem presentes ao longo desta aula. A alternativa c) está errada porque afirma o contrário daquilo em que consiste um processo fonológico.

## Processos fonológicos por apagamento ou supressão

Os processos fonológicos por apagamento ou supressão são considerados processos de estruturação silábica e envolvem o apagamento ou supressão de um segmento, seja vogal, consoante, semivogal ou, até mesmo, sílaba.



Os processos fonológicos por apagamento ou supressão também são chamados de processos fonológicos de queda, eliminação ou truncamento.

Em relação aos processos de apagamento, é muito comum encontrar, na literatura especializada, os seguintes termos: aférese (início), síncope (meio) e apócope (fim).



Etimologicamente, estas três palavras (aférese, síncope e apócope) têm significados semelhantes. Todas vêm do grego e referem-se à noção de perda.

Aférese, do grego ἀφαίρεσις (afáiresis): retirada.

Síncope, do grego συγκοπή (syncōpe): supressão.

Apócope, do grego ἀποκοπή (apokopé): amputação.

A aférese ocorre quando o segmento que sofre a queda está no início da palavra (amarelo > Ømarelo); a síncope refere-se à queda do segmento medial da palavra (abóbora > abobØra) e a apócope ocorre quando o segmento que sofre a queda está no final da palavra (viajar > viajaØ).

## Apagamento de vogal

O apagamento de vogal tende a ocorrer quando ela assume posição inicial de vocábulo, coincidindo com sílaba. Pode ser evidenciado tanto diacrônica quanto sincronicamente, seja durante a aquisição, seja em variações sociolinguísticas, como é comum que ocorra com os diversos processos.

É exemplo de apagamento de vogal (no caso, sílaba) em início de vocábulo (aférese):

obrigado > “brigado” → [bri.'ga.du]

[o] > Ø



Como você pôde observar, as transcrições fonéticas feitas nos exemplos dos processos fonológicos apresentam pontos para identificar as sílabas, facilitando a compreensão dos fenômenos ilustrados. Cabe lembrar que a sílaba tônica é sempre antecedida por apóstrofo. Para que não haja dúvidas quanto ao fenômeno exemplificado, optou-se pelo registro em escrita convencional, juntamente à transcrição fonética.

Observe, no exemplo dado, que, após a mudança indicada em escrita convencional (o sinal > indica a mudança da forma anterior à posterior ao sinal), há a transcrição fonética. Na linha de baixo, há a transcrição do elemento que sofreu alteração. No caso, o resultado foi o apagamento, daí o símbolo Ø, que significa *vazio*.

## Apagamento de consoante

O apagamento de consoante pode se dar em diferentes posições silábicas, sendo comum o apagamento de líquidas em posição C<sub>2</sub> (segundo som dos encontros consonantais) ou em início de sílaba e de fricativas em posição de coda.

São exemplos de apagamento de líquidas em posição C<sub>2</sub> ou em início de sílaba:

drible > “dible” → [ˈdi.blɪ]

[dri] > [di]

bicicleta > “biciketa” → [bi.si.ˈkɛ.tə]

[klɛ] > [kɛ]

barata > “baata” → [bə.ˈa.tə]

[r] > Ø

velhinha > “veinha” → [vɛ.ˈĩ.nə]

[λ] > Ø



Esses casos de apagamento de consoante são muito comuns durante a aquisição da linguagem, uma vez que as líquidas são adquiridas posteriormente a outras consoantes. O caso do apagamento de  $C_2$  ocorre devido ao fato de a estrutura silábica CV ser adquirida anteriormente ao chamado *cluster* (sílabas complexa, com encontro consonantal). Vogeley (2012) chama a atenção para a questão de estudos acústicos mostrarem que as crianças, nessa fase, embora não realizem a sílaba complexa, tendem a um alongamento compensatório da vogal, o que demonstra que reconhecem ali a presença de uma estrutura silábica diferente do padrão CV. Sugere-se, assim, que a aquisição da estrutura prosódica precede o domínio do segmento no processo de aquisição fonológica, ou seja, sua percepção precede a sua produção, o que ocorre pelo fato de o sistema articulatório da criança ainda não estar preparado para a produção de determinados sons.

São exemplos de apagamento de fricativas em posição de coda silábica:

pegar > “pegá” → [pe.ˈga]

[x] > Ø

garfo > “gafo” → [ˈga.fu]

[x] > Ø

mesmo > “memo” → [ˈmẽ.mu]  
[ʒ] > Ø



O primeiro exemplo desse último grupo (*pegar*) evidencia uma tendência comum do PB, em que o som correspondente ao “r” final dos verbos no infinitivo não aparece na fala atual, seja entre adultos ou crianças. Tal fato gera, inclusive, dificuldade na escrita de crianças.

## Apagamento de sílaba

O apagamento de sílaba ocorre com sílabas átonas em diferentes posições.

São exemplos de apagamento de sílaba átona:

acabou > “cabô” → [ka.ˈbo]  
[a] > Ø

bicicleta > “biketa” → [bi.ˈkɛ.tə]  
[si] → Ø

fósforo > “fósfo” → [ˈfɔʃ.fu]  
[ru] → Ø



Observe, nesse último exemplo, uma tendência em realizar a estrutura canônica de acento do português do Brasil, transformando uma proparoxítona – forma marcada – em uma paroxítona.

## Apagamento de semivogal

O apagamento de semivogal é bastante comum e o processo também é conhecido como *monotongação* ou *deditongação*.

São exemplos de deditongação:

tomou > “tomô” → [to.'mo]

[ow] > [o]

roupa > “ropa” → ['xo.pə]

[ow] > [o]

queixo > “quexo” → ['ke.ʃu]

[ej] > [e]

loira > “lora” → ['lo.rə]

[oj] > [o]

## Processos fonológicos por acréscimo

Há vários processos de acréscimos relatados diacronicamente, havendo diferentes nomenclaturas para designá-los. Por um viés sincrônico, podem ser observados os acréscimos de vogais em determinados vocábulos, resultando nos metaplasmos conhecidos por *prótese* (início), *epêntese* (meio), e *paragoge* (final).



Etimologicamente, estas três palavras – prótese, epêntese e paragoge – têm significados semelhantes. Todas vêm do grego e referem-se à noção de acréscimo.

Prótese, do grego *πρόθεσις* (prothésis): colocar antes.

Epêntese, do grego *ἐπέθεσις* (epenthesis): colocar sobre.

Paragoge, do grego *παρωγή* (paragógé): acrescentar adiante.

O fenômeno geralmente ocorre em processos de regularização da sílaba, quando a estrutura silábica foge do padrão canônico da língua ou representa dificuldade articulatória durante a aquisição da linguagem. São comuns, ainda, os acréscimos de semivogais, também conhecidos como ditongação.

A prótese pode ser notada no exemplo a seguir:

marrom > “amarrom” → [ama'xõ<sup>m</sup>]

A epêntese pode ser examinada nos exemplos a seguir:

pneu > “pineu” → [p<sup>i</sup>.'new]

advogado > “adivogado” → [a.d<sup>i</sup>.vo.'ga.du]

prato > “parato” → [p<sup>a</sup>.'ra.tu]



Observe, nesse último exemplo, que a epêntese se deve à dificuldade de realizar o *cluster* silábico, comum durante a aquisição da linguagem, gerando uma realização no padrão CV.

A paragoge, fenômeno muito raro no português atual, pode ser observada no exemplo a seguir:

amor > “amori” → [a'morɪ]

A ditongação pode ser percebida nos exemplos a seguir:

nós > “nóis” → ['nɔɪ̯ʃ]

nascer > “naiscê” → [naɪ̯.'se]

doze > “douze” → ['doʷ.zɪ]

arroz > “arroiz” → [a.'xoɪ̯ʃ]

## Processos fonológicos por transposição

Dos processos fonológicos por transposição, o mais comum é a metátese. Esse fenômeno consiste na alternância de segmentos dentro do vocábulo, o que pode se dar dentro de uma única sílaba ou envolver duas sílabas distintas.



Metátese é uma palavra de origem grega (μετάθεσις, metátesis) que significa, literalmente, alteração de proposição. Podemos entendê-la como transposição.

São exemplos de metátese:

dentro > “drento” → [ˈdrẽ.tu]

trator > “tartor” → [tax.ˈtox]

caderneta > “cardeneta” → [kaɣ.de.ˈne.tə]

capacete > “pacacete” → [pa.ka.ˈse.tʃi]

primário > “primairo” → [pri.ˈma.i.ru]

bicarbonato > “bicabornato” [bi.ka.boɣ.ˈna.tu]

É ainda possível que não ocorra transposição de segmentos, mas do acento, que é um elemento suprasegmental. Nesse caso, o nome do fenômeno é *hiperbibasmo*.

Eis alguns exemplos de hiperbibasmo:

rubrica > “rúbrica” → [ˈxu.bri.kə]

nobel > “nóbel” → [ˈnɔ.bew]

ruim > “rúim” → [ˈxũj]



Algumas palavras, como as apresentadas anteriormente, são amplamente difundidas na língua com alteração da sílaba tônica, gerando desacordo entre os falantes, além de preconceito linguístico, por se tratar, em alguns casos, de pronúncias estigmatizadas. Nos estudos normativos de gramática, a ortoépia/ortoepia encarrega-se de estudar a chamada “boa pronúncia”. Ironicamente, a palavra que designa tal estudo prevê duas pronúncias oficiais possíveis.

## Atividade 2

### Atende ao objetivo 2

1. Assinale o processo presente no exemplo a seguir:

caranguejo → [kara'ge'ʒu]

- a) ditongação
- b) apagamento da semivogal [w] na sílaba tônica

2. A seguir são dados exemplos de palavras conforme realização de crianças em fase de aquisição de linguagem. Registre o(s) processo(s) fonológico(s) presente(s) em cada caso:

a) bruxa → ['buʃə]: \_\_\_\_\_

b) enjoado → [ʒu'adu]: \_\_\_\_\_

c) fumaça → [mu'fasə]: \_\_\_\_\_

3. Algumas variantes sociolinguísticas manifestam processos peculiares. Observe as realizações a seguir e assinale o processo fonológico presente em cada caso:

a) (variante comum no Rio de Janeiro) nasceu → [na'i'sew]

- ( ) apagamento de vogal
- ( ) ditongação
- ( ) metátese

b) (variante comum em Florianópolis) dois → ['dos]

- ( ) epêntese de vogal
- ( ) deditongação
- ( ) metátese

4. Qual exemplo a seguir caracteriza-se por conter metátese?

- a) condor → ['kõdor]
- b) tábuca → ['tawbə]
- c) carne → ['kajni]

### Resposta comentada

1. a) Ditongação, uma vez que a realização manifesta uma semivogal não prevista na produção esperada. O apagamento de semivogal não procede, uma vez que se trata, no exemplo, de um dígrafo *gu*.
2. a) Apagamento de líquida em posição  $C_2$ . Possivelmente, a pronúncia *buxa* ocorre devido à dificuldade de realização do *cluster* silábico.  
b) Apagamento de sílaba átona inicial (*joado*).  
c) Metátese (*mufaça*).
3. a) Ditongação (*naisceu*)  
b) Deditongação (*dos*)
4. b). A alternativa a) apresenta hiperbissmo (deslocamento do acento) e a alternativa c), semivocalização (processo apresentado a seguir).

### Processos fonológicos por substituição

Os processos fonológicos por substituição são mais variados, dentre eles, os mais comumente realizados são *assimilação*, *dissimilação* e *sândi*. Esses processos consistem, basicamente, na substituição de um fonema por outro ou na troca de algum dos traços que o compõem por influência contextual.



O processo de assimilação pode se manifestar como: fortalecimento, labialização, plosivização, harmonia vocálica, sonorização, dessonorização, palatalização, anteriorização, posteriorização, alçamento, rotacismo, lambdacismo, vocalização.

Veremos a seguir cada um desses processos.

## Assimilação

A assimilação é um processo que ocorre quando um fone assimila um ou mais traços de outro fone próximo a ele, tornando-se mais semelhante ao fone com traço “copiado”. A assimilação pode ocorrer em ambas as direções, podendo um fone assimilar traços de outro fone em posição anterior ou posterior a ele no vocábulo. Observe os exemplos a seguir:

bravo > “brabo” → ['bra.bu], em que o /v/ assimila o traço [-contínuo] de /b/;

vamos > “vomos” → ['võ.muʃ], em que a vogal /a/ assimila os traços [+arredondado] e [+posterior] de /u/.

Cagliari (2002, p. 102) chama de fortalecimento o processo de substituição em que há a troca de uma articulação mais “frouxa” por uma que exige maior esforço, como é o caso da troca de /v/ por /b/, e de enfraquecimento quando ocorre o contrário.

Na palavra *bravo*, a assimilação se dá por *fortalecimento*. No mesmo exemplo, ainda, constata-se o processo de *labialização*, já que o fonema adquire traços de articulação labial. Verifica-se, também, o processo de *plosivização*, quando um fonema fricativo ou africado é substituído por um plosivo. Como se pode constatar, a mudança de um elemento por outro pode gerar diferentes fenômenos, a depender dos traços alterados e do que envolve a alteração. Você precisa estar atento a isso.

Em *vamos* → ['võ.muʃ], verifica-se a assimilação dos traços de uma vogal para a outra. Nesse caso, temos um fenômeno que se chama *harmonia vocálica*, um tipo de assimilação que faz com que as vogais se tornem iguais ou semelhantes entre si.

O processo de assimilação pode resultar, também, na *sonorização* de consoantes surdas em ambientes intervocálicos, tal é o caso, por exemplo, das consoantes plosivas, fricativas e africadas surdas que se realizam como sonoras, por assimilação do traço [+sonoro] de uma vogal que as segue ou de outra consoante sonora próxima. Observe os casos a seguir de sonorização:

subsídio > “subzídio” → [sub.'zi.dju]

decote > “degote” → [de.'gɔ.tʃɪ]

confusão > “gonvuzão” → [gõ<sup>n</sup>.vu.'zãw]



A sonorização das consoantes surdas intervocálicas, fenômeno bastante difundido no latim vulgar, é um dos traços fônicos determinantes para a caracterização das línguas românicas do ocidente (que se sonorizaram), em oposição às línguas românicas do oriente (que não se sonorizaram). Assim, do lado ocidental, sonorizaram-se o português, o espanhol, o catalão, o provençal e o francês. Do lado oriental, não se sonorizaram o italiano e o romeno. Note a evolução do verbo *sapere* do latim, que resultou em *saber* (p > b) no português, espanhol, catalão e provençal.

A causa do fenômeno é bastante especulada. Há teorias que o associam à influência dos celtas, com base no argumento de que entre eles houve um fenômeno geral denominado *lenição* céltica, que consistia num debilitamento das consoantes, principalmente quando intervocálicas.

Num movimento oposto, há *dessonorização*, que, como o nome sugere, consiste na perda do traço da sonoridade.

gato > “cato” → ['ka.tu]

você > “focê” → [fo.'se]

Outro fenômeno de assimilação, bastante comum no PB, é a *palatalização* (ou palatização), que é um processo em que um segmento se torna palatal ou mais semelhante a um som palatal ao adquirir uma articulação secundária palatalizada (do tipo [tʲ]) ou africada (do tipo [tʃ]), conforme mostram os exemplos a seguir:

gente → ['ʒẽ.tʃɪ]

leite → ['lej.tʃɪ]

grande → ['grã<sup>n</sup>.dʒɪ]

grade → ['gra.dʒɪ]

Ainda no rol dos fenômenos por substituição, são conhecidos os processos de *anteriorização*, *posteriorização* e o de *alçamento*. A ante-

riorização consiste na substituição de um fonema por outro mais anterior, o que ocorre, por exemplo, por meio da troca de uma consoante velar por uma alveolar ou de uma palatal por uma labial, dentre outras possibilidades de substituição.

churrasco > “surrasco” → [su.'xaʃ.ku]

A *posteriorização*, como o nome indica, é o processo oposto ao da anteriorização. Caracteriza-se pela substituição de um fonema por outro mais posterior:

salsicha > “salchicha” → [saw.'ʃi.ʃə]

tesoura > “tijora” → [ti.'ʒo.rə]

O *alçamento*, já estudado, consiste na substituição de uma vogal por outra mais alta. É o que ocorre com as átonas finais /e/ e /o/, que se realizam [ɪ] e [ʊ], respectivamente, no português atual. Às vezes, o *alçamento* é resultado de um processo de *harmonia vocálica*, como nas sílabas iniciais dos exemplos a seguir:

menino > “mininu” → [mi'niɲʊ]

perigo > “pirigu” → [pi.'ri.gʊ]

Fenômeno bastante recorrente no PB é o da substituição das líquidas: /l/ por /r/ e /r/ por /l/. Esse processo é muito comum pelo fato de as líquidas partilharem muitos traços, o que faz com que seja frequente a troca de uma pela outra. A troca do /l/ pelo /r/ é chamada de *rotacismo*. Já a troca do /r/ pelo /l/ recebe o nome de *lambdacismo*, caso do personagem Cebolinha das histórias em quadrinhos da Turma da Mônica.

São exemplos de *rotacismo*:

problema > “pobrema” → [po.'brẽ.mə]

Flamengo > “Framengo” → [fra.'mẽ.gʊ]

E de *lambdacismo*:

praia > “plaia” → ['plaj.ə]

cérebro > “célebro” → ['sẽ.le.bɾʊ]



Por ser comum em muitas variantes sociolinguísticas, o *rotacismo* merece atenção do professor. Algumas realizações são muito estigmatizadas e geram problemas também na escrita das palavras com líquida trocada.

Outro fenômeno de substituição bastante comum na fase inicial de aquisição da linguagem é a semivocalização de líquida. Consiste na substituição de uma líquida por uma semivogal, sendo o fenômeno também conhecido na literatura por *vocalização*:

carne > “caine” → ['kaj.nɪ]

bola > “bóua” → ['bɔw.ə]



A semivocalização de líquidas é comum durante a aquisição da linguagem, embora possa, também, ser decorrente de um encurtamento do freio da língua, que impede que seu ápice toque os alvéolos, gerando uma semivogal, em vez de uma líquida. Nesse caso, o processo será fonético, não fonológico, já que decorre de uma limitação na realização do fonema, não numa dificuldade perceptiva ou distintiva.

Ainda sobre a substituição de líquidas, Vogeley (2012, p. 228) cita diferentes autores, chamando a atenção para a confusão entre as líquidas laterais /l/ e /ʎ/, uma vez que a aquisição da líquida alveolar /l/ é mais estável e inicial que a da líquida palatal /ʎ/, gerando casos como *olho* > ['o.lu].

## Dissimilação

Como é possível constatar, a assimilação gera inúmeros fenômenos fonológicos e é muito recorrente no período de aquisição da linguagem. Mas há, também, o fenômeno contrário, o da *desassimilação* ou *dissimilação*, que se caracteriza pela perda de um ou mais traços de um fone para se distinguir de outro fone próximo a ele. Assim como ocorre com a assimilação, é comum que o fenômeno ocorra em ambas as direções.

voo > “vou” → [ˈvow]

## Sândi

### Sândi

Nome da gramática do sânscrito para designar alterações morfofonêmicas.

Por fim, um processo fonológico por substituição que tem merecido atenção dos estudiosos é o **sândi**, já estudado em aulas anteriores. Segundo Bisol (2013, p. 53), trata-se de um recurso de que se vale a língua para evitar o hiato. Consiste, como foi possível observar na seção sobre ressilabação, na mudança fonética que sofre um segmento quando está em final de vocábulo ou em final de morfema, no interior de um vocábulo, por influência do contexto fonético circundante. No primeiro caso, chama-se sândi externo e, no segundo, sândi interno. É necessário enfatizar a mudança das estruturas silábicas nesse contexto.

Observe a estrutura silábica das palavras a seguir, iniciadas com o prefixo *trans*:

transatlântico → [trã<sup>n</sup>.za.'tlã<sup>n</sup>.tʃɪ.ku]

transferência → [trã<sup>n</sup>ʃ.fe.'rẽ.sjə]

O sândi interno ocorrido no primeiro exemplo se dá devido à presença da vogal inicial da palavra à qual o prefixo se une, obrigando o /s/ final a se sonorizar. Esse processo ocasiona uma reestruturação silábica, já que o /s/ sai da posição de coda silábica de *trans* e passa a realizar-se como [z] em posição de ataque silábico com o /a/, o que não ocorre no segundo exemplo.

Em casos de sândi externo, ocorrem mudanças como as que podem ser evidenciadas a seguir: se tomados os vocábulos, isoladamente, na expressão *com a gente*, têm-se três vocábulos distintos. No entanto, é possível que tal expressão se realize da seguinte forma: [kwa.'ʒẽ<sup>n</sup>.tʃɪ]. O sândi provocou a união dos vocábulos átonos (*com* e *a*) ao vocábulo *gente*, de modo que ocorre a realização de um único vocábulo fonológico. O [õ] deu lugar a uma semivogal [w], que se uniu ao /a/, formando um ditongo crescente.

Ao término dessa explanação, é importante refletir sobre a influência dos processos fonológicos na escrita escolar. Bortoni-Ricardo (2006) aponta dois tipos de problemas na aquisição da escrita em relação a esse aspecto. O primeiro tipo é oriundo de dificuldades nas convenções da escrita, conforme mostram os exemplos:

- letras que não correspondem a nenhum som: *hoje, haver*;
- sons que não são representados por nenhuma letra: *pneu (pineu)*;
- letras correspondendo a vários sons: (*sapo /s/, asa /z/*);
- sons representados por diversas letras: */s/ (sapo, laço), /f/ (extenso, faz)*;
- a grafia depende de noções morfológicas: morfema modo-temporal *-sse* (*fosse* em vez de “foce”).

O segundo tipo é resultado da transferência de saberes da fala para a escrita e comporta variações fonológicas regionalmente distribuídas, como os diversos processos fonológicos estudados nesta aula. Um exemplo é a grafia da palavra *muito* como “muintos”, que reflete a pronúncia nasalizada do termo na maioria dos dialetos brasileiros.

Vimos, nesta aula, que os processos fonológicos são reflexos da variação linguística inerente à língua oral. O professor precisa respeitar a fala do aluno, porque ela marca a sua identidade e o seu papel social: “Na língua oral, portanto, o indivíduo tem a variação a seu dispor, cabendo-lhe aprender na escola e na vida ajustar a variante adequada a cada contexto de uso.” (BORTONI-RICARDO; OLIVEIRA, 2013, p. 54).

A modalidade escrita padrão, no entanto, é regida por uma ortografia rígida e invariável e não cabe ao falante fazer escolhas. O domínio da ortografia é um processo longo e perpassa toda a trajetória escolar do indivíduo. Por isso, é importante que o futuro professor de língua materna conheça as causas dos “desvios ortográficos” para que possa fazer um trabalho de intervenção na escrita do aluno com maior propriedade e adequação.



O livro da professora Maria Cecília Mollica, *Da fala coloquial à escrita padrão* (2003), é uma boa sugestão de leitura para aqueles que pretendem aprofundar-se mais sobre a influência da fala na escrita escolar e conhecer algumas propostas didáticas para lidar com essa questão.

---

### Atividade 3

#### Atende ao objetivo 2

1. Assinale o processo presente no exemplo a seguir:

camundongo → [kamõ<sup>n</sup>'dõ<sup>n</sup>gu]

- a) epêntese de vogal
- b) posteriorização
- c) harmonia vocálica

2. Assinale o processo presente em:

*beneficência* → [benefisi'ēsja]

- a) epêntese de vogal
- b) ditongação
- c) harmonia vocálica

3. Identifique os processos abaixo, recorrentes na realização de crianças em fase de aquisição da linguagem:

- a) tesouro → [tʃi'zolu] \_\_\_\_\_
- b) vestido → [tʃi'ʃʃidu] \_\_\_\_\_
- c) sol → [ʃɔw] \_\_\_\_\_
- d) café → [ka'se] \_\_\_\_\_
- e) chupeta → [ʃo'petə] \_\_\_\_\_
- f) desculpa → [dʒi'ku] \_\_\_\_\_

4. Dê dois exemplos de realizações infantis que manifestem:

- g) sonorização \_\_\_\_\_
- h) dessonorização \_\_\_\_\_
- i) anteriorização \_\_\_\_\_
- j) posteriorização \_\_\_\_\_

11. Os exemplos *amar alguém* [amaraw'gẽj] e *três amigos* [treza'miguʃ] caracterizam o processo fonológico chamado \_\_\_\_\_.

### Resposta comentada

1. Harmonia vocálica, pois o /u/ é realizado como uma vogal mais baixa, por assimilação do traço da vogal seguinte.

2. Epêntese de vogal. Nesse caso, não se caracteriza ditongação, uma vez que a vogal inserida encontra-se em sílaba distinta da vogal /e/, já presente na palavra.

3. Em a), [tʃi'zolu], temos alçamento da primeira vogal /e/ → [i] por desassimilação em relação à vogal seguinte; deditongação (ou monotongação) por apagamento da semivogal [w]; lambdacismo (/r/[l]) e alçamento da átona final.

Em b), [tʃi'tʃidu], temos fortalecimento da consoante inicial /v/ → [t] (plosivização ou, ainda, posteriorização, por assimilação com a consoante seguinte) e dessonorização, uma vez que um fonema com traço [+sonoro] foi substituído por outro sem esse traço; alçamento da primeira vogal /e/ → [i], por assimilação do traço [+alto] da segunda vogal, gerando harmonia vocálica; palatalização da consoante da segunda sílaba /t/ → [tʃ] e alçamento da átona final, gerando, novamente, harmonia vocálica.

Em c), [ʃow], temos posteriorização da fricativa /s/ → [ʃ].

Em d), [ka'sɛ], temos posteriorização da fricativa /f/ → [s].

Em e), [ʃo'petə], temos abaixamento da vogal inicial por assimilação do traço da segunda vogal, gerando harmonia vocálica.

Por último, em f), [dʒi'ku], temos apagamento de fricativa em posição de coda /S/ > ∅ e apagamento de sílaba átona final /pa/ → ∅.

4. A resposta é pessoal, mas entre os exemplos a serem dados, estão previstos os que seguem: a) sonorização: [vo] para *flor*, [be'ga] para *pegar*; b) dessonorização: [fi'o] para *virou*, [ʃo'ka] para *jogar*; c) anteriorização: ['bow] para *gol*, [pa'bo] para *acabou*; d) posteriorização: [ki'ki] para *titia* e [vo'ko] para *voltou*.

5. Sândi externo.

---



---



---

## Processo ou desvio fonológico?

Como ficou evidente a partir dos exemplos utilizados ao longo deste capítulo, os processos fonológicos manifestam-se tanto em fase de aquisição da linguagem, na infância, como em variantes da língua que fogem do padrão canônico de ortoépia. Mas, no caso da criança que está em fase de desenvolvimento da linguagem, como saber se a troca é desviante ou não? Obviamente, esse é um assunto a ser tratado por fonoaudiólogos e linguistas, mas aos pais e professores cabem alguns parâmetros úteis de observação. Othero (2005) identifica alguns processos, estabelecendo-os nas idades em que costumam se manifestar e desaparecer. Observe:

**Tabela 13.2:** Processos fonológicos de acordo com a faixa etária

Processo	Idade						
	1:6	2:0	2:6	3:0	3:6	4:0	4:6
Redução CC							
Apagamento da sílaba átona							
Apagamento da fricativa final							
Apagamento da líquida final							
Apagamento da líq. intervocálica							
Apagamento da líquida inicial							
Dessonorização							
Posteriorização							
Anteriorização							
Semivocalização							
Substituição da líquida							
Plosivização							
Assimilação							
Sonorização pré-vocálica							

Quanto aos desvios fonológicos, Garcia (2004) menciona repetidamente o aspecto da ininteligibilidade da fala da criança com esse tipo de problema. Alerta também para o fato de que há desvios de caráter

articulatório (fonético, portanto) devido a patologias orgânicas, tais como fissura palatina, mas adverte que não se pode confundir esse tipo de desvio com o de ordem fonológica. Neste último, a criança, mesmo desenvolvendo normalmente sua linguagem no que se refere ao aspecto lexical, morfológico e sintático, por exemplo, serve-se de uns poucos elementos distintivos (fonemas, fones, traços, estruturas silábicas), tornando difícil a inteligibilidade do que fala.

## Regras fonológicas

Ainda em relação aos processos fonológicos, há de se fazer uma última observação, como bem aponta Dockhorn:

[...] se algum falante diz, por engano, *tachorro*, em vez de *cachorro*, ocorreu um processo fonético esporádico, que talvez nunca se repita. Se, porém, um grupo numeroso de falantes realiza sistematicamente o mesmo processo, esse processo é digno de menção e pode ser objeto de uma regra fonológica. É o caso da africatação do [t] quando seguido de [i] (DOCKHORN, 2005, p. 36, grifos do autor).

Regras fonológicas explicitam generalizações, tomando como base a simplicidade envolvida na contagem de traços que caracterizam os segmentos. Essas regras são definidas adotando-se uma linguagem formal que facilita os estudos da área, como ocorre com a linguagem matemática ou lógica. Em outras palavras, quando a mudança é previsível sob determinadas condições, podemos formular uma regra. Vejamos um exemplo:

$$V \rightarrow [+nasalizada] / \_\_ [C +nas]$$

*Leitura da regra:* uma vogal (V) se realiza ( $\rightarrow$ ) nasalizada em contexto anterior (/  $\_\_$ ) a uma consoante nasal ([C +nas]).

Palavras como *banana* e *cama* são exemplos dessa regra.

Os estudos fonológicos estabelecem as regras em diferentes níveis de atuação. Há regras que atuam no nível silábico. Outras, no nível lexical. Outras, ainda, num nível pós-lexical (nível da frase).



Bisol (2013) explora diversas regras e princípios nos diferentes níveis, possibilitando um aprofundamento no estudo do assunto.

## Conclusão

Pudemos conhecer, nesta aula, diferentes processos fonológicos envolvidos não apenas na fase de aquisição da linguagem, mas na fala comum, nas diferentes marcas de variação sociolinguística. Vimos que, nesses processos, há uma tendência à substituição de uma propriedade fonológica de difícil realização por outra de produção mais fácil. Esses processos recebem variadas classificações por diferentes autores. Por fim, ficou evidente, a partir dos exemplos e das explicações, o quanto os processos fonológicos interferem na escrita, especialmente em fase inicial de alfabetização, quando as regras da ortografia ainda não estão devidamente compreendidas/incorporadas pelo aprendiz.

## Atividade final

*Atende aos objetivos 1, 2 e 3*

1. Observe o sintagma a seguir e assinale o processo fonológico presente em sua realização:

a chuva → [a'tʃuvə] (variante comum em Cuiabá)

( ) harmonia vocálica

( ) africativação

( ) epêntese

2. Alguns processos fonológicos caracterizam realizações socialmente estigmatizadas. Dê um exemplo para cada um dos processos citados a seguir:

rotacismo: \_\_\_\_\_

lambdacismo: \_\_\_\_\_

3. Alguns processos fonológicos podem ser observados durante a aquisição da linguagem, ainda que não sejam frequentes na fala de todas as crianças. Analise o quadro das consoantes já estudado em aulas anteriores. Ainda que não tenhamos denominado o processo presente na produção a seguir, como você o denominaria?

polícia → [pu'nisə]: \_\_\_\_\_

4. A escrita pode manifestar também alguns processos fonológicos que não correspondem ao padrão ortográfico. Identifique, nos casos a seguir, quais processos estão envolvidos:

a) “arroiz” para *arroz*: \_\_\_\_\_

b) “trabessero” para *travesseiro*: \_\_\_\_\_

c) “papéu” para *papel*: \_\_\_\_\_

### **Resposta comentada:**

1. Africatização de /s/ > [tʃ].

2. A resposta aqui é pessoal, mas é importante que reflita a fala de pessoas adultas em algumas variantes sociolinguísticas, e não a fala de crianças em fase de aquisição, uma vez que os processos se encontram em ambos os casos. Assim, entre as respostas possíveis, esperam-se exemplos como os seguintes: a) rotacismo: “bicicreta” (*bicicleta*), “brusa” (*blusa*), “chicrete” (*chiclete*) etc.; b) lambdacismo: “calne” (*carne*), “colado” (*corado*) etc.

3. Embora haja também, no exemplo dado, o apagamento de semivogal (deditongação), o processo menos comum ali é a nasalização de líquida.

4. Em a), a ditongação que caracteriza a fala gera confusão na ortografia de algumas palavras, levando a registros como o do exercício: *arroiz*. Em b), há dois processos envolvidos no registro não padrão: a plosivização de /v/ > [b] e o apagamento da semivogal (monotongação ou deditongação), que também gera dúvidas quanto à ortografia de inúmeras palavras, especialmente na fase inicial de alfabetização. Em c), a semivocalização das líquidas em posição de coda, recorrente na fala dos brasileiros, leva à dificuldade no registro escrito de várias palavras.

---

---

---

## Resumo

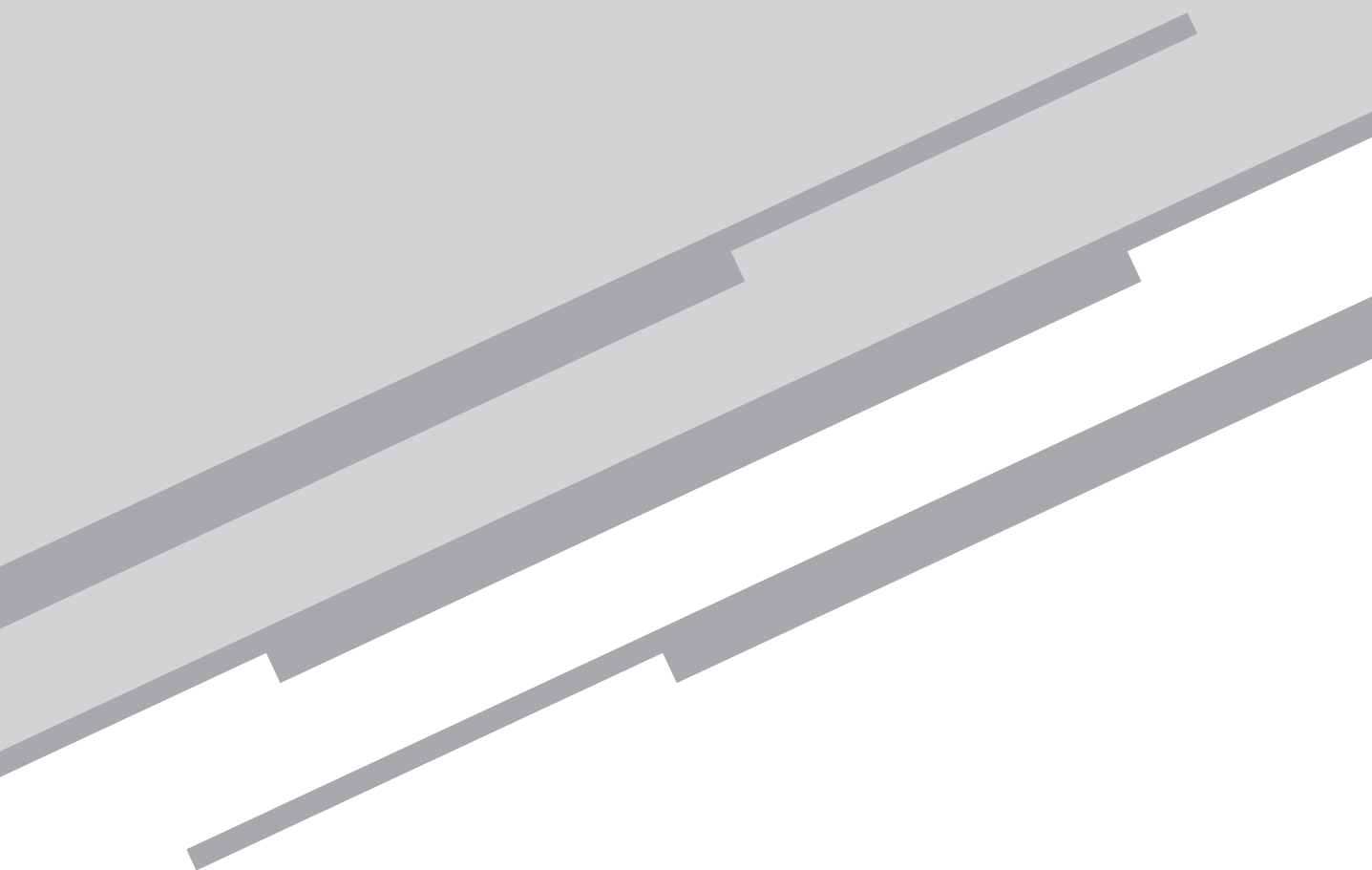
Processos fonéticos e fonológicos são fenômenos de alteração que ocorrem com os fonemas e fones, facilitando a realização de um dado som ou grupo de sons, seja pela criança, em fase de aquisição da linguagem, ou pelo adulto, em sua fala cotidiana. O estudo desses processos fonológicos possibilita a compreensão de mudanças na língua, de variações fonéticas, de desvios ortográficos, da aquisição da linguagem, de problemas fonoaudiológicos e do processamento psicolinguístico.

Os diferentes processos se caracterizam por serem de supressão, adição, transposição e substituição. Dentre os processos de supressão, são comuns o apagamento de vogal, o apagamento de consoante, o apagamento de semivogal, bem como o apagamento de sílaba. A epêntese e a ditongação são processos por acréscimo ou adição. A metátese e o hiperbissmo, por sua vez, são processos de transposição. Os processos de substituição, por fim, são os mais variados. Dentre eles, encontram-se os inúmeros processos provocados pela assimilação (enfraquecimento, fortalecimento, harmonia vocálica, plosivização, labialização, palatalização, sonorização, dessonorização, rotacismo, lambdacismo, anteriorização, posteriorização, vocalização de líquida e o alçamento), além da desassimilação e do sândi.

Desvios fonológicos são alterações da fala que permanecem após o período de aquisição da linguagem, gerando ininteligibilidade na fala da criança, mesmo sem haver disfunções e anomalias articulatorias, fisiológicas ou neurológicas que as justifiquem. Quando os processos são previsíveis devido ao contexto em que se realizam, é possível formular regras fonológicas que os formalizem.

# Aula 14

## Questões prosódicas



*Marli Hermenegilda Pereira  
Tania Mikaela Garcia Roberto*

## Meta

Introduzir conceitos referentes à prosódia.

## Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. identificar os chamados constituintes prosódicos, descrevendo sua hierarquia;
2. reconhecer o *status* dos vocábulos fonológicos, distinguindo-os dos vocábulos formais.

## Pré-requisitos

Para acompanhar esta aula, você precisará ter claras as noções exploradas em aulas anteriores, especificamente as noções de sílaba e de acento.

## Introdução

Se tomarmos a interface entre a fonologia e a sintaxe, todas as línguas se organizam a partir de uma hierarquia de unidades ou constituintes, desde a sílaba até o enunciado. Cada unidade dessa relação, ou seja, cada constituinte prosódico se encontra em um nível dessa hierarquia, de modo que “cada nível superior contém, exaustivamente e apenas, os níveis imediatamente inferiores” (SILVA, 2011, p. 133).



## Prosódia

Segundo Cristóvão Silva (2011, p. 183), a prosódia tem estreita relação com o acento, o ritmo e a entonação dos vocábulos, sendo o ramo da linguística e da fonética que investiga os chamados traços suprasegmentais, a exemplo do acento.

De acordo com Bisol (1999, p. 229), “constituinte é uma unidade linguística complexa, formada de dois ou mais membros, que estabelecem entre si uma relação do tipo dominante/dominado”. Princípios e regras gramaticais postulados em diferentes teorias atuam nessa relação.

Os constituintes prosódicos distribuem-se de acordo com a hierarquia prosódica que vai do maior para o menor, conforme pode ser verificado no **Quadro 14.1**:

**Quadro 14.1:** Constituintes prosódicos

Nível hierárquico do constituinte prosódico	Símbolo representativo de cada constituinte
enunciado	U (do inglês <i>utterance</i> )
frase entonacional	I (do inglês <i>intonational phrase</i> )
frase fonológica	$\varphi$
grupo clítico	C
palavra fonológica	$\omega$

pé métrico	$\Sigma$
sílaba	$\sigma$

## O menor constituinte prosódico: a sílaba

De acordo com Collischonn (1999, p. 92) “uma sílaba consiste em um ataque (A) e em uma rima (R); a rima, por sua vez, consiste em um núcleo (Nu) e em uma coda (Co). Qualquer categoria, exceto Nu, pode ser vazia”.

O *ataque* corresponde ao(s) fonema(s) do início da sílaba – antes da vogal, que é o núcleo – e a *coda* corresponde ao(s) fonema(s) do final, quando houver segmentos além da vogal na sílaba. A coda e o núcleo da sílaba formam a rima. Nem toda sílaba terá coda (por exemplo, “pá”), assim como nem toda sílaba terá ataque (por exemplo, “ui”), mas o núcleo é obrigatório (a vogal é obrigatória em toda sílaba).

Embora a sílaba seja considerada o menor constituinte prosódico na fonologia do português, ela é organizada em *moras*. Mora significa período de tempo. Trata-se de uma unidade prosódica maior que o segmento fonêmico e menor que a sílaba. A mora situa-se na rima silábica, portanto, o ataque silábico não contém moras, enquanto que o núcleo da sílaba terá uma mora se houver uma vogal breve, e duas moras se houver uma vogal longa ou um ditongo. A *coda silábica*, por sua vez, também conterà uma mora. No português, a noção de mora não se aplica, já que não há vogais breves e longas, mas pode ser postulada na análise de outras línguas, como o latim ou algumas línguas indígenas, por exemplo.

Resgatando o que afirma Bisol (1999) a respeito da relação dominante/dominado entre os membros que formam um constituinte prosódico, em se tratando da sílaba, em português ela sempre terá como dominante (cabeça, núcleo) uma vogal, sendo a(s) consoante(s) e/ou o(s) *glide(s)* que a acompanha(m) o(s) dominado(s).



## Haicais

Os haicais (do japonês *haikai*) são poemas japoneses famosos no mundo todo, caracterizados por extrema concisão e objetividade na captura de momentos e experiências. Eles costumavam, em sua origem, ter sua métrica analisada pela quantidade de moras (5, 7 e 5), e não pelas conhecidas sílabas métricas, como é costume estudar nas aulas de Teoria Literária.

## O pé métrico

O *pé métrico* ( $\Sigma$ ) constitui a unidade rítmica dos poemas. Antigamente, os poetas costumavam marcar o ritmo dos poemas que recitavam com o pé, daí seu nome. O pé métrico, porém, não é uma unidade apenas associada ao poema, mas constitui uma combinação de sílabas (duas ou mais). Num pé, uma sílaba sempre é cabeça/dominante, enquanto a outra é dominada. É no nível do pé métrico que muitas regras fonológicas se aplicam, como as de acento, por exemplo.

O pé pode ser *binário* (com duas sílabas), *ternário* (com três sílabas) ou *degenerado* (quando não há o número mínimo de dois constituintes para estabelecer uma relação de dominância). A representação do pé métrico é feita com o uso de asteriscos e pontos parentetizados, o que contribui para sua visualização (é possível, também, que se represente a hierarquização por meio de árvores, mas não cabe a esta exposição introdutória o aprofundamento nessa representação). A sílaba que recebe o asterisco é a que tem acento, enquanto outra, não acentuada, recebe ponto.

Observe os exemplos a seguir:

casa            (pé binário)

(\* .)

pássaro        (pé ternário)

(\* . .)

pé (pé degenerado)

(\*)

Dependendo da posição onde se encontra o dominante (cabeça), o pé será *troqueu* ou *iambo*. O troqueu tem cabeça à esquerda, como nos exemplos acima (com uma sílaba tônica + uma sílaba átona). O iambo tem cabeça à direita, formado, preferencialmente, por uma sílaba leve (átona) + uma sílaba pesada (tônica), como o exemplo que segue:

chover

(.\*)

Pode-se afirmar que o português é uma língua de ritmo trocaico (de pé troqueu), já que grande parte de suas palavras concentra acento na sílaba inicial (pé com cabeça à esquerda), a exemplo de *casa*, *pedra*, *teto* etc. Já o francês seria um bom exemplo de língua de ritmo iâmbico, pois a maior parte das palavras concentra acento na sílaba final (pé com cabeça à direita).



As palavras troqueu (*trochaeus*) e iambo (*iambus*) têm origem latina e significam, respectivamente, “pé métrico que consta de uma sílaba longa e outra breve” (SILVA; MONTAGNER, 2005, p. 445) e “pé métrico que consta de uma sílaba breve e outra longa” (SILVA; MONTAGNER, 2005, p. 189).

## A palavra fonológica e o vocábulo formal

Observe a representação da palavra *Paraíba*, a seguir:

Paraíba

(\* .) (\* .)

Podemos segmentar a palavra *Paraíba* em dois pés binários, como você pode visualizar na representação acima. O primeiro pé é fraco (*Para*) e o segundo, forte (*íba*) – porque é nele que incide o acento primário da palavra. É no nível da palavra fonológica ( $\omega$ ) que existe a in-

teração entre os componentes fonológico e morfológico da gramática. Uma palavra fonológica só pode ter *um* acento primário. É importante, porém, que não se confunda *palavra fonológica* com *palavra formal* (ou morfológica). Compostos como *guarda-chuva* constituem uma única palavra morfológica, mas duas palavras fonológicas distintas. Por outro lado, há palavras fonológicas formadas de duas palavras formais, como em processos de ressilabação, tais como *mar aberto*, em que se lê, tudo junto, “maraberto”.

## O grupo clítico

Câmara Jr. (1989 [1970], p. 62-66) caracteriza a palavra fonológica, que ele chama de vocábulo fonológico, ao explicar as estruturas do português brasileiro. Em sua obra, o autor observa o fato de a palavra fonológica constituir-se, por vezes, a partir da reorganização de sílabas e pés.

O autor, entretanto, interpreta como uma só palavra fonológica casos em que uma palavra se incorpora a um **clítico**. Isso é o que ocorre em casos como *te considero*, *me leva*, *o carro* etc. Seria como se o clítico, nesses casos, fosse interpretado como uma sílaba a mais do vocábulo fonológico. Há, porém, autores que interpretam que os clíticos, em português, têm certa independência em relação ao vocábulo ao qual se unem, manifestando acento próprio, o que impede de tomá-los, nesse caso, como parte de uma única palavra fonológica, como queria Câmara Jr. É a esse grupo (clítico + vocábulo formal) que se chama *grupo clítico* (C). A elisão, fenômeno fonológico caracterizado pela queda ou cancelamento de um elemento no interior ou na fronteira de palavras, é uma regra fonológica que se aplica no nível de grupos clíticos, como em *Rua d'Ajuda*.

### Clítico

Elemento com independência gramatical, mas dependência fonológica, como artigos e pronomes oblíquos.

## A frase fonológica

*Frases fonológicas* (φ) constituem-se por grupos clíticos e palavras fonológicas. Regras fonológicas como a **degeminação**, já estudada, atuam nesse nível prosódico, como no exemplo a seguir, citado por Cristóvão Silva (2011, p. 86): *dois sucos* > doi[s]ucos.

### Degeminação

Fusão de dois sons de igual qualidade, de modo que eles passam a se comportar como se fossem apenas um som. Exemplo: *bolsa azul*.

## A frase entonacional

As *frases entonacionais* (I) são grupos de uma ou mais frases fonológicas que possuem um contorno de entoação identificável, cujo final

de cada uma delas coincide com a posição em que uma pausa possa ser estabelecida. Nesse sentido, a semântica acaba exercendo influência em sua delimitação. Tome-se um exemplo dado por Bisol (1999, p. 239):

[[Maria]  $\varphi$  [vende à tarde]  $\varphi$  [lindas flores]  $\varphi$  [na praça]  $\varphi$  I

## O enunciado

O *enunciado* (U), por sua vez, é o constituinte prosódico mais alto e é delimitado por influência sintática a partir de determinadas condições fonológicas e pragmáticas. Geralmente, coincide com enunciados sintáticos. Na linguística da fala,

enunciado é um segmento da cadeia falada de comprimento indeterminado, mas nitidamente delimitado por marcas formais: retomada da palavra por um falante após um silêncio durável ou interrupção da fala seguida de uma retomada por outro falante ou de um silêncio durável (DUBOIS et al., 1998, p. 219).

Assim, no seguinte diálogo entre mãe e filho:

- Pegou o casaco?
- Não!
- Então pega, porque vai fazer frio.

Temos três enunciados: (1) “Pegou o casaco?”; (2) “Não!” e (3) “Então pega, porque vai fazer frio”.



Bisol (2013) explora diferentes regras e princípios nos diferentes níveis, possibilitando um aprofundamento do estudo do assunto.

## Atividade 1

### Atende aos objetivos 1 e 2

1. Observe as afirmações, quanto aos constituintes prosódicos, e assinale a alternativa correta:

I – Cada um dos níveis hierárquicos dos constituintes prosódicos contempla níveis inferiores, de modo que o pé métrico contém sílabas e é considerado o menor nível na escala prosódica.

II – O pé troqueu caracteriza a maior parte das palavras do português, com cabeça à esquerda – daí nossa língua apresentar alto índice de palavras paroxítonas.

III – Quanto ao nível maior da escala prosódica, o enunciado, pode-se dizer que ele equivale ao que entendemos por enunciado sintático.

- a) I e II são verdadeiras.
- b) I e III são verdadeiras.
- c) II e III são verdadeiras.
- d) Todas as afirmativas são verdadeiras.
- e) Nenhuma afirmativa é verdadeira.

2. Explique a que são atribuídos os desvios de grafia apresentados nas palavras a seguir:

“porisso”, “derrepente”, “agente foi”, “procurasse vendedor”

---



---



---



---



---

### Resposta comentada

1. Opção correta: c) Na afirmativa I, as moras, que constituem as sílabas, não são um nível prosódico, daí ser a sílaba o menor nível da escala.

2. Todos os problemas decorrem da dificuldade de identificar os vocábulos formais nos grupos de força em questão (grupos clíticos ou, conforme considerados por muitos, apenas vocábulos fonológicos). Neles, há vocábulos formais de acentuação débil, que se agrupam ao vocábulo

de que são dependentes, havendo um único acento primário evidente, o que faz pensar que se trata de uma só palavra. Isso justifica o não registro do espaço característico que separa vocábulos formais na escrita.

---

---

---

## Conclusão

Pudemos conhecer, nesta aula, os constituintes prosódicos, unidades complexas que merecem estudos aprofundados que vão além do escopo deste curso. Coube, aqui, apenas perpassar a ordem hierárquica em que eles se organizam, a fim de esclarecer minimamente onde se enquadram os temas estudados.

---

---

---

### **Atividade final**

---

---

---

*Atende aos objetivos 1 e 2*

1. Enumere, do menor para o maior nível, os constituintes prosódicos.

---

---

---

2. Qual a diferença entre vocábulo fonológico e vocábulo formal?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

### **Resposta comentada**

1. Sílaba, pé métrico, palavra fonológica, grupo clítico, frase fonológica, frase entonacional e enunciado.

2. O vocábulo fonológico só tem um acento primário e nem sempre coincide com o chamado vocábulo formal. O vocábulo formal é o que comumente chamamos de *palavra*. Ele ocupa um determinado lugar na estrutura sintática e corresponde a uma categoria específica (adjetivo, verbo, artigo, pronome etc.). Alguns vocábulos formais, porém, não têm acento próprio, juntando-se a outros vocábulos formais, quando da realização sonora do enunciado, o que faz com que dois vocábulos formais constituam um único vocábulo fonológico, como acontece em *o dedo*, *de repente*, *por isso* etc. Vocábulos formais compostos, por sua vez, como *couve-flor*, constituem dois vocábulos fonológicos, já que há dois acentos, mas uma única categoria (substantivo). Por fim, é possível ainda que dois vocábulos formais que se reorganizam por processo de sândi externo (juntura em que há um rearranjo dos elementos na estrutura silábica) constituam um único vocábulo fonológico, como “marazul”.

---

---

---

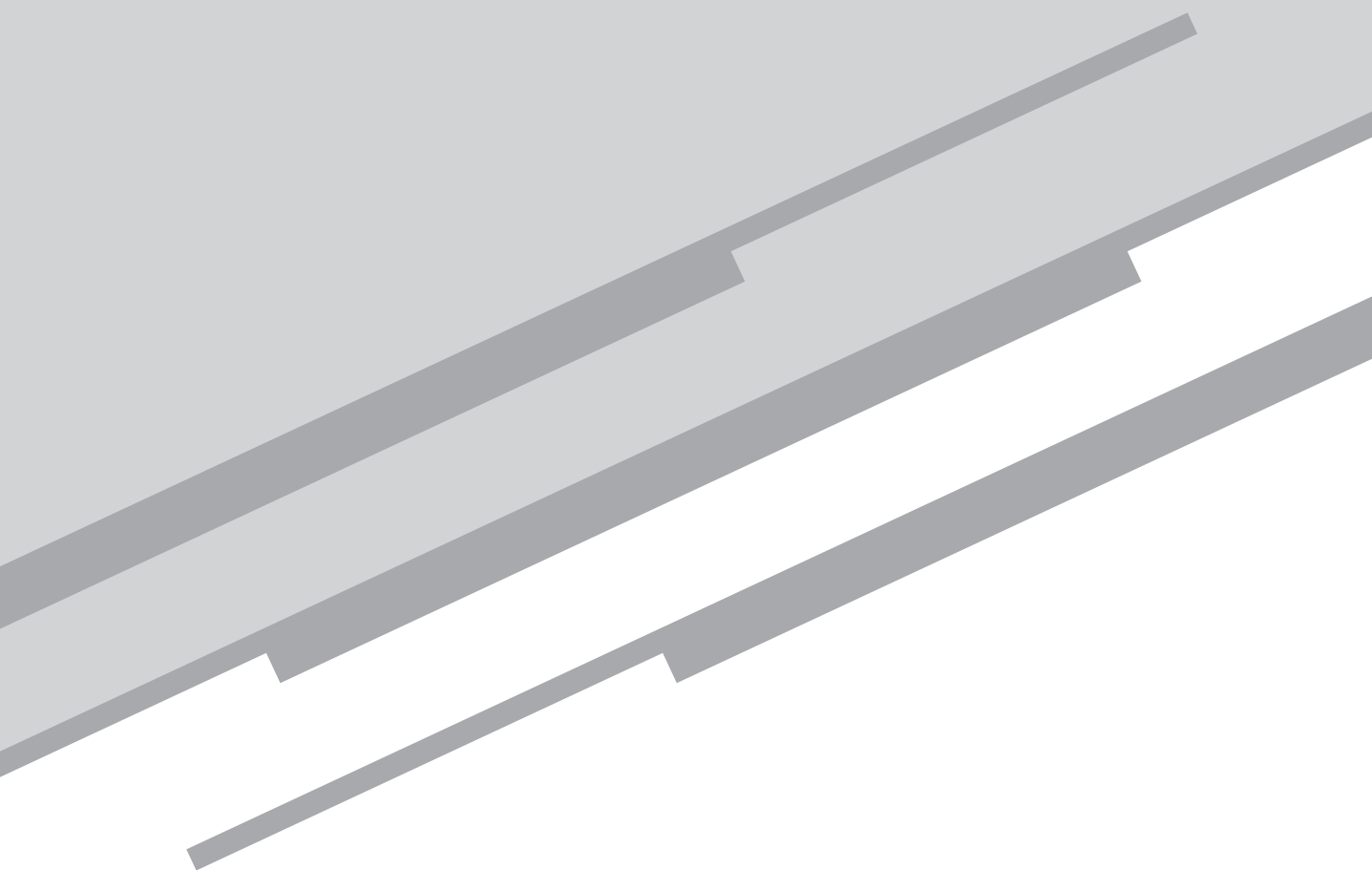
## Resumo

Os constituintes prosódicos se organizam hierarquicamente. A mora ( $\mu$ ) é um constituinte menor que a sílaba ( $\sigma$ ). Esta, por sua vez, é seguida do pé métrico ( $\Sigma$ ), da palavra fonológica ( $\omega$ ), do grupo clítico (C), da frase fonológica ( $\varphi$ ) e da frase entonacional (I). Por fim, o enunciado (U) caracteriza-se por ser o constituinte prosódico de nível mais elevado. Todo nível é composto por dois membros em uma relação dominante/dominado.



# Aula 15

Fonética estilística



*Jacqueline V. B. Ramos*  
*Marli Hermenegilda Pereira*

## **Meta**

Apresentar os recursos estilísticos no plano fônico.

## **Objetivos**

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. explicar o potencial expressivo dos fonemas;
2. identificar as figuras fônicas e as manifestações expressivas populares que caracterizam a estilística fônica;
3. reconhecer que os recursos fônicos são inerentes à criatividade humana, estão para além do uso literário e são utilizados com muita frequência no cotidiano.

## Introdução

Você já percebeu que alguns sons da linguagem ora nos parecem agradáveis, ora desagradáveis? Se pararmos para pensar sobre isso, cabe-nos perguntar se existe uma correspondência entre os sentimentos e os efeitos sensoriais da linguagem. Provavelmente, a maioria dos poetas, músicos, filósofos, oradores e aqueles que se dedicam ao estudo da linguagem diriam que sim. Principalmente, quando se pretende impor a atenção do interlocutor para o dito.

Ao nos comunicarmos, podemos fazê-lo de forma previsível, neutra, corriqueira, ou de forma específica, intencional, enfática, sobre a qual recai um olhar diferenciado.

No primeiro caso, lançamos mão da *função referencial* da linguagem. No segundo, que é o que nos interessa para esta aula, fazemos uso das funções expressivas ou impressivas da linguagem. Nesse sentido, a comunicação é marcada por excentricidades formais, ou seja, a comunicação é feita de escolhas específicas e arranjos formais, para que o enunciado como um todo esteja em sintonia com esta ou aquela palavra, este ou aquele sintagma, esta ou aquela sequência sonora, este ou aquele ritmo. Cada autor imprime ao seu texto uma forma singular de expressão que marca sua personalidade. É nesse sentido que ouvimos falar, por exemplo, do estilo José de Alencar, do machadiano, dentre outros estilos característicos de grandes escritores.



### Função referencial

A linguagem cumpre função referencial quando é pautada nos domínios da lógica e da razão, ou seja, tende a uma objetividade e é marcada pela neutralidade do falante diante do fato ou do objeto que lhe serve de referência. Essa função é muito usada em noticiários.

---

A noção de *estilo*, porém, não é tão simples quanto parece; ao longo da história, nos deparamos com uma grande variedade de modos de conceituá-lo. Embora não caiba aqui ater-nos às múltiplas conceituações que o termo recebe, é importante saber que, num sentido amplo, estilo é definido como uma marca individualizante: “é tudo aquilo que individualiza a obra *criada pelo homem*, como resultado de um esforço mental, de uma elaboração do espírito, transgredindo ideias, imagens ou formas concretas” (GARCIA, 1998, p. 103).

Segundo essa concepção, estilo está em tudo o que o ser humano cria: num modelo de roupa, de sapato, de corte de cabelo, numa habitação indígena, num mobiliário, numa pintura, num canto gregoriano, numa obra literária etc. Em sentido restrito, o estilo decorre de um impulso emotivo e do propósito de suggestionar o próximo.

Para atingir o escopo desta aula, restringiremos o conceito de estilo sob o ponto de vista linguístico, definido por Câmara Jr. (1988, p. 110) como “a maneira típica por que nos exprimimos linguisticamente, individualizando-nos em função de nossa linguagem”.

É nesse ponto que nos interessa aprofundar, pois quando um texto é modelado por diferentes escolhas, isto é, por diferentes usos de ordem lexical, gramatical, fonética e rítmica, no intuito de reter a atenção do interlocutor pela forma singular com que se realiza a tarefa de exprimir o seu sentido, entramos no campo da *Estilística*.



Machado de Assis, por exemplo, optou pelo desvio da norma padrão para reproduzir, com verossimilhança, a fala do escravo Prudêncio em *Memórias póstumas de Brás Cubas*: “É um vadio e um bêbado muito grande. Ainda hoje *deixei ele* [e não *deixei-o*] na quitanda, enquanto eu ia lá embaixo *na* [e não *à*] cidade”. (ASSIS, 2013, p. 68).

Vale lembrar que apenas o desvio gramatical que cumpre finalidade estética-expressiva pode ser considerado um recurso estilístico.

---

## A Estilística

Um pouco de história...

No início do século XX, o suíço Charles Bally e o alemão Karl Vossler fundam a Estilística. Como você pode notar, é uma ciência recente, comparada a outras ciências como Filosofia, Gramática, Química etc, embora seja

um saber muito antigo, que remonta à tradicional Retórica dos gregos. Tendo em comum o estudo da expressividade, distinguem-se, contudo, por seus objetivos: a Retórica era uma doutrina com finalidade pragmático-prescritiva, enquanto a Estilística, por seu comprometimento científico, apresenta um caráter mais descritivo-interpretativo, sem considerações de natureza normativa (CARVALHO, 2004).

## Estilo e Estilística...

Assim como há uma gama de conceitos para *estilo*, é natural que o mesmo ocorra com a Estilística, mesmo porque há uma relação intrínseca entre essas duas noções. A Estilística pode ser entendida como o estudo de diferentes usos, isto é, diferentes estilos da língua segundo a finalidade do ato comunicativo. Esses diferentes estilos se destacam pelos arranjos da matéria verbal de que se vale o autor, visando impressionar o leitor pela forma criativa de usar a língua, o que confere ao texto um valor afetivo, poético, estético ou lúdico, dependendo de qual seja a sua intenção. Os valores afetivo-expressivos da linguagem, por sua vez, são realçados nesses arranjos, ou combinações verbais, com os recursos estilísticos, que se observam em todos os planos da língua: sintático, fônico, rítmico, semântico, morfológico, gráfico, além de outros recursos que tornam o modo de dizer diferenciado e impressionístico pela sua expressividade artística.

A Estilística é uma disciplina que se dedica ao estudo dos recursos afetivo-expressivos da língua, sem a preocupação com aspectos normativos, estes reservados à Gramática Tradicional. Para tanto, é importante realçar os aspectos fônicos; as associações significativas; os recursos mórficos e as estruturas sintáticas. Esses são os chamados *recursos estilísticos* de que dispõe a língua e que dão ao texto um valor afetivo e estético. Por essa razão, trataremos da *estilística fônica*, *estilística semântica*, *estilística morfológica* e *estilística sintática*. O estudo da Estilística abarca,

portanto, “desde os sons até as combinações sintáticas mais complexas (...). A estilística não é o estudo de uma parte da linguagem, mas o é da linguagem inteira, observada de um ângulo particular.” (BALLY, [19--], p. 100 apud BECHARA, 1999, p. 618).



**Figura 15.1:** Campos de estudo da Estilística.

## Figuras de linguagem

“Aspectos que assume a linguagem para fim expressivo, afastando-se do valor linguístico normalmente aceito” (CÂMARA JR., 1988, p. 116).

Os aspectos fônicos mencionados anteriormente, já estudados por você, são encontrados nos compêndios gramaticais e livros didáticos, na parte que trata das **figuras de linguagem**. Está lembrado?

Nesta aula, estudaremos apenas as figuras de linguagem que se circunscrevem ao aspecto *fônico*, isto é, trataremos da *estilística fônica*.

## Estilística fônica

Dissemos anteriormente que os recursos estilísticos transitam pelos níveis sintático, semântico, morfológico e fônico. Quando esses recursos estão relacionados ao aspecto fônico, entramos na área da estilística fônica – disciplina que trata dos recursos expressivos de natureza sonora observáveis nos fonemas, vocábulos ou enunciados.

Diferentemente do que muitos pensam, os recursos estilísticos fônicos não se restringem ao campo literário, em que se prima por uma elaboração estética e do qual fazem parte, por exemplo, os gêneros poesia e romance. Tais recursos também estão presentes no cotidiano e são encontrados, com bastante frequência, nos ditos populares, como os provérbios; nos jogos verbais, como os trava-línguas; nas onomatopeias (reprodução aproximada de sons de natureza diversa); bem como no discurso publicitário, observado, por exemplo, nas propagandas de natureza apelativa.



A função apelativa ocorre quando a expressão linguística está direcionada ao interlocutor/leitor numa tentativa de persuadi-lo, convencê-lo a realizar algo ou a aderir a uma ideia.

Expressão e apelo, portanto, desempenham papel essencial na Estilística. No que diz respeito à estilística fônica, a expressividade incide sobre a sonoridade dos fonemas, das palavras e do enunciado.

Você vai conhecer, agora, as principais figuras que caracterizam a estilística fônica.

## As figuras fônicas

### Aliteração

A aliteração (do latim *alliteratio*) é uma figura de linguagem familiar a você, já que é um dos conteúdos estudados no Ensino Médio. É caracterizada pela repetição sistemática de uma consoante ou encadeamento de unidades consonânticas muito parecidas, na sequência do enunciado. Seu uso é bastante comum na linguagem literária, nas obras de poetas, bem como na de compositores.

Veja como Manuel Bandeira explora o fonema fricativo /v/, sugerindo o som do vento, em “Canção do vento e da minha vida”:

O vento varria as folhas,  
O vento varria os frutos,  
O vento varria as flores...  
E a minha vida ficava  
Cada vez mais cheia  
De frutos, de flores, de folhas  
[...]

(BANDEIRA, 1993, p. 175).

De igual maneira, em um verso da canção “Minha história”, Chico Buarque se serve da aliteração com a repetição do fonema /p/, pelo seu aspecto oclusivo, no intuito de amplificar a ideia da imobilidade da mulher diante do caos: “Esperando, parada, pregada na pedra do porto,/ Com seu único velho vestido cada dia mais curto” (BUARQUE, 1971).

## Assonância

Do latim *assonare*, formada por *ad* (a) + *sonare* (soar), com sentido de produzir eco, ressoar, essa figura também é caracterizada pela repetição, porém, diferentemente da aliteração, na assonância, o foco incide sobre a vogal tônica e não mais sobre a consoante: “Virge Maria que foi isso maquinista?” (BANDEIRA, 1936).

Tanto a aliteração quanto a assonância participam da construção de sentido, segundo as especificidades temáticas de cada texto. Essas figuras fônicas, muitas vezes, “atuam no propósito do enunciador por meio da **iconicidade** da linguagem, produzindo harmonias imitativas que ratificam e ampliam de forma suplementar o sentido da mensagem” (AZEREDO, 2010, p. 508).

Retomando os exemplos dados, é possível perceber essa harmonia imitativa de que fala Azeredo nos poemas de Manuel Bandeira. Em “Canção do vento e da minha vida”, o poeta faz uso expressivo do fonema /v/ para falar sobre o vento, lembrando, com esse recurso fônico, o ruído do vento; em “Trem de ferro”, o autor imita o apito da locomotiva com a repetição da vogal /i/.

Em ambos os casos, a aliteração e a assonância participam da construção do sentido do texto e podem produzir um efeito para além do que é dito. Cumpre ressaltar que essas duas figuras fônicas não são excludentes, ou seja, podem figurar num mesmo texto, como mostra o verso de Eugênio de Castro: “Na messe, que enlouquece, estremece a quermesse” (CASTRO, 2015), em que temos a assonância do “e” e a aliteração do fonema /s/.

## Iconicidade

Semelhança entre a forma de um signo e o elemento que ele representa.



Alguns autores utilizam o recurso fônico da *coliteração*, que consiste na repetição de consoantes homorgânicas, isto é, consoantes com o mesmo ponto de articulação: “Rosa suntuosa e simples” (QUINTANA, 1994, p. 172). Nesses versos, há a alternância dos fonemas /s/ e /z/.

## Eco

Ocorre quando há palavras na frase com terminações iguais ou semelhantes, provocando dissonância. Como no exemplo a seguir:

A divulgação da promoção não causou comoção na população.

## Rima

A palavra rima vem do latim *ritmus*, termo emprestado do grego *rhythmos*, que significa movimento regular e medido, cadência, algo que surge ou flui a intervalos regulares. A rima é uma figura fônica bastante conhecida, que se caracteriza pela repetição de um mesmo som, total ou parcial, geralmente em final de verso (*rima externa*), como você pode constatar no famoso poema “Soneto de fidelidade”, de Vinícius de Moraes:

De tudo ao meu amor serei atento  
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto  
Que mesmo em face do maior encanto  
Dele se encante mais meu pensamento

(MORAES, 1960, p. 96).

Por vezes, a rima ocorre dentro do verso, e por essa razão é denominada *rima interna*, conforme podemos observar no poema “Equinócio”, de Guilherme de Almeida: No fim da alameda/há raios e papagaios/de papel de seda (ALMEIDA, 1963, p. 66).

## Rimas quanto à sonoridade

As rimas podem ser toantes e consoantes:



- Rimas *toantes* (ou *assonantes*)

São aquelas em que há reiteração de som apenas entre as vogais tônicas, como no exemplo: “Fundo silêncio estava dia e noite/Na sombria mansão: de longe em longe” (SOUSÂNDRADE, 2015).

- Rimas *consoantes* (ou *soantes*)

São aquelas em que há repetição de som entre vogais e consoantes, como no exemplo: “Ó almas presas, mudas e fechadas/Nas prisões colossais e abandonadas” (CRUZ E SOUZA, 2015).

É considerada *perfeita* a rima (consoante, soante, total) que apresenta identidade sonora total, como na canção “Eu não sou Chico mas quero tentar”, do grupo Teatro Mágico:

Eu não vou louvar valores,  
Dos nossos amores as dores eu não vou contar,  
O peito trajado de *dores*  
A boca tragando *rancores*  
E a dúvida nossa era aonde chegar  
(TEATRO MÁGICO, 2008).

Quando a rima apresenta identidade apenas parcial, seja por haver distinção de vogais quanto ao timbre (aberta/fechada), seja por haver diferença quanto à nasalização ou até mesmo entre uma vogal e um ditongo, ela é denominada *imperfeita* (assonante, toante, parcial). Leia os versos populares apresentados a seguir:

Tanto limão, tanta *lima*,  
 Tanta silva, tanta amora,  
 Tanta menina *bonita*...  
 Meu pai sem ter uma nora.

Observe que o primeiro verso rima de maneira imperfeita com o terceiro.

### Rimas quanto à disposição na estrofe

Agora que você já sabe o que são rimas externas/internas, toantes/soantes, perfeitas/imperfeitas, vejamos como se apresenta o esquema rímico no caso de rimas externas. Elas podem ser emparelhadas, interpoladas, cruzadas ou misturadas. Para representar o esquema rímico, basta atribuir uma letra do alfabeto a cada tipo de rima:

- a) emparelhadas – como o próprio nome diz, são rimas que ocorrem “em parilha”, ou seja, juntas (esquema AABB).

Aos que me dão lugar no *bonde* (A)  
 e que conheço não sei de *onde*, (A)  
 aos que me dizem terno *adeus* (B)  
 sem que lhes saiba os nomes *seus* (B)

(ANDRADE, 1992, p. 972-73).

- b) interpoladas – são rimas que ocorrem nos polos da estrofe (esquema ABBA).

Meu Deus, que estais pendente de um madeiro. (A)  
 Em cuja lei protesto de viver, (B)  
 Em cuja Santa lei hei de morrer, (B)  
 Animoso, constante, firme e inteiro: (A)

(MATOS, 2004, p. 13).

c) cruzadas – são rimas que se alternam, por isso, elas também são conhecidas como rimas alternadas (esquema ABAB).

É bom sentá-lo novamente ao *lado* (A)  
Com olhos que contêm o olhar *antigo* (B)  
Sempre comigo um pouco atribulado (A)  
E como sempre singular comigo (B)  
(MORAES, 1946).

d) misturadas – quando as rimas apresentam outros esquemas, diferentes dos apresentados.

Os navios existem, e existe o teu rosto (A)  
encostado ao rosto dos navios. (B)  
Sem nenhum destino flutuam nas cidades, (C)  
partem no vento, regressam nos rios. (B)  
As palavras que te envio são interditas (D)  
até, meu amor, pelo halo das searas (E)  
se alguma regressasse, nem já reconhecia (F)  
o teu nome nas suas curvas claras (E)  
(ANDRADE, 2015).



Nem sempre o verso apresenta rima. Nesse caso, ele é denominado *verso branco*.

---

### Rimas quanto à posição do acento tônico

Você já estudou que, em relação ao acento tônico, as sílabas podem ser classificadas em oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas. Em versificação, também podemos classificar as rimas pela posição do acento tô-

nico. Nesse caso, o acento tônico da *última palavra* de cada verso deixa de ser apenas da palavra na qual ele está e passa a ser o acento tônico *do verso inteiro*.

Em relação ao acento tônico, as rimas podem classificar-se em *agudas* ou *masculinas*, *graves* ou *femininas* e *esdrúxulas*:

a) Agudas – quando a rima acontece entre palavras oxítonas ou monossilábicas. Exemplo:

Amor é fogo que arde sem se *ver*,  
 É ferida que dói, e não se sente;  
 É um contentamento descontente,  
 É dor que desatina sem *doer*  
 (CAMÕES, 1843).

b) Graves – quando a rima ocorre entre palavras paroxítonas. Exemplo:

Última flor do Lácio, inculta e *bela*,  
 És, a um tempo, esplendor e sepultura:  
 Ouro nativo, que na ganga impura  
 A bruta mina entre os cascalhos *vela*...  
 (BILAC, 1964, p. 262).

c) Esdrúxulas – quando a rima ocorre entre palavras proparoxítonas. Exemplo:

Vem do encéfalo absconso que a constringe,  
 Chega em seguida às cordas do laringe,  
 Tísica, tênue, mínima, *raqúitica*...  
 Quebra a força centrípeta que a amarra,  
 Mas, de repente, e quase morta, esbarra  
 No mulambo da língua *paralítica*  
 (ANJOS, 1912).

## Paranomásia

Você se lembra daquelas palavras que nos remetem ao dito “parece, mas não é”, que fazem muita gente titubear ao tentar empregá-las adequadamente conforme exige o contexto? Ainda há quem confunda, por exemplo, os pares *ratificar/retificar*, *comprimento/cumprimento*, *cavaleiro/cavaleiro*, dentre outros, devido à semelhança na forma e pronúncia dessas palavras. A essa relação que se estabelece entre palavras com semelhanças na pronúncia e na escrita, mas com diferenças no significado, denominamos *parônimos*, conteúdo já visto por você na escola.

Quando, numa mesma sentença, temos o emprego de palavras parônimas, dizemos que ocorreu aí a *paranomásia* (do grego *para* “ao lado” + *onom* “nome”). A paranomásia, portanto, é uma figura de linguagem que consiste no emprego de palavras parecidas numa mesma sentença, gerando uma espécie de trocadilho, conforme ocorre no trecho a seguir: “Na terra da *imprevidência*, que só se tomam *providências* depois da porta arrombada, foi preciso mais uma tragédia para que autoridades vissem o óbvio e pensassem em agir” (VENTURA, 2008). O fragmento citado expressa uma crítica de Zuenir Ventura à adoção de remédios tardios para a cura de doenças em detrimento de sua prevenção.

Na paranomásia, as escolhas lexicais conflitam forma e conteúdo como bem mostra o exemplo em questão. Note que, na forma gráfica, há uma grande similaridade entre *imprevidência/providência*, mas, no plano do conteúdo, essas palavras se afastam. *Imprevidência* significa “falta de previdência, desleixo” e *providência*, “disposição que é tomada para resolver ou dar continuidade a um assunto ou para evitar um mal” (PROVIDÊNCIA, 2008-2013). De igual maneira, o conflito entre forma e conteúdo é constatado no seguinte trecho: “Com os preços praticados em planos de saúde, uma simples *fatura* em decorrência de uma *fratura* pode acabar com a nossa *fartura*” (NUNES *apud* NAGY, 2012).

Em ambos os exemplos, os autores deixam revelar certa indignação no que tange às ações governamentais quanto ao tratamento dado à saúde e, nesse ponto, é possível perceber a função *estético-emotiva* da paranomásia. As escolhas lexicais com o uso dos parônimos demonstram um sentimento de *insatisfação*.

A paranomásia cumpre propósitos comunicativos diversos. Além da natureza *estético-emotiva*, tal recurso pode se manifestar com as funções *lúdica*, *estética* e *apelativa*.



A função *lúdica* dessa figura estilística pode ser vista nos trava-línguas infantis, de que falaremos mais adiante. Quanto à sua natureza *estética*, é muito comum na poesia, textos literários e músicas e, por fim, a função *apelativa* é recorrente em textos publicitários.

Os exemplos a seguir ilustram a paranomásia em cada caso:

Trava-língua:

“A vaca *malhada* foi *molhada* por outra vaca *molhada* e *malhada*”.

Poesia:

Meu amor atraí sua corte;

minha paixão, o ser corte:

*maldade* ou *mal da idade*? (MOTA, 2008).

Música:

Pai, afasta de mim esse cálice,

Pai, afasta de mim esse cálice,

Pai, afasta de mim esse cálice,

De vinho tinto de sangue

Como é difícil acordar *calado*

Se na *calada* da noite me dano

Quero lançar um grito desumano

Que é uma maneira de ser escutado

(BUARQUE, 1978).

Perceba que, na música “Cálice”, Chico Buarque, em parceria com Gilberto Gil, serve-se da paranomásia com as palavras *calado/calada*. Além disso, por sugestão sonora, a palavra “cálice” pode ser associada à construção “cale-se” (verbo *calar* no imperativo), criando, implicitamente, outro parônimo. Essa leitura é possível quando se toma conheci-

mento do contexto em que a música foi composta: período da ditadura militar brasileira. A letra foi proibida ao ser apresentada aos censores do governo Médice. A música faz analogia entre a Paixão de Cristo e o sofrimento vivido pela população amedrontada com o regime autoritário. Em termos bíblicos, o cálice representa, de forma simbólica, o recipiente que contém o sangue derramado por Cristo no momento da crucificação. Na música, simboliza o continente do sangue derramado pelas vítimas da tortura. A expressão “cale-se” é uma crítica à lei do silêncio e da opressão imposta nesse período (cf. AMARAL; FABRI, 2008).

Texto publicitário:



**Figura 15.2**

Fonte: PEREIRA, 2009.

A paranomásia é também encontrada nos provérbios ou ditos populares:

“Quem não se *enfeita* por si se *injeita*”.

Esse recurso, que trabalha a percepção auditiva, é também conhecido como “trocadiho”.

## Onomatopeias

As onomatopeias constituem uma forma singular de representar os mais variados sons do meio físico: sons da natureza (trovão, vento); das máquinas; dos seres humanos (riso: *ha ha ha*; choro: *buaá*; dor: *ai, uiui*; surpresa: *oh*; pensamento; tapa; soco; beijo), dos animais (*miau, au*) etc.

Essa figura fônica é, ao menos em tese, um recurso universal, aplicável a qualquer língua. No entanto, cada língua convencionou os sons de maneira própria, por exemplo, o ruído de um objeto caindo na água é representado, em português, por *tchibum*; já em inglês, o som é expresso como *splash*; em português, as pessoas dizem “fazer *xixi*” enquanto os espanhóis “fazem *pis*”.

Segundo Cavaliere (2010), há duas explicações para o fato de um mesmo som natural ser representado de formas distintas nas variadas línguas: uma explicação está no fato de o ser humano não reproduzir exatamente o que ouve, mas uma interpretação do que ouve. Outra explicação reside no fato de que as línguas mudam. Segundo o autor,

as onomatopeias são tidas como uma exceção ao princípio da arbitrariedade do signo linguístico. Não obstante, Saussure adverte que a evolução da língua tende a tornar arbitrário o que inicialmente pode ter sido motivado (CAVALIERE, 2010, p. 164).

As onomatopeias são muito exploradas como recurso expressivo, para chamar atenção, em histórias em quadrinhos (HQ), na publicidade e até pelo comércio. Quando o telespectador brasileiro vê, ouve ou lê a palavra *plim-plim*, automaticamente, a associa à Rede Globo, emissora de televisão que usa essa onomatopeia para sinalizar a volta dos programas de TV. As balas *Tic tac* são nomeadas por uma onomatopeia que indica um som regular e cadenciado.

As histórias em quadrinhos, com as quais muitos de vocês já tiveram contato, são uma rica fonte de onomatopeias:



**Figura 15.3**

Você pode constatar a presença da onomatopeia nos seguintes quadrinhos: 1) (*Tum tum* = batimento do coração do menino acelerado); 2) (*Glup!* = soluço, indicando nervosismo) e 4) (*Buááá!* = choro).

Essa figura fônica também é marcante na música. Veja, a seguir, o fragmento de “Era um garoto que como eu amava os Beatles e os Rolling Stones”, versão brasileira da canção em italiano, em que o compositor abusa dos recursos onomatopaicos no último verso, evocando o som da rajada de metralhadora:

Stop! Com Rolling Stones  
 Stop! Com Beatles songs  
 Mandado foi ao Vietnã  
 Lutar com vietcongs

Ratá-tá tá tá  
 Tatá-rá tá tá  
 Ratá-tá tá tá  
 Tatá-rá tá tá  
 Ratá-tá tá tá  
 Tatá-rá tá tá  
 Ratá-tá tá tá

Assim, a constante possibilidade de novas representações de sons, por meio da onomatopeia, aponta para o caráter dinâmico da língua: “Quer por meio da figura, quer pela imitação de sons, a língua estará sempre pronta a receber novos termos onomatopaicos” (LÍNGUA PORTUGUESA, 20-- , p. 23).

## Atividade 1

*Atende aos objetivos 1 e 2*

1. Identifique as figuras fônicas empregadas nos fragmentos dos textos relacionados a seguir:
  - a) “Auriverde pendão da minha terra,/Que a brisa do Brasil beija e balança” (ALVES, 1966).

---

  - b) O homem fardado tentava a todo custo explicar à mulher que ela estava *infringindo* a lei. Como não lhe dera ouvidos, levou-a ao xadrez, *infligindo*-a às mais duras provações, desde engraxar suas botas até lavar os banheiros dos detentos.

---

  - c) Quem casa, quer casa.

---

  - d) “Um fraco rei faz fraca a forte gente” (CAMÕES, 1980).

---

  - e) “Sou Ana, da cama/Da cana, fulana, bacana/Sou Ana de Amsterdam” (BUARQUE, 2004).

---

  - f) “Com tais premissas, ele, sem dúvida, leva-nos às primícias” (VIEIRA, 2015).

---

  - g) “Toda gente homenageia Januária na janela” (BUARQUE, 1968).

---

  - h) “Passa, tempo, tic-tac/Tic-tac, passa, hora/Chega logo, tic-tac/Tic-tac, e vai-te embora” (MORAES, 1970).

---

2. Relacione as duas colunas, tendo em vista o esquema rímico de cada estrofe:

(A) rimas emparelhadas

(B) rimas alternadas

(C) rimas misturadas

(D) rimas interpoladas

( )

Minha desgraça não é ser poeta,  
Nem na terra de amor não ter um eco,  
E meu anjo de Deus, o meu planeta  
Tratar-me como trata-se um boneco...

(AZEVEDO, 2008, p. 71).

( )

Eu, filho do carbono e do amoníaco  
Monstro de escuridão e rutilância,  
Sofro, desde a epigênese da infância  
A influência má dos signos do zodíaco

(ANJOS, 1912).

( )

Aos que me dão lugar no bonde  
e que conheço não sei de onde,  
aos que me dizem terno adeus  
sem que lhes saiba os nomes seus...

(ANDRADE, 2015).

( )

A chuva chove mansamente... como um sono  
Que tranquilize, pacifique, resserene...  
A chuva chove mansamente... Que abandono!

A chuva é a música de um poema de Verlaine...

E vem-me o sonho de uma véspera solene,

Em certo paço, já sem data e já sem dono...

Véspera triste como a noite, que envenene...

(MEIRELES, 1923).

3. O **soneto** “Sete anos de pastor Jacob servia” faz parte da poesia lírica de Luís Vaz de Camões, grande poeta português do século XVI. A fonte básica do poema é o episódio bíblico do Antigo Testamento em que Jacob, o protagonista da narrativa, ultrapassa todas as barreiras a fim de merecer a pessoa amada. Leia, atentamente, o poema e responda às questões propostas:

### Soneto

Trata-se de uma composição lírica, composta por 14 versos distribuídos em dois quartetos e dois tercetos com rimas variadas.

Sete anos de pastor Jacob servia  
Labão, pai de Raquel, serrana bela;  
Mas não servia ao pai, servia a ela,  
E a ela só por prêmio pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,  
Passava, contentando-se com vê-la;  
Porém o pai, usando de cautela,  
Em lugar de Raquel lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos  
Lhe fora assim negada a sua pastora,  
Como se a não tivera merecida;

Começa de servir outros sete anos,  
Dizendo: – Mais servira, se não fora  
Para tão longo amor tão curta a vida!

(CAMÕES in: MOISÉS, 1994, p. 78).

a) As rimas do soneto são consoantes ou toantes? Justifique sua resposta.

---



---

b) As rimas são, predominantemente, agudas, graves ou esdrúxulas? Exemplifique.

---



---

- c) Classifique as rimas das duas quadras do soneto, utilizando o esquema de letras.

---

---

### **Resposta comentada**

1.

Aliteração: itens a, c e d. A sonoridade recai, respectivamente, sobre os fonemas consonânticos /b/ (sugerindo o ruído do vento e do som do beijo); /k/: *casa* como verbo e *casa* como substantivo; /f/: *fraco*, *faz*, *fraca*, *forte*.

Assonância: item e. Ocorre a repetição da vogal tônica nasal /a/ nos vocábulos *Ana*, *cama*, *cana*, *fulana*, *bacana*.

Paranomásia: itens b e f. Há semelhança de forma e diferença de sentido nos pares *infringindo/infligindo*; *premissas/primícias*.

Onomatopeia: item h. A onomatopeia *tic-tac* tenta reproduzir o som de um relógio.

2.

(B), (D), (A) e (C)

3.

a) As rimas são do tipo consoantes, porque incluem sons vocálicos e consonantais: *bela/ela*, *enganos/anos*, *pastora/fora*;

b) as rimas são, em sua maioria, graves, pois as palavras que rimam são paroxítonas: *servia/pretendia*, *bela/ela*;

c) O esquema de rima das duas primeiras estrofes é ABBA, ou seja, são rimas interpoladas.

---

---

---

## Valores expressivos de natureza fônica na linguagem popular

Você viu que a língua portuguesa oferece uma variedade de recursos fonoestilísticos que, em sua maioria, são recorrentes em textos mais canônicos da esfera literária. No entanto, percebe-se, também, a presença desses recursos estilísticos nas diversas manifestações linguísticas populares, como os provérbios e os trava-línguas.

### Provérbios

“Quem vê cara não vê coração.”

“Quem não tem cão caça com gato.”

“De grão em grão a galinha enche o papo.”

Quantas vezes você já ouviu essas e tantas outras frases feitas? Essa forma sintética de se expressar, caracterizada por uma linguagem poética, criativa, metafórica e que assume diferentes sentidos, conforme se exige o contexto, são os provérbios.

De acordo com Romualdo (2011, p. 49), “sua força argumentativa deriva não só de seu sentido, mas também do fato de não ter um autor definido, de representar a *vox populi* (voz do povo), ou seja, a sabedoria de um determinado grupo social que o utiliza e o repete”.

O uso dos provérbios é milenar. A bíblia abriga centenas deles atribuídos ao rei Salomão. Em *Os Lusíadas*, Camões diz serem os provérbios frases que conservam o saber da experiência. Na cultura ocidental, essa sabedoria milenar é amplamente utilizada.

Em muitos provérbios, a expressividade fônica é utilizada como recurso para colaborar com o efeito de sentido pretendido. O tão conhecido provérbio “Água mole em pedra dura tanto bate até que fura” ilustra bem essa afirmação. Nele, a ideia da insistência para se obter o êxito é reforçada pela predominância de vocábulos dissílabos e pela alternância entre sílabas tônicas e átonas, visto que sinalizam a cadência insistente da gota de água que bate na pedra.

Faz-se necessário ressaltar que nem todo provérbio constitui exemplo de uma figura fônica; muitos deles representam apenas um dito popular ou frases condensadas da sabedoria milenar que ganharam uso universal. Na qualidade de figura fônica, os provérbios podem se configurar como exemplos ilustrativos de:

- aliteração: “Quem com *ferro fere* com *ferro* será *ferido*”
- assonância: “Raposa de luvas não chega às uvas”
- rima: “Cada *leitão* em seu *leito* / Cada *paixão* com seu *jeito*.”

## Trava-línguas

Como dissemos, os recursos fônicos da língua se revelam não só no campo literário. Os efeitos sonoros da língua também servem para diversão, cumprindo função lúdica. Você provavelmente já participou, entre amigos, da brincadeira trava-línguas, não? Uma espécie de jogo verbal que consiste em dizer com clareza, rapidez e sem tropeços rimas de difícil pronúncia em uma cadeia sonora. O efeito lúdico está não só na dificuldade de pronúncia, daí a denominação *trava-língua*, como também na disputa entre os colegas de quem vencerá o jogo. Vamos exercitar? Tente dizer rapidamente “Bagre branco, branco bagre”.

Do ponto de vista fonético, a dificuldade de pronúncia do trava-língua incide na alternância entre sons parecidos como os fonemas oclusivos /b, g, k/ e na sequência de palavras com grupos consonantais (gr e br).

Segundo reportagem da Revista *Língua Portuguesa*,

essa fórmula verbal de pronúncia complicada, com sentido nem sempre evidente, é em geral cheia de hiatos, rimas internas e trocadilhos. Dito com rapidez, o trava-língua atrapalha a pronúncia de quem o enuncia, por ser caracterizado por aliterações... (REVISTA LÍNGUA PORTUGUESA, 20, p. 19).

A revista mostra que o trava-língua, além de ser uma ótima forma de entretenimento, é um recurso terapêutico utilizado por diversos profissionais, como fonoaudiólogos, educadores, atores, locutores, cantores, entre outros, para o aprimoramento da dicção. Em clínicas de fonoaudiologia, por exemplo, o trava-língua serve para auxiliar no tratamento de pessoas com dificuldade de pronunciar alguns sons, como **dislálícos** e indivíduos com anquiloglossia, popularmente conhecida como língua presa.

O trava-língua pode se manifestar em prosa ou em versos, como ilustram, respectivamente, os exemplos a seguir:

### Dislálíco

Pessoa com dificuldades de articular palavras.

A Iara agarra e amarra a rara arara de Araraquara.

Larga a tia, lagartixa!

Lagartixa, larga a tia!

Só no dia em que sua tia

chamar largatixa de lagartinha.

## **Atividade 2**

### *Atende ao objetivo 3*

1. Os provérbios a seguir sintetizam frases referenciais. Numere, adequadamente, a primeira coluna, de acordo com o sentido exposto na segunda:

( ) A cavalo dado não se olha a idade.

( ) Casa de ferreiro, espeto de pau.

( ) Um fraco rei faz fraca a forte gente.

( ) Há males que vêm para bem.

( ) De ruim ninho, bom passarinho.

( ) Dize-me com quem andas e te direi quem és.

( ) Quem vê cara não vê coração.

(1) A aparência ou as atitudes dos indivíduos nem sempre traduzem seus verdadeiros sentimentos.

(2) Muitos fatos danosos acabam redundando em inesperados benefícios.

(3) É comum que pessoas especializadas acabem não fazendo uso prático de sua própria especialidade.

(4) As companhias são tão importantes, que, por elas, pode-se avaliar até o caráter de uma pessoa.

(5) Não se pode exigir perfeição em coisas que nada custaram.

(6) Muitos povos são levados à ruína por causa da má qualidade e incompetência de seus governantes.

(7) É sempre possível que pessoas de origem humilde ou obscura venham a galgar importantes posições na sociedade.

### **Resposta comentada**

- 1.
  - (5) A cavalo dado não se olha a idade.
  - (3) Casa de ferreiro, espeto de pau.
  - (6) Um fraco rei faz fraca a forte gente.
  - (2) Há males que vêm para bem.
  - (7) De ruim ninho, bom passarinho.
  - (4) Dize-me com quem andas e te direi quem és.
  - (1) Quem vê cara não vê coração.
- 
- 
- 

### **Conclusão**

Nesta aula, você pode conhecer uma série de recursos estilísticos de natureza fonética. Você viu que esses meios linguísticos não se restringem apenas a textos literários, mas estão presentes na linguagem da propaganda e na usada no cotidiano. É importante conhecer esses elementos e seu potencial de expressividade linguística para saber explorar melhor os recursos que a língua portuguesa oferece.

---

---

---

### **Atividade final**

---

---

---

*Atende aos objetivos 1, 2 e 3*

O poema a seguir foi extraído do livro infantil *Ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles. Nele, a autora explora vários recursos fonoestilísticos. Leia-o, com atenção, se possível em voz alta, para sentir o ritmo do poema e, depois, responda às questões propostas:

**Jogo de bola**

Cecília Meireles

A bela bola  
rola:  
a bela bola do Raul.

Bola amarela,  
a da Arabela.  
A do Raul,  
azul.  
Rola a amarela  
e pula a azul.  
A bola é mole,  
é mole e rola.  
A bola é bela,  
é bela e pula.

É bela, rola e pula,  
é mole, amarela, azul.

A de Raul é de Arabela,  
e a de Arabela é de Raul  
(MEIRELES, 1990, p. 13).

a) Cecília usa e abusa do efeito expressivo das vogais, notadamente das vogais abertas. Indique cinco palavras do poema que apresentam esse tipo de vogal na sílaba tônica.

---

---

b) A autora explora também o recurso da aliteração. Exemplifique-o.

---

---

c) Comente como esses dois recursos (repetição de vogais e aliteração) contribuem para o sentido do poema.

---

---

---

---

d) Qual é o esquema rímico do poema?

---

e) O poema apresenta rimas agudas e graves. Exemplifique cada uma.

---

f) O poema apresenta alternância de rimas graves e agudas. Qual é a associação que se pode fazer entre esse recurso e a temática abordada no texto?

---

---

---

### **Resposta comentada**

a) As vogais médias abertas (médias baixas) do português são /E/ e /O/ e ocorrem nas seguintes palavras do poema: *bela*, *bola*, *rola*, *rosa*, *amarela*, *Arabela* e *mole*.

b) Ocorre no poema a aliteração de consoantes oclusivas e nasais bilabiais /b/ (*bela*, *bola*), /m/ (*amarela*, *mole*) e /p/ (*pula*) e alveolares /l/ (*bela*, *bola*, *rola*, *amarela*, *Arabela*, *pula*) , /z/ (*rosa*, *azul*) , /ʃ/ (*amarela*, *Arabela*) e /d/ (*do*).

c) O efeito expressivo desses dois recursos (repetição de vogais abertas e aliteração) tenta traduzir o ruído da bola e, ao mesmo tempo, sugerir alegria, despreocupação, infância.

d) O poema não segue um esquema rímico regular; portanto, é misturado.

e) As rimas graves ocorrem com palavras paroxítonas, como *bola/rola*, *amarela/Arabela*, e as rimas agudas ocorrem com palavras oxítonas, como *Raul/azul*.

f) O poema trata de uma brincadeira infantil, jogar bola, e a alternância de rimas graves e agudas parece imitar os movimentos de pular e rolar da bola.

---

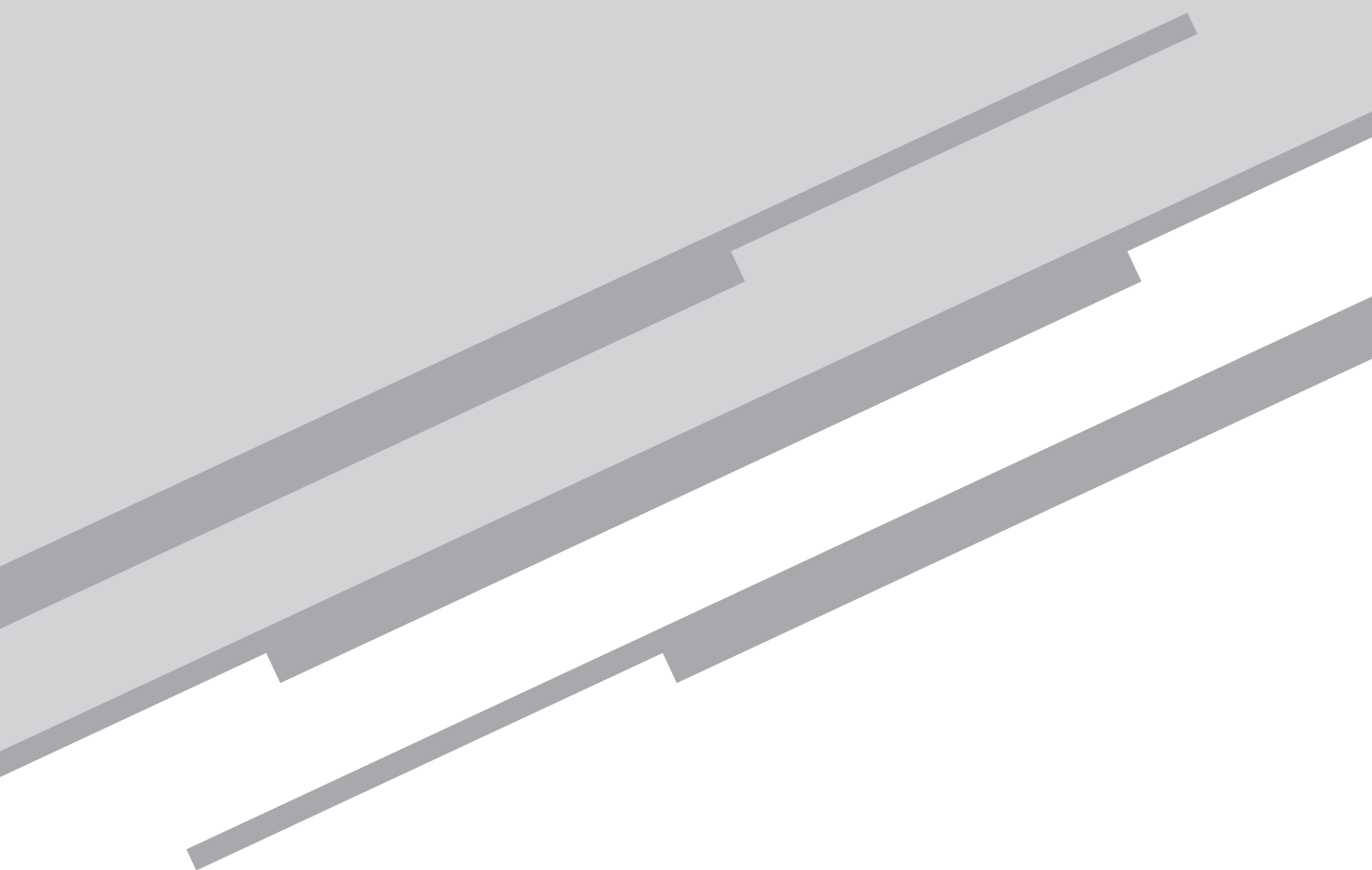
## Resumo

Nesta aula, você viu as noções de estilo e de estilística fônica bem como aprendeu sobre os principais recursos estilísticos. O estilo, no âmbito da linguagem, refere-se à maneira particular, subjetiva com que cada um se exprime linguisticamente. A estilística fônica estuda os principais mecanismos de expressão linguística no plano sonoro da língua. Você conheceu, também, as principais figuras de linguagem de natureza fonética: aliteração, assonância, paranomásia, eco, rima, onomatopeia. A *aliteração* é a repetição de um fonema num determinado enunciado/oração. A *assonância* é a repetição de fonemas vocálicos em várias palavras. A *paranomásia* refere-se a pares de palavras com significados distintos, mas com pronúncia aproximada. O *eco*, considerado por alguns autores como vício de linguagem, é a repetição de palavras com o mesmo som final (acaba sendo uma espécie de rima). A *rima* é a repetição de sons isolados ou reunidos na sílaba, iguais ou similares, em intervalos regulares. A *onomatopeia* refere-se a vocábulos que tentam imitar os ruídos. Por fim, você viu a manifestação dos recursos fônicos na produção linguística popular, como os provérbios e o trava-línguas. Os provérbios são expressões populares que, muitas vezes, exploram os recursos fônicos, e o trava-língua é uma espécie de jogo verbal que consiste em dizer, com clareza, rapidez e sem tropeços, rimas de difícil pronúncia em uma cadeia sonora.



# Aula 16

Fonética sintática



*Jacqueline V. B. Ramos  
Marli Hermenegilda Pereira  
Tânia Mikaela Garcia Roberto*

## Meta

Relacionar fonética e fonologia a outros níveis linguísticos (morfológico e sintático), o que por muito tempo se denominou *fonética sintática*.

## Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. definir a chamada fonética sintática;
2. identificar a elisão, crase, ditongação e haplologia, fenômenos resultantes da ligação entre vocábulos no eixo sintagmático que estabelecem a relação entre fonética/fonologia e formam uma unidade fonética.

## Pré-requisitos

Para acompanhar esta aula, você precisará ter claras as noções exploradas em aulas anteriores, quais sejam, os conceitos de sílaba e de processos fonológicos (supressão, transposição, substituição e acréscimo) e, mais especificamente, a noção de sândi externo (ou juntura).

## Introdução

Trataremos nesta aula da fonética sintática, ramo da fonética que se dedica aos estudos relativos às modificações sonoras sofridas pelas palavras em decorrência de outras, com que têm contato na frase e com que formam uma unidade fonética.

## A fonética sintática

A fonética sintática assume importância por evidenciar fenômenos da língua viva que utilizamos em nossa comunicação cotidiana, oral ou escrita, para que a mensagem seja veiculada. As alterações das palavras contíguas são tão comuns em nossa conversação diária que nem sempre nos atentamos para esse fato. A título de exemplificação, tente dizer “Hoje é dia de santo Antônio”. Talvez você nem perceba, mas, pelo fato de a vogal final do vocábulo “santo” ser átona [u], o sintagma “santo Antônio” admite as seguintes realizações na articulação dos fonemas finais e iniciais:

santo~~a~~ntônio; sant~~a~~ntonio e santoAntônio.

Perceba que o modo como o sintagma é pronunciado forma, respectivamente, um ditongo, uma elisão e um hiato. Os três fenômenos são resultantes da interação dos componentes fonológicos e sintáticos que operam na representação da superfície sintática.

Esses fenômenos de ligação entre os elementos constituintes da cadeia sonora são o objeto de estudo da fonética sintática; eles também podem cumprir funções estilísticas quando evidenciados em textos literários e/ou publicitários. As propagandas, com muita frequência, valem-se de estratégias criativas para disseminar a informação e um dos recursos utilizados para isso é lançar mão da fonética sintática. Servem como ilustrativos os anúncios a seguir:

“Pneus novos e usados CREDITOTAL”

“CREDITOTAL CONSULTORIA – NOVA IGUAÇU”

Não é difícil deduzirmos que o termo “Creditotal” está relacionado aos vocábulos *crédito* e *total*. Nesse caso, seus autores lançaram mão de dois vocábulos, resultando em um dos fenômenos de fonética sintática que é bastante recorrente em nossa língua: a **haplologia** (“*créditototal*”).

### Haplologia

Processo de redução de sílaba pela semelhança entre as sílabas final e inicial das palavras adjacentes.

Além da haplogogia, a fonética sintática se ocupa de outros processos fonéticos que se caracterizam pela ligação de palavras que estabelecem contato e formam uma unidade fonética.

Nas palavras de Ricardo Cavaliere,

o processo mais comum pelo qual se interessa a fonética sintática diz respeito à ligação (*liaison*), em que a pronúncia da sílaba final de uma palavra em contato com a sílaba inicial da palavra seguinte provoca vários fenômenos fonéticos relevantes (CAVALIERE, 2010, p. 126).

Em nosso cotidiano, a ligação entre preposições, artigos e pronomes oblíquos a itens lexicais, por exemplo, é tão recorrente na oralidade que somente o contexto permite depreender o significado da mensagem que se pretende veicular.

Imagine que você tenha ouvido os sintagmas *a mala/amá-la* fora do contexto. Ainda que você seja falante nativo da língua portuguesa e que dela tenha domínio, isoladamente, na oralidade, será difícil conseguir saber se se trata do objeto *mala* ou da ação verbal *amar*. No cotidiano, sequer percebemos quão recorrentes são esses torneios fonético-sintáticos decorrentes do contato entre os constituintes de fronteira. A fonética sintática, portanto, contribui não só para o ensino e a aprendizagem, como também é vista como um valioso recurso estilístico literário, musical e/ou publicitário.

No campo da aprendizagem, o conhecimento de fonética sintática pode:

- elucidar muitas dúvidas acerca das peculiaridades do português para estrangeiros;
- levar ao entendimento de questões prosódicas da fala espontânea;
- permitir que se perceba o estado da língua em uso, colocando-nos a par de fenômenos de variação linguística.

A propósito desses fenômenos, são incontáveis os casos de alterações de segmentos vocálicos e consonantais em fronteiras de palavras. Veja, por exemplo, o comportamento das consoantes surdas em ambiente intervocálico. Em contato com segmentos sonoros, elas adquirem este traço: ao pronunciar o segmento *casas azuis*, você perceberá que a consoante fricativa alveolar surda [s] da palavra *casas*, em contato com a

vogal inicial da palavra vizinha [a], adquire a sonoridade dessa vogal, passando a consoante sonora: [s] > [z] *casazazuis*. Como você pode observar, o fenômeno de sonorização, já abordado em aulas anteriores e tão recorrente na passagem do latim às línguas românicas, é tendência que ocorre tanto no nível do léxico quanto no sintático.

Outra contribuição da fonética sintática é a de nos levar à compreensão do processo de escrita de crianças e adultos em fase de aquisição dessa modalidade de língua. Conhecer-la favorece o entendimento de que muitas ocorrências tidas como desvios ortográficos nada mais são do que reflexos da oralidade inerentes ao processo de escritura. Alguns estudos sobre aquisição da linguagem revelam que preposições e artigos emergem na fala infantil como um bloco indivisível, daí encontrarmos, quando as crianças estão aprendendo a escrever, estruturas hipossegmentadas, ou seja, a grafia de termos que unem esses elementos monomorfêmicos a itens lexicais: “dopapai” (do papai); “amesinha” (a mesinha). É possível depreender, com frequência, um resquício do fenômeno de hipossegmentação na escrita de adultos com baixa escolarização, daí não ser raro evidenciarmos, por exemplo, ocorrências como “enfrente” e “vendese”. Esses dois exemplos são ilustrativos da ligação de elementos de fronteira resultante da interação dos componentes fonológicos e sintáticos da oralidade que se refletem na escrita. No primeiro, temos a ligação entre preposição + item lexical (em frente) e, no segundo, de item lexical + pronome oblíquo (vende-se); ambos são interpretados como uma unidade fonética refletida na escrita.



## Monomorfema

Um vocábulo é considerado monomorfema quando não é segmentável, no plano morfológico, em partes menores (artigos, preposições).

A fonética sintática ainda tem sua importância para fins estilísticos ao investir nos valores expressivos da linguagem com o propósito de dar ao texto um efeito singular. Como exemplo, vide os anúncios publicitários, as músicas e a poesia.

Esta aula chamará atenção para os processos de ligação que ultrapassam os limites do vocábulo formal (e, por que não dizer, também, do vocábulo fonológico), no uso cotidiano da língua, tendo como foco os fenômenos da elisão, da crase, da haplologia e da ditongação.

Atentemos para os casos a seguir, analisando-os individualmente, sem esgotar as possibilidades de estudos na área da fonética sintática.

## Elisão

A *elisão* consiste em um fenômeno de queda ou cancelamento (supressão) de um elemento fonético-fonológico, o que pode ocorrer dentro da palavra ou em uma sequência de palavras. Esse elemento suprimido pode ser uma consoante, uma vogal ou até mesmo uma sílaba. A elisão constitui um tipo de *sândi*.

Dessa forma, *sândi* é um fenômeno fonológico de juntura que ocorre em fronteiras de palavras ou de morfemas. Essas alterações fonológicas podem ser de duas formas:

- *sândi* interno: quando são internos às palavras. Exemplo: *creio* (radical do verbo “cre”, cre- + o- desinência verbal). Nesse caso, ocorre o surgimento de uma vogal “i” para desfazer o hiato “creo”;
- *sândi* externo: quando são externos às palavras. Exemplo: *uma amiga* [’ũma’migə].

Essas alterações ocorrem por influência do contexto fonético circundante e resultam, muitas vezes, em mudanças nas estruturas silábicas (ressilabação).



## Sândi

O termo *sândi* é empregado na gramática hindu do sânscrito para expressar variações morfológicas nas palavras em face de condicionamento fonológico.

Quando a elisão envolve apenas um vocábulo, o fenômeno pode ocorrer no início (aférese), no meio (síncope) ou no final (apócope) dele, conforme ilustram os casos a seguir:

- a) [fe'sox] para *professor*;
- b) ['ʃikrə] para *xícara*;
- c) [ʒã'ta] para o verbo *jantar*.

Numa estrutura sintática (sequência de palavras), a supressão ocorre no limite entre duas palavras: o final da primeira se junta com o início da seguinte, resultando, dessa juntura, uma unidade fonética. De acordo com Cavaliere (2010, p. 126), “denomina-se elisão a supressão da vogal átona final quando o vocábulo seguinte começa por vogal”. Para esta aula, interessam-nos apenas esses casos de elisão em nível sintático, ou seja, quando um vocábulo formal se relaciona com outro, certo? Então, vejamos, a seguir, outros exemplos que contemplam esses casos típicos da fala do dia a dia.

Exemplos:

*caixa d'água* (de + água)

*Quê da fulana?* (que + é)

*desd'aquela dia* (desde + aquele)

*vint'e dois* (vinte + e)

*Ele vem tod'os anos* (todos + os)

Como os exemplos evidenciam, há a supressão de um elemento quando da junção de dois vocábulos no contexto de fala em que a expressão é gerada – os casos acima mostram exemplos de apócope. Esse fenômeno acontece devido a uma regra fonológica, neste caso mais específico, que ocorre no nível do grupo clítico. Os *clíticos* (artigos, preposições, conjunções, pronomes etc.) têm acentuação débil, são átonos e tendem a se apoiar, fonologicamente, em outro vocábulo, formando um único vocábulo fonológico.



## Clítico

Elemento que tem, segundo Cristóvão Silva (2011, p. 74), “independência gramatical, mas é fonologicamente dependente de um elemento adjacente”. Ele tem acentuação débil, o que o torna dependente da acentuação primária da palavra à qual se associa. É o caso de artigos e pronomes oblíquos, por exemplo.

Para indicar a omissão da vogal, é comum o uso do apóstrofo, como nos exemplos citados anteriormente. Isso contribui, evidentemente, para maior clareza do texto e, portanto, para facilitar sua compreensão.

A elisão da preposição *de* com os artigos (*de + o = do*; *de + a = da*; *de + os = dos*; *de + as = das*; *de + uma = duma*; *de + um = dum*) é fato muito comum, quase obrigatório, no português atual. Mesmo quando a preposição está regendo um substantivo seguido de um verbo no infinitivo, o fenômeno pode ser observado:

“Está na hora *da* onça beber água”.

Nesse caso, alguns defensores da norma padrão dizem que a função sintática de *sujeito* não pode ser regida por preposição e o adequado seria separar a preposição *de* do artigo *a*: “Está na hora *de a* onça beber água”. No entanto, a esse respeito, o gramático Evanildo Bechara atesta:

Construção normal que não tem repugnado os ouvidos dos que melhor conhecem e escrevem a língua portuguesa. Alguns gramáticos viram aí, entretanto, um solecismo, pelo fator de se reger de preposição um sujeito. Na realidade não se trata de regência preposicionada do sujeito, mas do contato de dois vocábulos que, por hábito e por eufonia, costumam vir incorporados na pronúncia. A lição dos bons autores nos manda aceitar ambas as construções, de a onça beber água e da onça beber água (BECHARA, 1989, p. 311-312).

Nesse trecho, o gramático mostra que há confusão entre sintaxe e fonética. A junção da preposição + artigo é de ordem fonética (elisão), mas não altera a ordem sintática (não há subordinação do nome à preposição). Bechara sugere que a escolha entre fazer ou não a elisão, nesses casos, trata-se de fatores de ordem muito mais estilística do que gramatical, como em determinadas ocorrências. Essa escolha é motivada pela vontade de deixar a preposição em destaque para que ela não seja enfraquecida pela elisão.

Segundo Leda Bisol (1992), no português do Brasil (PB), em uma sequência de duas vogais adjacentes na fronteira de palavras, a elisão se aplica, recorrente ou opcionalmente, em função dos traços anterior/posterior do fonema vocálico. Nesse caso, temos duas situações: a) quando a vogal seguinte for posterior, é muito comum ocorrer a elisão e b) quando a vogal seguinte for anterior, a elisão é opcional. Observe os exemplos fornecidos pela autora:

- a) Eu estava **h**ospitalizado → Eu estav[o]spitalizado
- b) Casa **e**scura → ca[zis]cura ou cas[zes]cura

De acordo com Bisol, a elisão do primeiro exemplo retrata o tipo mais comumente usado no PB. O segundo exemplo, por sua vez, não exclui a possibilidade de a elisão ser opcional. Em contextos de formalidade, que requerem uma fala mais cuidadosa, admite-se o hiato: cas[a][e]scura.

Na literatura sobre esse assunto, é consenso afirmar que os contextos que favorecem a realização da elisão se dão entre vogais adjacentes e admite-se o fenômeno como decorrente de um mecanismo de ressilabação com consequências prosódicas.

## Crase

Como você já estudou no decorrer de sua formação, a *crase* é um fenômeno de fusão de dois sons idênticos. No PB, geralmente ela ocorre quando há o encontro de uma preposição *a* com um artigo definido feminino *a*, gerando duas sequências de *a* que, foneticamente, são realizadas como um só som. A escrita sinaliza esse fenômeno com o acento gráfico grave, como podemos ver no exemplo: “Fui **à** praia”.

A evidência de que, na frase acima, existem dois elementos – e não um só – pode ser constatada quando substituímos a preposição *a* pela

preposição *em*, a qual, ao juntar-se ao artigo *a*, gera *na*, como em “Fui **na** praia”, expressão de uso corriqueiro na comunicação oral. O *na* evidencia a presença de uma preposição – no caso, *em* – e de um artigo; portanto, dois elementos. Daí o uso do acento grave para sinalizar a presença da crase na frase realizada com a preposição *a*.

Embora estejamos habituados a estudar a crase em contextos sintáticos, ela também pode ser tomada nos estudos fonético-fonológicos, ocorrendo sempre que uma palavra terminar por um som que coincida com o som inicial da palavra que a segue, gerando apenas uma realização sonora, tal como ocorre nos exemplos a seguir:

“menina alegre” → “menin[a]legre”

“vejo usinas” → “vej[u]sinas”

Observe que se tratam, em ambos os casos, de vogais átonas e, por isso, essa crase é considerada um tipo especial de elisão.

## Haplologia

Por fim, nesta aula, outro fenômeno de fonética sintática que merece atenção é a *haplologia*, que consiste na supressão de uma sílaba no contexto de duas sílabas contíguas iguais ou semelhantes. Também pode ocorrer no interior de vocábulos e em fronteira entre vocábulos formais, como os exemplos que seguem:

“paralepípedo” – *paralelepípedo*

Veja que, no exemplo dado, a supressão ocorre no interior de um mesmo vocábulo e não na cadeia sintática, conforme o que é evidenciado a seguir:

“para o la de dentro” – *para o lado de dentro*.

O que leva à haplologia é o enfraquecimento de sequências compostas em virtude de os elementos apresentarem propriedades articulatórias semelhantes, como pode ser observado a seguir:

a) *leite tirado* = “leitirado”

b) *Faculdade de Letras* = “Faculdade Letras”

c) *tapete de vime* = “tapetivime”

d) *leite de coco* = “leiticoco”

Diferentemente da elisão, em que a redução se dá apenas na vogal átona final, na haplologia há apagamento total de uma sílaba se ela estiver adjacente à outra e seus segmentos forem foneticamente iguais (exemplos *a* e *b*) ou semelhantes (exemplos *c* e *d*). Logo, a condição para que haja haplologia é a semelhança entre os segmentos de fronteira. Conforme bem mostram os exemplos oferecidos, as consoantes só diferem entre si pela sonoridade. É o que ocorre em nos exemplos *c* e *d*, em que as consoantes /t/ e /d/ são ambas oclusivas/alveolares, porém /t/ é surda e /d/, sonora.

Estudos realizados com dados de fala natural mostram que alguns contextos bloqueiam ou favorecem a haplologia. Ao analisar a fala na variedade paulista do PB, Vanessa Pavezi (2006) constatou que a sequência composta pelo monomorfema representado pela preposição *de* + item lexical inibe o fenômeno:

“a espiga de milho depois *de debulhada*... fica sabugo”  
(dados do Nurc – SP).

Do contrário, a sequência item lexical + preposição *de* é contexto favorecedor da ocorrência do fenômeno:

“peixe não gosto... porque não gos(*to*) *de* peixe...”

Os dados nos mostram que a posição do monomorfema *de*, numa sequência composta, é relevante para a ocorrência ou não da haplologia.

A autora salienta que o processo de elisão tem comportamento semelhante ao da haplologia em contextos de monomorfemas, ou seja, há o bloqueio da elisão em contextos formados por monomorfemas + item lexical. Já os contextos formados por item lexical + monomorfemas permitem a elisão, conforme mostram, respectivamente, os exemplos a seguir (PAVEZI, 2006, p. 70):

a) *a outra* reunião (bloqueio de elisão)

b) *fica um* pouco (elisão)



## Nurc

Um dos mais importantes bancos de dados da oralidade urbana culta. O projeto Norma Urbana Culta (Nurc) é uma referência para os estudos da variante culta do português brasileiro. Trata-se de um acervo de entrevistas gravadas nas décadas de 70 e 90 com informantes de nível superior completo.

Alkmin e Gomes (1982) acrescentam que o fenômeno da haplologia se limita à sílaba final CV seguida da sílaba inicial C(C)V da palavra subsequente. Isso significa que contextos silábicos favorecedores da haplologia são:

CV + CV (*limite de* palavra > limi[d]palavra) ou

CV + CCV (*quanto trabalho* > quan[t]balho).

Parece simples, não? Agora compare os exemplos acima com os que vêm a seguir:

“cano novo”

“o mengo goleou”

Ao pronunciar essas palavras de fronteira, você conseguiu realizar a haplologia? Provavelmente não. Isso deixa claro que a semelhança entre as consoantes das sílabas envolvidas não é condição suficiente para a realização do fenômeno, apesar de os exemplos apresentarem um contexto consonantal subjacente /b + b/; /n + n/; /g + g/. O assunto é muito mais complexo do que se apresenta; no entanto, não é o nosso objetivo aprofundá-lo, mas queremos que você tenha noção do que trata a fonética sintática, de qual a relevância de seu estudo e que seja capaz de identificar quais fenômenos são resultantes dela.

## Ditongação

Outra possibilidade de sândi externo é a chamada *ditongação*. Diferentemente do processo fonológico homônimo estudado anteriormente, em que a ditongação consiste no acréscimo de uma semivogal em uma palavra, como ocorre na realização carioca ['nɔʃ] para “nós”, a ditongação, nos estudos da fonética sintática, consiste na realização de uma vogal final de vocábulo como semivogal, em junção com palavra iniciada por vogal distinta. Cavaliere apresenta como exemplo um trecho de poema de Olavo Bilac: “Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada/E triste, e triste e fatigado eu vinha” (BILAC *apud* CAVALIERE, 2010, p. 126).

A leitura dos versos decassílabos gera a realização de um tritongo, observe: E| tris| te| tris| te| fa| ti| ga| d[wew] | vi (nha).

Esse fenômeno também é conhecido como *sinalefa*. Cavaliere comenta, em sua obra, que o PB é mais afeito à sinalefa que à elisão, exemplificando com a pronúncia da cidade de Porto Alegre como Port [wa] legre e não Port[a]legre, exceto quando ambas as vogais são tônicas, situação em que ocorre hiato.



## Sinalefa

Fenômeno fonético no qual a vogal final de sílaba perde sua autonomia e se torna uma semivogal que, por sua vez, passa a formar ditongo com a vogal da palavra seguinte, ou seja, duas sílabas se transformam em uma. É o que se observa em

Port[wa]legre (Porto Alegre)

Fatigad[wew ...] (fatigado eu...).

A propósito do assunto, Bechara (1999, p. 81) cita alguns exemplos que permitem a ditongação na sequência de vocábulos por estarem condicionados à tonicidade das vogais. Assim, ocorre a ditongação nas seguintes situações:

- a) se a vogal final do primeiro vocábulo da cadeia for tônica e a do vocábulo seguinte iniciar-se por vogal átona *i*, *e*, *o* ou *u*:

Vê **u**medecer **vêu**/me/de/cer

Lá **i**ronizei **lái**/ro/ni/zei

- b) se a vogal átona final for *a* e a inicial for *i*:

certa idade: cer/**tai**/da/de

certa indiferença: cer/**tain**/di/fe/ren/ça

- c) se a vogal átona final for *i* (*e*) e a inicial qualquer uma, exceto *i* (*e*):

júri amigo: ju/**ria**/mi/go

livre arbítrio: li/v**riar**/bi/trio

- d) se a vogal final for *u* (*o*, *u*):

Santo Antônio: san/**toan**/to/nio

Medo horrível: me/**duo**/ri/vel

Esse ano: e/**sea**/no

No entanto, quando a vogal átona final for *a* e a inicial *i*, o processo não se restringirá à ditongação, também sendo possível a formação de uma elisão e de um hiato. Tal é o caso de “certa idade”:

- e) ditongação:

cer/**tai**/da/de

Elisão: cer/**ti**/da/de

Hiato: cer/**ta/i**/da/de

Você notou que o fenômeno em questão envolve sempre uma vogal átona? Pois é, esse é um condicionante de suma importância para que a ditongação aconteça. Se houver uma sequência de sílabas tônicas, ela já não mais ocorre, mas, sim, um hiato, conforme o evidenciado em: **boné usado**; **lá iremos**.

## Atividade 1

### Atende aos objetivos 1 e 2

1. De acordo com o que estudamos nesta aula, assinale V para as alternativas verdadeiras e F para as falsas:

- a) ( ) Fonética sintática é o nome que se dá aos estudos das relações sintagmáticas dentro do vocábulo fonológico.
- b) ( ) Fonética sintática designa o estudo das variações morfológicas nas palavras em face de condicionamento fonológico, especificamente no que tange às mudanças fonéticas resultantes do contato entre duas ou mais palavras.
- c) ( ) Fonética sintática estuda as transformações fonéticas ocorridas no sujeito e no predicado oracional.
- d) ( ) Em fonética sintática, a elisão e a haplologia constituem-se como processos de redução fonológica relacionados à queda de segmentos em limite de palavras.

2. Observe um trecho da letra da canção “Como uma onda”, de Lulu Santos. Há, nela, um dos três fenômenos estudados nesta aula. Identifique-o:

“Nada do que foi será/de novo do jeito que já foi um dia./Tudo passa, tudo sempre passará./A vida vem em ondas, como o mar./Num indo e vindo infinito” (SANTOS; MOTTA, 1983).

---



---



---



---



---

3. Observe os exemplos abaixo e faça a correspondência dos possíveis processos envolvidos:

- |                   |                          |
|-------------------|--------------------------|
| a) roda esportiva | ( ) ditongo, hiato       |
| b) livre arbítrio | ( ) crase, elisão, hiato |
| c) livre imprensa | ( ) crase, elisão        |
| d) aviso urgente  | ( ) elisão, hiato        |
| e) casa amarela   | ( ) crase, elisão, hiato |

### **Resposta comentada**

1. a) (F); b) (V); c) (F) e d) (V). A alternativa a) é falsa porque associa estudos sintáticos às relações entre os morfemas de um vocábulo. Não é o caso, pois a fonética sintática estuda as alterações fonéticas que incidem no limite das palavras. A alternativa c) é falsa pois as transformações fonéticas ocorrem no limite das palavras, independente de sua função sintática na oração ou no período.
2. Embora a escrita não evidencie, há, na pronúncia da sequência “como o mar”, crase, pois ocorre a fusão dos sons foneticamente semelhantes (o + o > u): comumar.
3. (b), (d), (e), (a), (c).

### **Conclusão**

Nesta aula, estudamos alguns fenômenos associados à fonética sintática: a elisão, a crase, a haplologia e a ditongação. Embora, atualmente, se admita a tese de que a fonologia não se inclui no campo da investigação da gramática, é importante observar que, na descrição de certos fenômenos de junção de palavras, devem-se considerar as relações sintáticas que se estabelecem entre elas.

### **Atividade 2**

*Atende aos objetivos 1 e 2*

Identifique, nos casos a seguir, qual o fenômeno fonético motivador dos registros gráficos desviantes:

- a) Título de livro: *Quebrando silêncio*.

---



---



---

- b) Ele ficou na cama todo dia. Só saiu à noite.

---



---

---

---

c) Aquela noite foi esplendíssima!

---

---

---

d) Pó deixar.

---

---

---

### **Resposta comentada**

a) Há, no título do livro, a ausência do artigo definido masculino exigido pela expressão *o silêncio*, que completa a ideia do verbo. A supressão do artigo foi influenciada pela crase do *-o* final da forma verbal com o artigo em questão.

b) O mesmo fenômeno ocorre na alternativa b, em que deveria haver o artigo *o* na expressão *todo o*, que significa *inteiro*. Sem o artigo, a palavra ganha outro sentido (cada), gerando uma incoerência no enunciado.

c) Há, no exemplo, uma haplologia, que gerou a supressão da sílaba *di*, em esplendíssima.

d) Há, também nesta alternativa, haplologia, com o apagamento da sílaba *de* da forma verbal auxiliar *pode*.

---

---

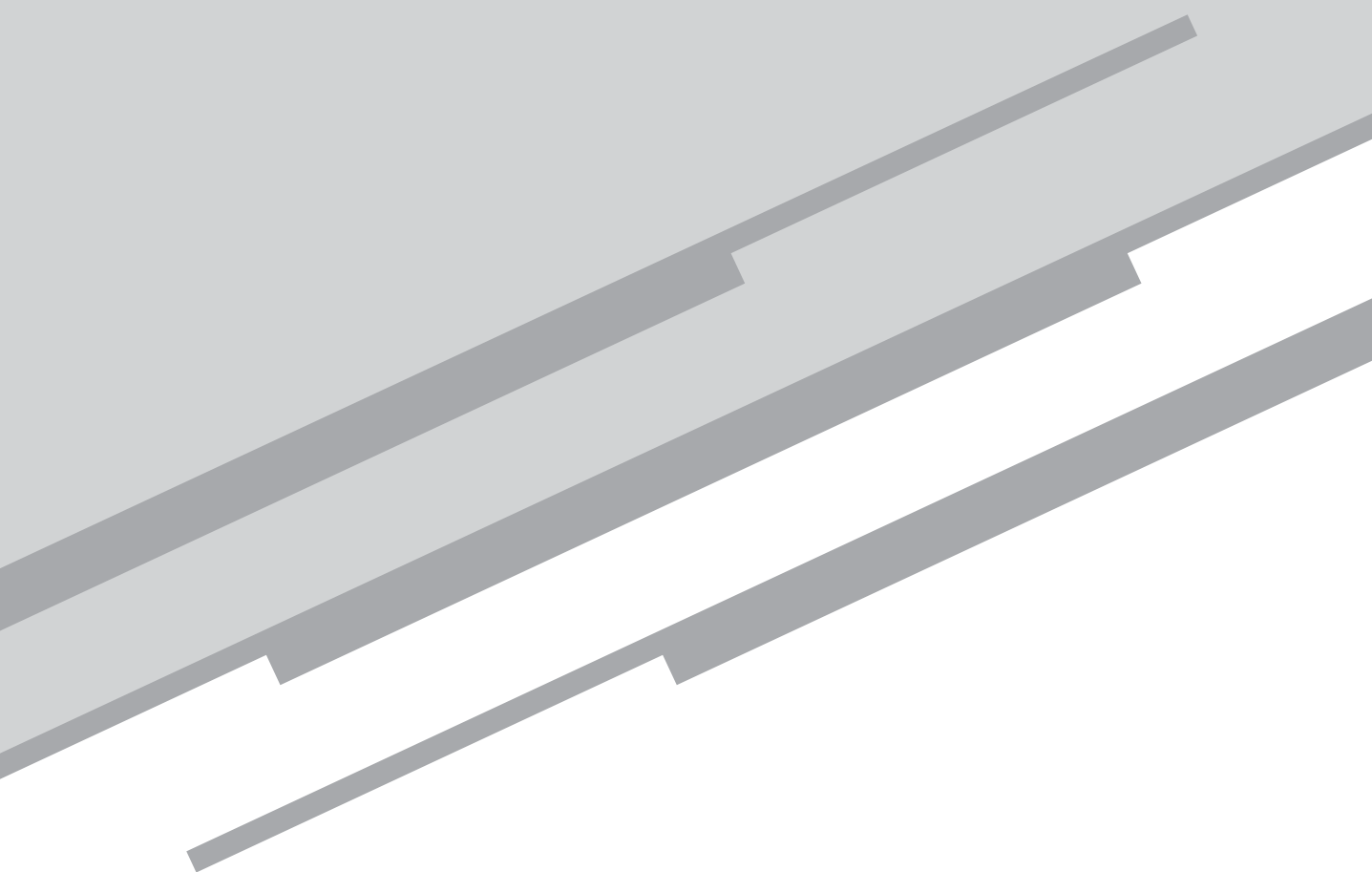
---

### **Resumo**

Embora nos interessem, especificamente, nesta aula, os fenômenos ocorridos para além dos limites dos vocábulos formais, vimos que os quatro fenômenos estudados – elisão, crase, haplologia e ditongação – podem ocorrer tanto entre um vocábulo e outro como em seu interior. Enquanto a elisão consiste no apagamento de um segmento específico (classificando-se em aférese, apócope ou síncope, dependendo de onde ocorre o apagamento), a crase consiste na fusão de dois elementos iguais. A haplologia, por sua vez, consiste no apagamento de uma sílaba

por decorrência de haver outra igual ou semelhante em sequência. Uma tendência contrária ao fenômeno de apagamento de elementos em fronteiras de palavras observa-se com a ditongação, em que há a possibilidade de a vogal átona final de um vocábulo ser pronunciada como uma semivogal (ou), formando, assim, um ditongo.

# Referências



## Aula 10

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.

SEARA, Izabel Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga; LAZ-ZAROTTO-VOLCÃO, Cristiane. *Fonética e fonologia do português brasileiro: 2º período*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

## Aula 11

ABAURRE, Maria Bernadete Marques; PAGOTTO, Emílio Gozze. Nasalização fonética e variação. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). *A construção fonológica da palavra*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 141-166. (Gramática do português culto falado no Brasil, v. 7).

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. *Iniciação à fonética e à fonologia*. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

MORAES, João Antonio de. Produção e percepção das vogais nasais. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). *A construção fonológica da palavra*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 95-112. (Gramática do português culto falado no Brasil, v. 7).

SILVA, Thaís. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

## Aula 12

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

\_\_\_\_\_. *Problemas de linguística descritiva*. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

CAVALIERE, Ricardo. *Pontos essenciais em Fonética e Fonologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Lucerna, 2010.

COLLISCHONN, Gisela. A sílaba em português. In: BISOL, Leda (Org.). *Introdução aos estudos de Fonologia do português brasileiro*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p. 91-124.

SILVA, Thaís Cristófar. *Dicionário de Fonética e Fonologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

## Aula 13

BISOL, Leda. Sândi vocálico externo. In: ABAURRE, Maria Bernadete (Org.). *A construção fonológica da palavra*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 53-72. (Gramática do Português Culto Falado no Brasil, v. 7).

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. O estatuto do erro na língua oral e na língua escrita. In: GORSKI, Edair M.; COELHO, Izete I. (Org.). *Sociolinguística e ensino*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006. p. 267-276.

\_\_\_\_\_; OLIVEIRA, Tatiana de. Corrigir ou não variantes não padrão na fala do aluno? In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris; MACHADO, Veruska Ribeiro (Org.). *Os doze trabalhos de Hércules: do oral para o escrito*. São Paulo: Parábola, 2013. p. 45-62.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Análise fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado de Letras, 2002. (Coleção Ideias sobre a linguagem).

DOCKHORN, Nestor. *Roteiros de Fonética e Fonologia do português*. Volta Redonda, 2005. Disponível em: <<http://nestordockhorn.net/>>. Acesso em: 10 fev. 2011.

GARCIA, Tania Mikaela. – Olha a istela – Processo ou desvio? *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 25-47, 2004.

MOLLICA, Maria Cecília. *Da fala coloquial à escrita padrão*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

OTHERO, Gabriel de Ávila. Processos fonológicos na aquisição da linguagem pela criança. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 3, n. 5, 2005. Disponível em: <[http://www.revel.inf.br/site2007/\\_pdf/5/artigos/revel\\_5\\_processos\\_fonologicos.pdf](http://www.revel.inf.br/site2007/_pdf/5/artigos/revel_5_processos_fonologicos.pdf)>. Acesso em: 10 fev. 2011.

SEARA, Izabel Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga; LAZAROTTO-VOLCÃO, Cristiane. *Fonética e Fonologia do Português Brasileiro*: 2º período. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

VOGELEY, Ana Carla Estellita. Aquisição da fonologia e processos fonológicos. In: HORA, Dermeval da; RIBEIRO, Juliene Lopes Pedrosa (Org.). *Introdução à Fonologia do Português Brasileiro*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012. p. 209-237. (Coleção Todas as Letras, v. 1).

YAVAS, Mehmet; HERNANDORENA, Carmen L. Matzenauer; LAMPRECHT, Regina Ritter. *Avaliação fonológica da criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

## Aula 14

ALVES, Gilson Chicon. Acento primário. In: HORA, Dermeval da; RIBEIRO, Juliene Lopes Pedrosa (Org.). *Introdução à fonologia do português brasileiro*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012. p. 183-208 (Coleção Todas as Letras).

BISOL, Leda. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

\_\_\_\_\_. (Org.). A sílaba e seus constituintes. In: ABAURRE, Maria Bernadete (Org.). *A construção fonológica da palavra*. São Paulo: Contexto. 2013. p. 21-52 (Gramática do Português Culto Falado no Brasil, v. 7).

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 1989. 1. ed. 1970.

COLLISCHONN, Gisela. A sílaba em português. In: BISOL, Leda (Org.). *Introdução aos estudos de Fonologia do português brasileiro*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 1998

SILVA, Amós C.; MONTAGNER, Aírto C. *Dicionário latino-português*. São Paulo: Ingráfica, 2005.

SILVA, Thaís Cristófar. *Dicionário de Fonética e Fonologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

## Aula 15

ALMEIDA, Guilherme de. *Poesia vária*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1963.

ALVES, Castro. *Obra completa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966.

AMARAL, S. M. A; FABRI, K. M. C. A metáfora poética em letras de música do compositor Chico Buarque de Hollanda durante a ditadura militar. *FAZU em Revista*, Uberaba, n. 5, p. 122-131, 2008.

ANDRADE, Carlos Drummond. *Poesia e prosa*. 8. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1992.

\_\_\_\_\_. Obrigado. *Crônicas urbanas*: minhas impressões digitais. 2010. Disponível em: <<https://cronicasurbanas.wordpress.com/tag/carlos-drummond-de-andrade/>> Acesso em: 10 set. 2015.

ANDRADE, Eugénio. *Palavras interditas*. 2015 Disponível em: <<http://www.citador.pt/poemas/as-palavras-interditas-eugenio-de-andrade>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

ANJOS, Augusto dos. *Psicologia de um vencido*. [1912]. Disponível em: <[http://www.letraseletras.com.br/home/livros/categorias/autores/augusto-dos\\_anjos/eu.pdf](http://www.letraseletras.com.br/home/livros/categorias/autores/augusto-dos_anjos/eu.pdf)>. Acesso em: 23 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. *Eu*. [1912] Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn00054a.pdf>> Acesso em: 12 de outubro de 2014.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 2013. Disponível em: <<http://www.projetolivrolivre.com/>>. Acesso em: 17 set. 2015.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2010.

AZEVEDO, Álvares de. Minha desgraça. In: MARTINS, J. R. (Org.). *Cadernos de poesia*: romantismo para todos os dias. v. I. Brasília: Thesaurus, 2008.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

\_\_\_\_\_. Trem de ferro. [1936]. Disponível em: <<http://pensador.uol.com.br/frase/NDA3OTIw/>> Acesso em: 17 set. 2015.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BILAC, Olavo. *Língua portuguesa. Poesias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1964.

BUARQUE, Chico. Ana de Amsterdam. [1972]. In: MORGADO, Paulo. *Cem argumentos. Porto: Vida Econômica, 2004*.

\_\_\_\_\_. Chico. Minha História. *Construção (Disco)*. Rio de Janeiro: Phillips Records, 1971. 1 disco, 33 1/3 rpm, estério, 12 pol.

\_\_\_\_\_. Cálice. [1978]. Disponível em: <<http://letras.mus.br/chico-buarque/45121/>> Acesso em: 17 jun. 2015.

\_\_\_\_\_. Janaína. *Álbum Chico Buarque de Hollanda*. v. 3. São Paulo: Gravadora RGE (Som Livre), 1968.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Edição comentada. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

\_\_\_\_\_. Amor é fogo que arde sem se ver. [1843]. Disponível em: <[https://pt.wikisource.org/wiki/Obras\\_completas\\_de\\_Luis\\_de\\_Cam%C3%B5es](https://pt.wikisource.org/wiki/Obras_completas_de_Luis_de_Cam%C3%B5es)>. Acesso em: 12 jan. 2015.

CARVALHO, Castelar de. A Estilística e o ensino do Português. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro, série 8, n. 12, 2004. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/abf/vol5/num1-05.htm>>. Acesso em: 15 out. 2014

CASTRO, Eugênio. Um sonho. [1889]. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/eug01.html>> Acesso em: 13 de janeiro de 2015.

CAVALIERE, Ricardo. *Pontos essenciais em fonética e fonologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2010.

ELIA, Sílvio. *Orientações da lingüística moderna*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. 17. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo: Segmento, ano IV, n. 56, p. 23; 20--.

MATOS, Gregório de. A Cristo Nosso Senhor Crucificado. In: BASTOS, A. *Poesia brasileira e estilos de época*. 2 ed. rev. e aumentada. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004. p. 13.

MEIRELES, Cecília. A chuva chove. [1923]. Disponível em: <<http://www.escritas.org/pt/livro/cecilia-meireles>> Acesso em: 25 jul. 2015.

\_\_\_\_\_. *Ou isto ou aquilo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

MOISÉS, Massaud. *Literatura portuguesa através de textos*. São Paulo: Cultrix, 1994.

MORAES, Vinicius. O relógio. [1970] Disponível em: <<http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/o-relogio>> Acesso em: 17 nov. 2014.

\_\_\_\_\_. Soneto da fidelidade. In: \_\_\_\_\_. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960.

\_\_\_\_\_. Soneto do amigo [1946]. Disponível em: <<http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/livros/poemas-esparsos>> Acesso em: 14 maio 2014.

MOTA, Silvia. *Paranomásia poética*. 2008. Disponível em: <<http://www.autores.com.br/publicacoes-artigos/142-literatura/poetrix/13008-paranomasia-poetica.html>> Acesso em: 12 set. 2016.

NAGY, Ricardo Para tudo: paráfrase, paródia, paronomásia, parônimo, palíndromo e anagrama. *Ricardo Nagy's blog*. 21 abr. 2012 Disponível em: <<https://ricardonagy.wordpress.com/2012/04/21/para-tudo-parafrase-parodia-paronomasia-paronimo-palindromo-e-anagrama/>>. Acesso em: 12 abr. 2015.

PEREIRA, Maurini de S. A. As marcas escritas que orientam a prosódia no texto publicitário. *Dito Efeito*, UTFPR-campus Curitiba, v. 1, ano 1, n. 1, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/de/article/view/2159/2035>>. Acesso em: 9 set. 2015.

PROVIDÊNCIA. *Priberam* (Dicionário On-line). Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/providencia>>. Acesso em: 19 fev. 2018.

QUINTANA, Mario. *80 anos de poesia*. Rio de Janeiro: Globo, 1994.

ROMUALDO, Edson Carlos. A expressividade fônica e o trabalho do professor de língua portuguesa. *Polifonia*, Cuiabá, v. 18, n. 23, p. 43-66, jan./jun. 2011.

SOUSÂNDRADE, Joaquim de. Minha pátria é minha língua. Disponível em: <[http://ofingidor2008.blogspot.com.br/2010/05/minha-patria-e-minha-lingua\\_16.html](http://ofingidor2008.blogspot.com.br/2010/05/minha-patria-e-minha-lingua_16.html)> Acesso em: 12 de abril de 2015.

SOUZA, J. da Cruz. Cárcere das almas. In: \_\_\_\_\_. *Últimos sonetos* [1905]. Disponível em: <<http://www.casadobruzo.com.br/poesia/c/carcere.htm>> Acesso em: 15 fev. 2015.

TEATRO MÁGICO. Eu não sou Chico mas quero tentar. 2008. Disponível em: <<http://letras.mus.br/o-teatro-magico/408941>> Acesso em: 12 jul. 2014.

VENTURA, Zuenir. Segundo Caderno. *O Globo*, Rio de Janeiro, 2 jul. 2008.

VIEIRA, Antônio. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/estudar/portugues/resumo-portugues-figuras-lingua-gem-646762.shtml>> Acesso em: 10 jan. 2015.

## Aula 16

ALKMIM, Mônica Guieiro Ramalho de; GOMES, Cristina Abreu. Dois fenômenos de supressão de segmentos em limite de palavra. *Ensaio de linguística*, Belo Horizonte, n. 7, p. 43-51, 1982.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 33. ed. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1989.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BISOL, Leda. Sândi vocálico externo: degeminação e elisão. *Cadernos de estudos linguísticos*, Campinas, n. 23, p. 83-101, jul./dez. 1992.

CAVALIERE, Ricardo. *Pontos essenciais em fonética e fonologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Lucerna, 2010.

PAVEZI, Vanessa Cristina. *A haplogia na variedade paulista*. 2006. 119 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos)—

Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2006.

SANTOS, Lulu; MOTTA, Nelson. Como uma onda (zen-surfismo). Intérprete: Lulu Santos. In: SANTOS, Lulu. *O ritmo do momento*. [S.l.]: WEA Records, 1983. LP.

SILVA, Thaís Cristófar. *Dicionário de fonética e fonologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVEIRA, Souza da. *Fonética sintática*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.

